

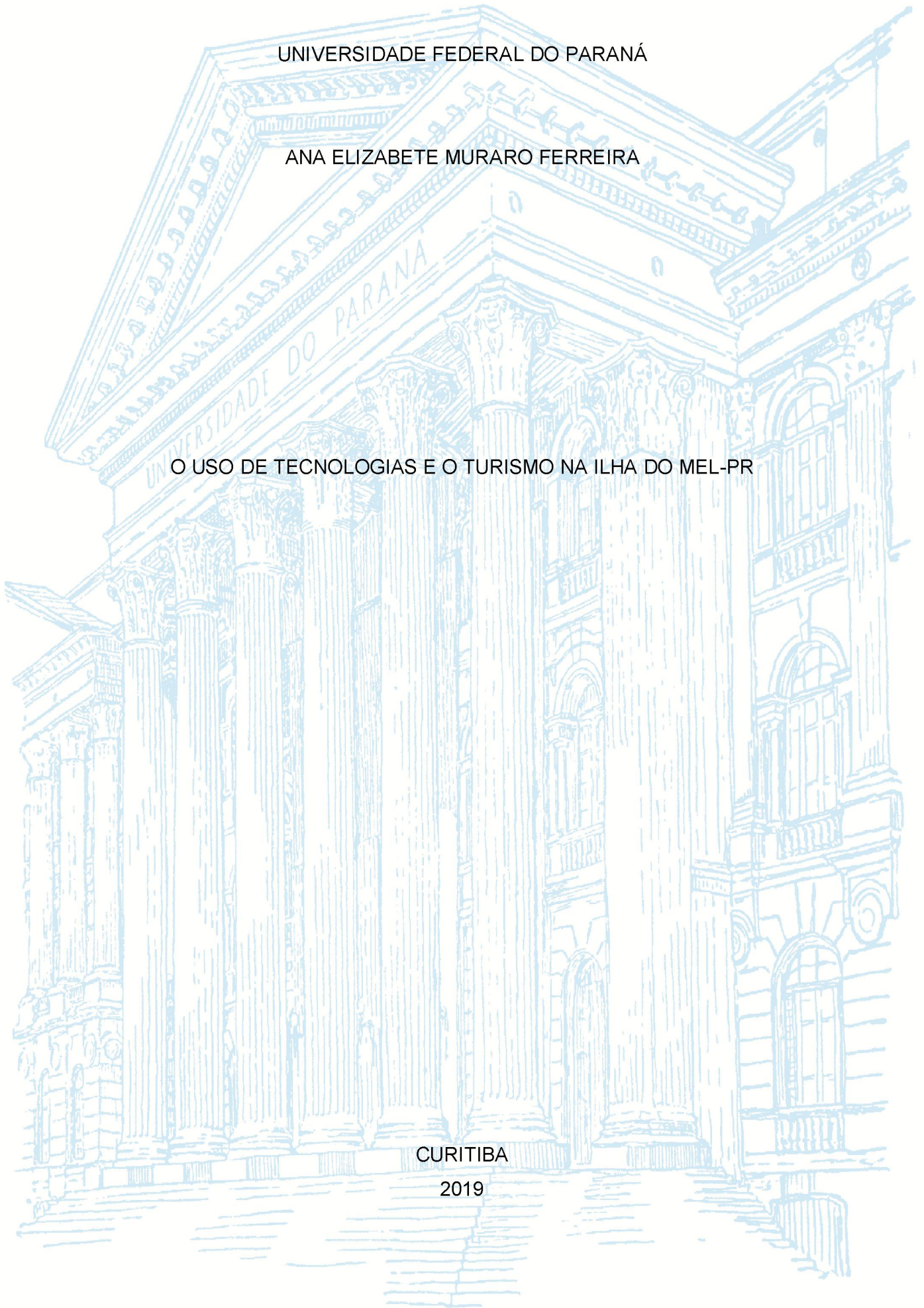
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANA ELIZABETE MURARO FERREIRA

O USO DE TECNOLOGIAS E O TURISMO NA ILHA DO MEL-PR

CURITIBA

2019



ANA ELIZABETE MURARO FERREIRA

O USO DE TECNOLOGIAS E O TURISMO NA ILHA DO MEL-PR

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Turismo, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Turismo.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Ernesto Brambatti.

CURITIBA

2019

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas/UFPR-Biblioteca do Campus Rebouças
Maria Teresa Alves Gonzati, CRB 9/1584
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Ferreira, Ana Elizabete Muraro.

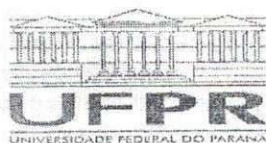
Uso das tecnologias e o turismo na Ilha do Mel-PR / Ana Elizabete Muraro Ferreira. – Curitiba, 2019.

131 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Turismo.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Ernesto Brambatti

1. Turismo – Ilha do Mel (PR). 2. Tecnologia da informação. 3. Globalização. I. Título. II. Universidade Federal do Paraná.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO TURISMO -
40001016079P9

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em TURISMO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de ANA ELIZABETE MURARO FERREIRA intitulada: **O USO DE TECNOLOGIAS E O TURISMO NA ILHA DO MEL -PR**, sob orientação do Prof. Dr. LUIS ERNESTO BRAMBATTI, que após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 27 de Setembro de 2019.



LUIS ERNESTO BRAMBATTI

Presidente da Banca Examinadora (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)



ALEXANDRE AUGUSTO BIZ

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA)



LETÍCIA BARTOSZECK NITSCHÉ

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)



DANIEL HAUER QUEIROZ TELLES

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - CEM)



ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE MESTRADO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM TURISMO

No dia vinte e sete de setembro de dois mil e dezanove às 16:30 horas, na sala 301, Campus Rebouças, foram instaladas as atividades pertinentes ao rito de defesa de dissertação da mestranda **ANA ELIZABETE MURARO FERREIRA**, intitulada: **O USO DE TECNOLOGIAS E O TURISMO NA ILHA DO MEL -PR**, sob orientação do Prof. Dr. LUIS ERNESTO BRAMBATTI. A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Paraná em TURISMO, foi constituída pelos seguintes Membros: LUIS ERNESTO BRAMBATTI (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ), ALEXANDRE AUGUSTO BIZ (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA), LETÍCIA BARTOSZECK NITSCHKE (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ), DANIEL HAUER QUEIROZ TELLES (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - CEM). A presidência iniciou os ritos definidos pelo Colegiado do Programa e, após exarados os pareceres dos membros do comitê examinador e da respectiva contra argumentação, ocorreu a leitura do parecer final da banca examinadora, que decidiu pela Aprovação. Este resultado deverá ser homologado pelo Colegiado do programa, mediante o atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca dentro dos prazos regimentais definidos pelo programa. A outorga de título de mestre está condicionada ao atendimento de todos os requisitos e prazos determinados no regimento do Programa de Pós-Graduação. Nada mais havendo a tratar a presidência deu por encerrada a sessão, da qual eu, LUIS ERNESTO BRAMBATTI, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos demais membros da Comissão Examinadora.

Curitiba, 27 de Setembro de 2019.

LUIS ERNESTO BRAMBATTI

Presidente da Banca Examinadora (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

ALEXANDRE AUGUSTO BIZ

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA)

LETÍCIA BARTOSZECK NITSCHKE

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

DANIEL HAUER QUEIROZ TELLES

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - CEM)

Dedico este trabalho aos meus filhos: Paulo e Flavia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais pela vida.

À Professora Leticia Bartoszeck Nitsche que me acolheu como aluna isolada dando início a concretização de um sonho.

Ao Professor Daniel Hauer Queiroz Telles meu primeiro orientador pela imensa dedicação e apoio.

Ao Professor Luiz Ernesto Brambatti que além das orientações acadêmicas me ensinou que a vida vale a pena.

Ao professor Miguel Bahl por ter iluminado o caminho daqueles que o conheceram.

Ao Professor Marcos Aurélio Tarlombani da Silveira, por não me deixar desistir no meio do caminho.

À Professora Margarete Araujo Teles, por ser a mesma pessoa alegre e exemplar desde a época da nossa graduação.

À Professora Marcia S. M. Nakatani que carinhosamente disponibilizou seu tempo esclarecendo minhas dúvidas.

À Angela Maria de Lara Rodrigues por todas as vezes que me mostrou soluções nos momentos difíceis da vida, fazendo sempre mais do que as demandas acadêmicas.

Aos funcionários do IPHAN/PR pela contribuição de acervo.

Aos funcionários da Secretaria de Turismo do Paraná, que indicaram fontes de pesquisa.

À Isabela Cardozo Queiroz que me acompanhou nas pesquisas de campo.

Ao Leonardo Orlando de Souza Soares pela sua contribuição nos artigos.

Ao Jaelcio França por suas palavras de incentivo

Aos colegas do mestrado que facilitaram a caminhada rumo ao término do curso, especialmente a Tarsila Dominoni por me incentivar na fé.

Aos Ilhéus por estarem sempre de braços abertos para receber pesquisadores.

À Mayna de Aquino fonte presente no deserto que atravessei. Gratidão.

Por fim a todos que de alguma forma colaboraram para a concretização desta pesquisa.

“O mundo é muito grande e nossa vida pode ser muito curta. Melhor não ficar pensando nisso e viajar”.

Miguel Bahl

RESUMO

O presente trabalho tem a finalidade de investigar como se deu o crescente uso de tecnologias e sua relação com o desenvolvimento do turismo na Ilha do Mel, no Estado do Paraná. O turismo ocupa uma posição de destaque na economia mundial com projeções benéficas para o Brasil, sendo a principal atividade econômica atual na Ilha do Mel, local que comporta vários segmentos turísticos, onde o turismo de sol e mar tem sido o mais procurado. Com a globalização ascendente e os constantes desenvolvimentos das tecnologias de comunicação e informação, novas formas de produção e distribuição de bens e serviços surgiram, correlacionando o local com o global. A metodologia usada foi um estudo de caso, através de uma pesquisa exploratória com metodologia qualitativa e quantitativa, com técnicas de revisão bibliográfica, análise documental e entrevistas. Consultando-se a literatura, descreveu-se como eram as instalações de infraestrutura e quais as tecnologias utilizadas nos primórdios da atividade turística e de lazer, fase na qual o turismo foi considerado elitizado. Após um período de estagnação, a atividade turística voltou a crescer e, frente a esse novo mercado promissor, empreendedores migraram para a Ilha em maior número após a implantação da energia elétrica, aumentando toda a infraestrutura turística na localidade. O marketing de divulgação turística da Ilha expandiu-se consideravelmente com o advento da Internet e, no presente, o uso dos aplicativos via celular beneficia o empreendedor e o turista. Na discussão dos resultados constatou-se que a Ilha encontra-se integrada às tecnologias de comunicação e informação e que, segundo os entrevistados, em decorrência do uso destas tecnologias, o fluxo turístico teve um aumento significativo. As tecnologias de comunicação e informação trouxeram mudanças no comportamento dos turistas e os empreendedores buscam se atualizar tecnologicamente para atender às novas demandas. Os principais fatos relacionados com a introdução de tecnologias na Ilha do Mel e os acontecimentos que ocasionaram transformações no cotidiano são demonstrados na matriz de periodização.

Palavras-chave: Ilha do Mel, turismo, globalização, tecnologias.

ABSTRACT

This paper aims to investigate the increasing use of technologies and their relationship with the development of tourism in Ilha do Mel, State of Paraná. Tourism occupies a prominent position in the world economy with beneficial projections for Brazil, being the main current economic activity in Ilha do Mel, a place that has several tourist segments, but sun and sea tourism has been the most sought after. With rising globalization and the constant development of communication and information technologies, new forms of production and distribution of goods and services have emerged, correlating local with global. The methodology used was a case study, through an exploratory research with qualitative and quantitative methodology, with techniques of literature review, document analysis and interviews. Referring to the literature, we described what the infrastructure facilities were like and what technologies were used in the early days of tourism and leisure, at which stage tourism was considered elite. After a period of stagnation, tourist activity grew again and, in view of this promising new market, entrepreneurs migrated to the island in greater numbers after the implementation of electricity, increasing all tourist infrastructure in the locality. Tourism marketing on the island has expanded considerably with the advent of the Internet, and today, the use of mobile applications benefits both the entrepreneur and the tourist. In the discussion of the results it was found that the Island is integrated with communication and information technologies and that, according to the interviewees, due to the use of these technologies, the tourist flow had a significant increase. Communication and information technologies have brought changes in the behavior of tourists and entrepreneurs seek to update themselves technologically to meet new demands. The main facts related to the introduction of technologies in Ilha do Mel and the events that caused changes in daily life are shown in the periodization matrix.

Keywords: Ilha do Mel, tourism, globalization, technologies.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – MAPA DE LOCALIZAÇÃO ILHA DO MEL	57
FIGURA 2 – VISTA PANORÂMICA DA ILHA DO MEL.....	58
FIGURA 3 – FORTALEZA NOSSA SENHORA DOS PRAZERES	60
FIGURA 4 – FAROL DAS CONCHAS ANTIGAMENTE	62
FIGURA 5 – IMAGEM RECENTE- FAROL	62
FIGURA 6 – PRIMEIRO CAMINHÃO COM FINS TURÍSTICOS.....	69
FIGURA 7 – HOTEL ILHA DO MEL ANTES	71
FIGURA 8 – HOTEL ILHA DO MEL ATUAL.....	72
FIGURA 9 – FOTO DA INAUGURAÇÃO DA ESCOLA DE INFORMÁTICA	86
FIGURA 10 – MATRIZ DE PERIODIZAÇÃO	105

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – OS PRINCIPAIS GDS (DADOS DE 2002)	39
QUADRO 2 – ESTATÍSTICAS DE ACESSO À INTERNET NO MUNDO	45
QUADRO 3 – PREFERÊNCIA POR AMENIDADES	50
QUADRO 4 – EVOLUÇÃO DA INFRAESTRUTURA TURÍSTICA	76
QUADRO 5 – FLUXO TURÍSTICO	78
QUADRO 6 – VARIAÇÃO DE FLUXO TURÍSTICO	79
QUADRO 7 – PASSAGEIRO DESTINO ILHA DO MEL.....	80
QUADRO 8 – PORCENTAGEM DE TURISTAS INTERNACIONAIS.....	82
QUADRO 9 – MATERIAL DE CONSTRUÇÃO	92
QUADRO 10 – TIPOS DE ILUMINAÇÃO.....	92
QUADRO 11 – ELETRODOMÉSTICO.....	92
QUADRO 12 – ELETRODOMÉSTICOS ADQUIRIDOS ENTRE 1988 E 1997	93
QUADRO 13 – EVOLUÇÃO DA INFRAESTRUTURA IMOBILIÁRIA.....	94
QUADRO 14 – DISTRIBUIÇÃO DAS ENTREVISTAS	97
QUADRO 15 - TEMPO DE ATIVIDADE A ILHA	97
QUADRO 16 - REGIME ADMINISTRATIVO	98
QUADRO 17 - AMENIDADES TECNOLÓGICAS DISPONÍVEIS NOS EMPREENDIMENTOS.....	98

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – FLUXO TURÍSTICO NA ILHA DO MEL	104
--	-----

LISTA DE SIGLAS

ABALINE	– Associação dos Barqueiros do Litoral do Paraná
AC	– Área de Costa
ACA	– Área de Controle Ambiental
ACOIM	– Associação dos Comerciantes da Ilha do Mel (Brasília e Encantadas).
AEE	– Área Estação Ecológica
AGP	– Ação Global dos Povos
AME	– Associação dos Moradores da Praia de Encantadas
ANPTUR	– Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
ANIMPO	– Associação dos Nativos da Ilha do Mel
AOPT	– Área de Ocupação de População Tradicional
AP	– Área de Praia
APE	– Área do Parque Estadual
AR	– Área de Reversão
ARPA	– Advanced Research Project Agency
AV	– Área Verde
AVL	– Área de Vilas
BPFLO	– Batalhão da Polícia Florestal
CEM	– Centro de Estudos do Mar
COPEL	– Companhia Paranaense de Energia
CRS	– Computer Reservations System
EAD	– Educação a Distância
EMILHA	– União das Mulheres da Ilha
FMI	– Fundo Monetário Internacional
FSM	– Fórum Social Mundial
GDS	– Global Distribution System
GLP	– Gás Liquefeito de Petróleo
GPS	– Global Position System
HTTP	– Hypertext Transfer Protocol
HTML	– Hypertext Markup Language
IAP	– Instituto Ambiental do Paraná

IBGE	– Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBM	– International Business Machines Corporation
IDH	– Índice de Desenvolvimento Humano
IPHAN	– Instituto Patrimônio Histórico Artístico Nacional
OCDC	– Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
OMC	– Organização Mundial do Comércio
ONG	– Organização Não-Governamental
PIB	– Produto Interno Bruto
PRTUR	– Paraná Turismo
SPU	– Secretaria do Patrimônio da União.
SEBRAE	– Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SEMA	– Secretaria de Estado do Meio Ambiente
SETU	– Secretaria do Estado de Turismo
TCP/IP	– Transmission Control Protocol/ Internet Protocol
TEC/PAR	– Instituto de Tecnologia do Paraná
TELEPAR	– Telecomunicações do Paraná
TIC	– Tecnologia de Informação e Comunicação
UC	– Unidade de Conservação
URSS	– União das Repúblicas Soviéticas Socialistas
WWW	– World Wide Web
WTTC	– World Travel & Tourism Council

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	18
2 GLOBALIZAÇÃO E TECNOLOGIAS	24
2.1 ORIGENS DA GLOBALIZAÇÃO	24
2.2 O QUE É GLOBALIZAÇÃO E INTERNACIONALIZAÇÃO?	25
2.3 REAÇÕES À GLOBALIZAÇÃO	29
2.4 O GLOBAL E O LOCAL	30
2.5 O TURISMO NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO	32
2.6 TECNOLOGIAS	34
2.7 TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E O TURISMO	37
2.8 TECNOLOGIAS E INOVAÇÃO	42
2.9 AS TECNOLOGIAS E OS TRANSPORTES.....	46
2.10 AS TECNOLOGIAS E OS MEIOS DE HOSPEDAGEM.....	47
2.11 TECNOLOGIAS E AMENIDADES.....	49
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	51
4 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO	56
4.1 LOCALIZAÇÃO E TERRITÓRIO	56
4.2 A HISTÓRIA DA ILHA DO MEL	59
4.3 A POVOAÇÃO DA ILHA DO MEL	62
4.4 COMUNIDADES	63
4.5 GESTÃO DO TERRITÓRIO	64
4.6 ZONEAMENTO AMBIENTAL DA ILHA DO MEL.....	66
4.7 OS PRIMÓRDIOS DO TURISMO NA ILHA DO MEL	67
4.8 RENOVAÇÃO DO DESTINO	74
4.9 OS DADOS DO TURISMO NA ILHA.....	78
4.10 INTERNACIONALIZAÇÃO DO TURISMO NA ILHA.....	81
5 O USO DE TECNOLOGIAS NA ILHA DO MEL	83

5.1 ENERGIA ELÉTRICA NA ILHA DO MEL	83
5.2 O ADVENTO DA COMUNICAÇÃO NA ILHA DO MEL	85
5.3 EVOLUÇÃO DO TRANSPORTE PARA A ILHA	87
5.4 EVOLUÇÃO DO CENÁRIO TECNOLÓGICO DO ILHÉU	91
6 SÍNTESE DOS RESULTADOS	96
6.1 LINHA DO TEMPO DAS TECNOLOGIAS.....	101
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
8 REFERÊNCIAS	109
ANEXO 1 - QUESTIONÁRIO	128
ANEXO 2 – DADOS DO FLUXO TURÍSTICO DA ILHA DO MEL FORNECIDOS PELA ABALINE VIA WHATSAPP	131

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa a relação do turismo com o uso de tecnologias na Ilha do Mel-PR. Para chegar às atuais tecnologias de comunicação e informação (TICs) essenciais nas atividades turísticas, várias outras as antecederam e as que mais se destacaram foram relacionadas neste estudo. O recorte temporal contempla desde a inauguração do hotel na Ilha em 1934, até 2019. Para este estudo considerou-se a afirmação de Rodrigues (1984) que em 1934 foi inaugurado o hotel ao som de um piano.

O estudo das tecnologias se relaciona com o processo de globalização ao qual a Ilha do Mel, ao desenvolver atividade turística, também está sujeita. Portanto, faz-se necessário um estudo teórico que contemple a relação entre globalização e tecnologias, e a revolução que elas ocasionaram na atividade turística. Nesta mesma idéia discute-se como as tecnologias foram coadjuvantes no processo da globalização e o seu impacto no mundo tanto positiva quanto negativamente.

Atualmente a globalização é foco de discussões nas mais diversas áreas de estudo. No entanto, o peso relevante parece centrar-se na economia. Mesmo reconhecendo o patamar que a economia representa para a globalização, o debate referente a tal assunto não é o propósito deste estudo, ainda que algumas inserções tenham sido feitas porque fizeram parte no desenvolvimento da argumentação. Neste trabalho fez-se uma abordagem geral com viés multidisciplinar, intensificando assim o significado da própria função da globalização.

Os principais conceitos analisados foram dos seguintes autores: Santos (1994; 2001), que nos remete à idéia de globalização do planeta como um todo, apontando as consequências e as possíveis soluções; Giddens (2008), que traz os novos problemas enfrentados neste contexto globalizado; Friedmann (2000), que exemplifica situações comerciais, financeiras, tecnológicas e acontecimentos que ocorreram entre meados do século XIX ao final dos anos de 1920, argumentando assim as distintas fases da globalização; e por fim, Castells (1999), Hirst e Thompson (2002) e Font e Rufí (2006), que distinguem os termos internacionalização e globalização, por vezes confundidos.

Apesar dos diferentes olhares para um mesmo tema, o que é comum à maioria dos autores citados acima é o vínculo que as tecnologias, especialmente as de comunicação e informação, utilizando-se da Internet, têm com a globalização.

Com o fruto destes elos alastraram-se, segundo Ianni (1999), Friedman (2000) e Castells (1999), novas modalidades de trabalho e produção. Para Souza Santos (2002) e Font e Rufi (2006), um dos resultados da globalização é a valorização daquilo que é único e só pode ser encontrado em determinado local. Conforme disse o escritor russo Tolstói, “Canta tua aldeia e serás universal” (Scliar, 2010), afirmação esta que dá relevância à identidade local face ao global.

Em relação às tecnologias de informação e comunicação, Farias (2013) e Silva (2016) comentam como são consideradas as TICs, e Castells (1999) e Friedman (2000) abordam quais as tecnologias cruciais que foram desenvolvidas e possibilitaram o uso atual das TICs. Já sobre as mudanças que as TICs ocasionaram no mercado turístico estudou-se os trabalhos de Buhalis e Law (2008), Machado e Almeida (2010), Thomaz *et al.* (2016) e Beni (2004), como referências teóricas.

No tempo presente, a utilização das TICs é imprescindível na execução em grande parte das atividades sociais, financeiras, econômicas e culturais. Neste estudo, faz-se uma breve explanação sobre a relação entre técnicas e tecnologias, e a evolução das tecnologias que antecederam as atuais no campo da comunicação e da informação, principalmente com o advento da Internet, corroborando a afirmação de Castells (1999) de que a Internet revolucionou a comunicação na era da informação.

A globalização, acompanhada da evolução das tecnologias e da Internet, embora nem todos tenham acesso à Internet, foi mudando o comportamento dos consumidores, que passaram a ser mais exigentes. Esse novo perfil diversificou as estratégias de *marketing*, e ainda no segmento turístico, provocaram inovações nas formas de comercializar. Conforme Beni (2004, p. 19), o setor turístico é apontado em estudos como o segundo mais globalizado, destronado apenas pelo setor de serviços financeiros.

O setor turístico representa 10% do Produto Interno Bruto (PIB) mundial, segundo o secretário-geral da Organização Mundial do Turismo (OMT) Pololikashvili, como informado pela Agência Brasil embasado na Agência EFE (2018). Alcançar esse nível demandou avanço nas inovações tecnológicas que ganharam mais força a partir da década de 1960 por meio das novas experiências em sistema de reservas de passagens aéreas via computador. Mais tarde, a Internet

abriu inúmeras fronteiras modificando toda a cadeia produtiva e distributiva nos meios de hospedagem, alimentação, transporte, entre outras.

Através da Internet e das tecnologias de ponta, novos aplicativos permitiram ao setor turístico a diminuição do tempo de espera por serviços e aumentou a segurança e o conforto dos usuários. Surgiram novas modalidades como, por exemplo, o Airbnb, com a reutilização de espaços em residências, e o Uber, um novo sistema de transporte. Outro produto desta revolução foi o renascimento e a valorização de certas particularidades locais na gastronomia, na cultura e na ecologia, assim como o surgimento de novos segmentos turísticos, inovação nas formas de pagamento e de *marketing*.

Após a Segunda Guerra Mundial, o turismo na Ilha passou por uma fase de estagnação, como descrito nos trabalhos acadêmicos de Figueiredo (1954), Kraemer (1978) e Ribas e Baracho (1984), que transcrevem a situação em que se encontrava a Ilha neste período de transição, entre um passado turístico glamoroso e os indícios da renovação do destino.

O estudo de Reichmann Neto (1999) aborda como a implantação da energia elétrica, alavancou o turismo na Ilha, utilizando-se de entrevistas com veranistas e empreendedores locais e população nativa. Pesquisa esta desenvolvida em três momentos distintos, de 1988, 1992 e 1997. Diante dos resultados, pode-se comprovar o aumento significativo do turismo entre uma etapa e a outra do estudo de Reichmann Neto, bem como a aquisição de eletroeletrônicos pelos Ilhéus.

A escolha de fundamentar o marco teórico no histórico da globalização e das tecnologias de comunicação e informação e suas repercussões justifica-se pelo entendimento de que o turismo na atualidade prescinde destes meios para expandir. Portanto coloca-se como hipótese deste trabalho que o uso dos aplicativos via tecnologia de informação e comunicação, bem como o acesso às tecnologias em uso facilitou o relacionamento entre os empresários do setor turístico e os turistas.

A metodologia utilizada para desenvolver este trabalho foi o estudo de caso. De acordo com as normas propostas por Yin (2001) e Creswell (2014) para o uso deste método, várias fontes de informação foram investigadas. Na presente pesquisa também foram feitas revisões de literatura, análises documentais e de entrevista, observações simples, entrevistas, consultas físicas e virtuais à Biblioteca Pública do Paraná, à Universidade Federal do Paraná, e ao IPHAN/PR, assim como

visitas aos órgãos públicos municipais e estaduais e acesso eletrônico a *sites* e *blogs* via Internet.

Este trabalho consiste de uma abordagem qualitativa e quantitativa, objetivando um estudo exploratório com questionários semi-estruturados. A folha de amostra das entrevistas seguiu o critério de selecionar empreendedores que estão ativos na Ilha do Mel há pelo menos 10 anos, por considerar que neste tempo tenham experienciado as transformações tecnológicas que inovaram a gestão dos negócios. O material utilizado foi gravador, questionário impresso e celular para gravação, contatos e transmissão de dados. Os resultados coletados foram trabalhados nos programas *Excel* e *Word* e as perguntas abertas agrupadas por semelhança.

O objetivo deste trabalho é analisar a inserção das tecnologias como vetores de modernização na Ilha do Mel, e de que forma o turismo se desenvolveu a partir de suas aplicações, e assim construir uma linha do tempo deste processo.

Os objetivos específicos são discutir a relação global/local, identificar e datar a implantação das principais tecnologias de comunicação e informação na Ilha do Mel, e avaliar o efeito destas tecnologias nos empreendimentos ligados ao turismo

A escolha por este perfil de pesquisa tem como justificativa desvendar como se deu o desenvolvimento do turismo na Ilha do Mel, considerando a inserção de cada tecnologia por entender que todas elas contribuíram e fizeram diferença no exercício da atividade turística, com foco especial no poder que exercem as tecnologias de comunicação e informação nos destinos turísticos e o impacto da globalização no processo.

Como problema da pesquisa verifica-se em que medida as novas tecnologias alteraram o fluxo turístico na Ilha do Mel, tanto na execução das atividades rotineiras, quanto na divulgação da Ilha para o turismo, visto que grande parte dos moradores trabalha com o turismo ou em função dele. Adicionalmente, as mudanças advindas de cada inovação tecnológica geram lógicas novas, modificando os métodos e procedimentos de operação da atividade turística. Certamente ocorreram mudanças sócio-culturais que resultaram do uso das tecnologias, provocando adaptações e impactos, mas que não fazem parte do objeto deste estudo.

Parte desta dissertação foi baseada no artigo *Modernização Tecnológica e Desenvolvimento na Ilha do Mel/Pr: Uma Análise Preliminar* (FERREIRA; TELLES,

2017), o qual abordou temas como globalização, relação global/local, e tecnologias, com a finalidade de construir uma matriz de periodização. Desta forma, algumas informações já publicadas no artigo foram aprofundadas e serviram de base para o presente trabalho

Na caracterização da área de estudo detalha-se algumas peculiaridades do local, como os eventos que fizeram parte da história da Ilha do Mel, o desconforto internacional por ocasião das leis escravistas, a intervenção da Fortaleza em episódios de Guerra, a construção do Farol e a implantação das Unidades de Conservação na Ilha.

A utilização de relatos de moradores, frequentadores e proprietários de casas de veraneio publicados pelo IPHAN/PR (2012) permitiu o conhecimento das técnicas e tecnologias utilizadas na Ilha do Mel na fase inicial do turismo. Por meio do rico conteúdo desses depoimentos soube-se como era o perfil do turista na época, as práticas de lazer, a interação com os nativos, a história do primeiro hotel, com o nome Ilha do Mel, e a proibição de descendentes alemães e italianos de frequentar a Ilha por ocasião da Segunda Guerra Mundial.

Os resultados das informações ditas acima fizeram parte do artigo *Os primórdios do turismo e o uso de tecnologias na Ilha do Mel (Paraná, Brasil)* (FERREIRA; BRAMBATTI, 2018) apresentado na Associação Nacional de Pesquisas e Pós-Graduação em Turismo ANPTUR (2018) que contribuíram para analisar as diferentes fases do turismo na Ilha.

A evolução dos meios de transporte, que permitem o acesso marítimo, do serviço de telefonia, da Internet, do sinal de celular, e o fluxo turístico anual com destino Ilha do Mel, faz parte do presente estudo.

As perspectivas de estudos futuros incluem aprofundar a pesquisa utilizando-se do poder que as TICs exercem para implementar políticas públicas que incentivem o fluxo turístico anual, visto que no presente a demanda é sazonal nos meses de verão, ao contrário da etapa inicial do turismo na Ilha, na qual a procura era nos meses de inverno. Outra linha de estudo é o possível retorno do turismo elitizado, o que se percebeu durante esta pesquisa.

Com viés multidisciplinar foram trabalhados no capítulo 2 temas como a origem da globalização, seus impactos positivos e negativos para a humanidade, incluindo neste processo a relação global/local, e as principais tecnologias que auxiliaram o a expansão da globalização. Abordou-se desde as primeiras

experiências utilizadas em fazer reservas de passagens aéreas via computador até as inovações tecnológicas nos meios de hospedagens e no transporte. Com a disponibilização da Internet em larga escala e do uso de aplicativos via celular, o perfil do consumidor mudou e agora, mais informado, ele é mais exigente, de modo que novas estratégias de atendimento e *marketing* se fizeram necessárias.

Um estudo de caso foi a metodologia selecionada, a qual encontra-se detalhada no Capítulo 3. Considerou-se ser a opção metodológica que melhor responde aos objetivos propostos nesta pesquisa.

Na caracterização da área de estudo, a Ilha do Mel, contemplada no capítulo 4, contou-se um pouco da história da qual a Ilha fez parte face aos conflitos militares. Também foi abordada a legislação pertinente às suas Unidades de Conservação e às comunidades existentes. Por meio de relatos de frequentadores, divulgados por IPHAN/PR (2012), soube-se de que forma era desenvolvido o turismo nos anos iniciais do século XX, e o porquê de sua estagnação. Através de trabalhos acadêmicos acompanhou-se o seu renascimento até os dias atuais. Foram trabalhados o fluxo turístico, o turismo internacional e o aumento da infraestrutura voltada ao turismo.

O capítulo 5 referiu-se ao uso de tecnologias na Ilha do Mel. Relatou-se como foram sendo implantadas as tecnologias desde a fase anterior à implantação da energia elétrica até a expansão do uso da telefonia celular na Ilha, e às melhorias advindas do seu uso, bem como a evolução que ocorreu na infraestrutura mobiliária e as formas de acesso em função da atividade turística.

Uma síntese dos resultados obtidos nesta pesquisa foi disposta no capítulo 6. Alguns problemas ainda persistem na Ilha como a falta de saneamento adequado, drogas e falta de segurança. Mesmo assim a Ilha está integrada às tecnologias de comunicação e informação e através do uso destes meios a relação dos prestadores de serviço com os turistas estreitou-se. A construção da linha do tempo e o gráfico com o fluxo turístico fazem parte deste capítulo.

Nas considerações finais, que fizeram parte do capítulo 7, observou-se que as tecnologias de informação e comunicação são imprescindíveis no exercício das atividades turísticas na Ilha do Mel, confirmando a hipótese deste trabalho.

2 GLOBALIZAÇÃO E TECNOLOGIAS

A globalização e as tecnologias foram e continuam sendo frutos de um processo de desenvolvimento constante, especialmente as tecnologias de comunicação e informação, consideradas imprescindíveis no mundo globalizado. Embora sejam visíveis os benefícios oriundos desta revolução tecnológica, surgiram também os reflexos indesejados, que também serão abordados no decorrer deste capítulo.

2.1 ORIGENS DA GLOBALIZAÇÃO

Os primeiros indícios de interação mundial começam a se intensificar a partir das grandes navegações. Gorender (1999, p. 129-130) acrescenta os descobrimentos de Cristóvão Colombo, Vasco da Gama e Fernão Magalhães, e afirma que seria justificável o uso do “[...] termo globalização para indicar a aceleração de processo de internacionalização e de mundialização, que é intrínseco ao capitalismo”. O autor defende que para o capitalismo avançar prescinde um mercado mundial e, em função deste, surge a interação mundial, através de inter-relações econômicas e culturais recíprocas.

De acordo com Friedman (2000, p. 19), a trajetória da globalização ocorreu em fases distintas, sendo a primeira por volta da metade do século XIX até o final dos anos 1920. Sua argumentação sustenta-se nas transações comerciais, financeiras e no volume de mão de obra inter fronteiras, acontecimentos estes auxiliados pelas tecnologias existentes.

O autor supracitado considera como exemplos os grandes volumes de investimentos feitos nos mercados emergentes pela Grã Bretanha, detentora de grande poder na época; os abalos financeiros sentido pelos grandes investidores da Inglaterra, da Europa e da América por conta das ações da estrada de ferro da Argentina ou dos títulos do tesouro da Letônia e da Alemanha; as crises financeiras e bancárias de Nova York que, como resultado da instalação do cabo transatlântico em 1866, repercutiam em Paris e Londres; as invenções da ferrovia, do barco a vapor, do telégrafo e do telefone; e, por fim, a imigração facilitada uma vez que o

passaporte só passou a ser exigido após 1914, anteriormente a obrigatoriedade do mesmo era só em períodos de Guerra.

Para Friedman (2000, p. 19), “os grandes conflitos mundiais quebraram esta primeira fase da globalização e do capitalismo financeiro global e o mundo passou a ser regido pelo novo sistema: a Guerra Fria, por volta dos anos de 1945 a 1989 com a queda do muro de Berlim”. Foi um período estratégico de grandes avanços científicos e tecnológicos decorrentes em partes pela concorrência entre duas superpotências: os Estados Unidos e a União Soviética.

Enquanto a Guerra Fria reinou, o mundo encontrava-se bipolarizado, onde a maioria dos países ou se alinhava com o capitalismo dos Estados Unidos ou com o socialismo da União Soviética. As ideologias, e as estratégias militares deste período encontram-se especificadas nos estudos de Ribeira (2012) e Sá (2014).

As mudanças que tornaram possível a globalização como hoje a vivemos foram as democratizações da tecnologia, das finanças e da informação, que transformaram as formas de comunicação, os investimentos financeiros e a maneira de ver o mundo. Essas mudanças foram se desenvolvendo durante a Guerra Fria, atingindo seu ápice no final dos anos de 1980, aniquilando as barreiras e viabilizando uma interação mundial, beneficiada pela Internet (FRIEDMAN, 2000).

A democratização da tecnologia revolucionou o mundo das comunicações, da computação, da miniaturização e da digitalização. Diminuíram-se os tempos, encurtaram-se as distâncias, facilitaram-se as comunicações, as negociações e os intercâmbios de produção e serviços entre países e empresas e reduziram-se custos. A democratização das finanças quebrou o monopólio dos bancos. “[...] A titularização abriu as portas a todo o gênero de empresas e investidores que nunca antes tinham tido acesso ao capital”. A democratização da informação, por meio das tecnologias como os satélites, as parabólicas, a Internet e a televisão, proporcionou o “[...] ver, ouvir e olhar através de qualquer espécie de parede concebível” (FRIEDMAN, 2000, p. 84-93).

2.2 O QUE É GLOBALIZAÇÃO E INTERNACIONALIZAÇÃO?

Com a globalização, o mundo passou a ser visto de uma forma entrelaçada, uma nova dimensão integrou tudo e a todos na mesma esfera. Pessoas, serviços, meios de comunicação e informação estão agora conectados globalmente. Para entender suas lógicas funcionais seriam necessários estudos específicos. Portanto uma abordagem multidisciplinar melhor corresponde ao tema proposto. Na opinião de Milton Santos,

A globalização constitui o estágio supremo da internacionalização, a amplificação em "sistema-mundo" de todos os lugares e de todos os indivíduos, embora em graus diversos. Nesse sentido, com a unificação do planeta, a Terra torna-se um só e único "mundo" e assiste-se a uma refundição da "totalidade-terra" (SANTOS, 1994, p. 23).

Diferentes interpretações relacionam globalização com internacionalização, porém considerou-se ser o melhor conceito o apresentado nos trabalhos de Font e Rufí (2006), os quais esclarecem o uso muitas vezes equivocados de conceitos como transnacionalização, internacionalização e por fim globalização,

[...] Por internacionalização entendemos a crescente inter – relação de economias e políticas nacionais através do comércio internacional. Por transnacionalização, a crescente organização da produção transfronteiriça por parte de organizações de âmbito supranacional. A globalização não é nem uma coisa nem outra, ainda que englobe ambas. É por outro lado, um fenômeno recente, enquanto que a internacionalização e transnacionalização são muito antigas [...] (FONT; RUFÍ, 2006, p. 35).

Estas definições norteiam o entendimento de movimentos existentes anteriores à globalização. Hirst e Thompson (2002) e Castells (1999) trazem estes conceitos de internacionalização e globalização também voltados à economia e à política com suas repercussões na movimentação comercial mundial. Do ponto de vista de Friedman (2000, p. 33), “A globalização significa a generalização do capitalismo de mercado livre a praticamente todos os países do mundo. [...] suas regras econômicas giram à volta de abrir, desregular e privatizar a economia”.

A globalização é forte nos setores econômicos e financeiros. Giddens (2008) comenta que na maioria das vezes ela é vista como “fenômeno econômico”, mas argumenta que este fator não seria suficiente para comportar a globalização e ressalta que,

[...] A globalização resulta da conjugação de factores sociais, políticos, económicos e culturais. É conduzida, sobretudo, pelos avanços nas tecnologias de informação e comunicação, que intensificam a velocidade e

a amplitude da interação entre as pessoas em todo o mundo (GIDDENS, 2008, p. 75).

O resultado desta “conjugação de fatores”, somado à velocidade e ao alcance das tecnologias, acaba refletindo também na nossa vida cotidiana reformulando a rotina, quebrando velhos modelos em relação ao trabalho e hábitos ou costumes. Até os riscos temidos eram derivados da natureza, tais como a seca, terremotos etc. No mundo globalizado surgem outros problemas que são proporcionalmente causados pelo homem como o aquecimento global e as invasões de computadores por vírus (GIDDENS, 2008, p. 75).

As novas plataformas de trabalho, distribuição e produção acabam gerando, conforme Gorender (1999), muitos efeitos positivos, como a melhoria de qualidade dos produtos e o barateamento do custo. Mas para os países em situação de pobreza e para certas classes de trabalhadores os impactos negativos podem ser desastrosos.

Surgem desigualdades sociais resultantes da valorização da mão de obra especializada em detrimento dos sem qualificação. O emprego das tecnologias acaba por substituir postos de trabalho e fechar muito outros. São notórias as diferenças socioeconômicas entre os países e algumas vezes dentro do próprio país (FRIEDMANN 2000; GORENDER, 1999).

Frente a estas novas realidades, considerando a classificação do mundo globalizado em três subdivisões feita por Santos (2001), nota-se a autenticidade dos fatos negativos que ainda imperam no mundo, mas que com outra ótica poderiam ser solucionados. Segundo o autor o mundo da globalização pode ser como uma fábula, como perversidade e como possibilidade. A globalização como fábula através dos meios de comunicação se apresenta como um mundo ideal e todas as coisas são funcionais. Como perversidade é o mundo real que beneficia apenas uma parcela da população. E apesar de toda a desenvoltura técnica-científica, a globalização também trás para uma boa parte da humanidade consequências tais como,

O desemprego crescente torna-se crônico. A pobreza aumenta e as classes médias perdem em qualidade de vida. O salário médio tende a baixar. A fome e o desabrigo se generalizam em todos os continentes. Novas enfermidades como a SIDA se instalam e velhas doenças, supostamente extirpadas, fazem seu retorno triunfal. A mortalidade infantil permanece, a despeito dos progressos médicos e da informação. A educação de qualidade é cada vez mais inacessível. Alastram-se e

aprofundam-se males espirituais e morais, como egoísmos, os cinismos, a corrupção (SANTOS, 2001, p. 19).

Já a globalização como possibilidade tem como proposta a globalização mais focada no humanismo, com a possibilidade de usar a mesma estrutura para outros fins, com outras ideologias sociais e políticas (SANTOS, 2001).

Apesar de todas as atribuições nefastas ligadas à globalização, são inegáveis os seus benefícios. Como dito por Friedman (2000), através das tecnologias força-se o desempenho mais adequado das atividades empresariais, industriais, governamentais entre outras, que devem estar atentas a certos critérios que sustentaram sua permanência no mercado. O alcance e a precisão das informações forçam uma conduta baseada na segurança, confiabilidade e transparência, onde qualquer deslize está fadado ao fracasso. Outros pontos a destacar são as novas oportunidades em termos de mercado, investimentos e conhecimento abertos a todos, bem como a questão do meio ambiente, que está mais protegida, cobrada e vigiada globalmente.

Outro ponto discutido na teia desenhada pela globalização tem sido a homogeneização. É comum vermos as mesmas bandeiras comerciais, as chamadas *franchises*, em larga escala distribuídas mundo a fora, levando certa padronização de consumo. Como solução para evitar a influência desenfreada que esta estandardização possa causar, seria adequado desenvolver “múltiplos filtros” como “glocalizar”, isto é, aproveitar o que a outra cultura traz de benéfico e resistir a tudo o que lhes parecer “alienígena”. Criar estes filtros faz parte da luta para impedir que o “homogeneizador puxa-empurra do capitalismo global” extermine as culturas (FRIEDMAN, 2000, p. 325-326-335).

Ainda que a homogeneização cultural internacional se encontre em alta, existem espaços onde se defende “[...] definitivamente sentimentos de individualidade e de comunidade, sentimento de identidade” (FONT; RUFÍ, 2006, p. 35). Corroboram Ianni (2006, p. 83) ao afirmar que “os horizontes abertos pela globalização comportam a homogeneização e a diversificação, a integração e a contradição”. Assim, a globalização abriu portas para coexistência entre os diferentes segmentos.

Os movimentos de reação à homogeneização, como lembrados por Font e Rufí (2006), e os filtros citados por Friedman (2000), são cruciais para evitar que

no futuro se tomem reais as palavras ditas por Max-Neef citadas no prefácio do livro de Sampaio (2005), “[...] tudo vai ser tão igual a tudo que em algum momento vou ter que ler uma placa para saber em que país estou, porque senão não vou poder me dar conta [...]” (SAMPAIO, 2005, p. 18).

Os frutos dessas democratizações criaram novas possibilidades, acelerando a globalização de praticamente todos os setores, abrindo novas oportunidades e facilidades nunca antes disponibilizadas, ainda que alguns resultados e a insegurança diante do novo geraram reações (FRIEDMAN, 2000).

2.3 REAÇÕES À GLOBALIZAÇÃO

Movimento antiglobalização, conforme Brindel e Muñoz (2010, p. 31-32), é um termo polêmico entre os estudiosos da área, os quais defendem outras terminologias para significar o fato. Independente de como o classifiquem, esse movimento passou por várias fases, e seu “[...] surgimento relaciona-se ao contexto da crise de governabilidade e representatividade dos sistemas políticos e do Estado do bem estar social”, à crescente desigualdade social do mundo que em outros tempos tinha a solução creditada às ONGs, o que não aconteceu, e ainda à “crise do modelo econômico neoliberal e a luta contra a globalização”.

Surgiram contra-cúpulas frente às instituições financeiras internacionais, como os protestos contra o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial de Berlim em 1988, nos quais as pautas foram as consequências negativas da globalização com destaque para o meio ambiente. O movimento ganhou projeção midiática em 1999 durante a contra-cúpula realizada frente à Ronda do Milênio da Organização Mundial do Comércio (OMC) em Seattle. Foram às ruas em torno de 100.000 pessoas e “[...] conseguiram colocar no ponto de mira, uma organização chave na regulação do comércio global, até então bastante esquecidos pelos movimentos sociais [...]”. Diante do ocorrido “[...] sucederam-se várias contra-cúpulas frente às reuniões internacionais do G-8, FMI, Banco Mundial, União Européia, Davos, OCDE entre outros, consolidando os rasgos fundamentais do movimento antiglobalização” (BRINGEL; MUNÓZ, 2010, p. 31-32).

Ganhou destaque nesta fase a Ação Global dos Povos (AGP), “[...] instrumento de coordenação de movimentos de base de todos os continentes”, a qual originou-se em Genebra em 1998 e reúnem-se bi-anualmente (BRINGEL; MUÑOZ, 2010, p. 32). Outro espaço que ganhou visibilidade foi o Davos *World Economic Forum*, onde anualmente “os principais globalizadores do mundo se reúnem para discutir a globalização” (FRIEDMAN, 2000, p. 363).

Segundo Bringel & Munõz (2010, p. 32) “[...] os protestos se rearticulam de forma pontual, [...] e se consolida o ramo mais propositivo do movimento a partir das sucessivas edições do Fórum Social Mundial”. O Fórum Social Mundial (FSM) iniciou seus trabalhos em 2001 em Porto Alegre e abrange vários segmentos na luta contra a opressão. Para Souza Santos (2005)

O FSM constitui uma das mais consistentes manifestações de uma sociedade civil global contra-hegemônica e subalterna em vias de surgimento. Na sua definição mais ampla, o FSM é o conjunto de iniciativas de troca transnacional entre movimentos sociais e ONGs onde se articulam lutas sociais de âmbito local, nacional ou global, travadas (de acordo com a Carta de Princípios de Porto Alegre) contra todas as formas de opressão geradas ou agravadas pela globalização neoliberal (SOUZA SANTOS, 2005, p. 23).

Estes movimentos antiglobalização com foco no protesto pelo AGP e na proposta pelo FSM perderam parte da força que possuíam no início e estão mais articulados local e regionalmente, apesar de que muitas de suas reivindicações ganharam pauta na agenda política (BRINGEL; MUNÕZ, 2010, p. 32).

2.4 O GLOBAL E O LOCAL

O termo pensar globalmente e agir localmente, conforme Dias e Bonotto (2014, p. 707), “foi criado em 1972, durante a United Nations Conference on the Human Environment, ocorrida em Estocolmo, passando então a integrar a até então válida International Environmental Education Programme.” A temática inclinava-se aos cuidados com o meio ambiente.

A preocupação com o meio ambiente deixou de ser apenas dos ambientalistas e atualmente condiciona as multinacionais e todos os responsáveis pelo planejamento do local a usar critérios de preservação. Em tempos de globalização, qualquer erro na administração do local, como os descuidos com o

meio ambiente, a corrupção, a falta de transparência, a má gestão empresarial ou política, têm reflexos globais imediatos que por sua vez retornam ao local, causando a perda de investimentos (FRIEDMAN, 2000; FONT; RUFÍ, 2006).

A informatização facilita o controle citado acima, bem como a gestão remota, pois se tornou comum a mobilidade com que as empresas instalam suas bases produtivas em diversas localidades. As condições de escolha são muitas vezes baseadas em locais que ofereçam um potencial de mão de obra barata e condições como baixas taxas ou isenção de impostos, entre outras (CASTELLS, 1999; FRIEDMAN, 2000). Acrescenta Ianni (1999) que

As técnicas eletrônicas, compreendendo a microeletrônica, a automação, a robótica e a informática, em suas redes e vias de alcance global, intensificam e generalizam as capacidades dos processos de trabalho e produção. No mesmo curso da dispersão geográfica das fábricas, usinas, montadoras, e zonas francas, simultaneamente à nova divisão internacional do trabalho e produção, intensificam-se e generalizam as tecnologias destinadas a potencializar a capacidade produtiva de todas as formas sociais de trabalho e produção (IANNI, 1999, p. 157).

Essa articulação recente de redistribuição de trabalho e produção, fundamentada nas facilidades que as tecnologias oferecem, traz melhorias para a localidade escolhida, como, por exemplo, oportunidades de emprego, infraestrutura e ainda incentiva o empreendedorismo local (FERREIRA; TELLES, 2017).

A relação global-local credita visibilidade a outros valores, como discutido por Souza Santos (2002), evidenciando-se as diferenças. “[...] Na mesma medida que se globaliza o hambúrguer ou a pizza, localiza-se o bolo de bacalhau português ou a feijoada brasileira”. Assim, aquilo que é exclusivo de um determinado local tende a valorizar-se. Outro exemplo são os que participam da globalização, mas são reféns de seu “[...] tempo-espaço local” referindo-se aqui aos “[...] moradores das favelas do Rio, que permanecem prisioneiros da vida urbana marginal, enquanto suas canções e suas danças, sobretudo o samba, constituem hoje parte de uma cultura musical globalizada” (SOUZA SANTOS, 2002, p. 64).

Embora o local receba influência do global, as suas particularidades dificilmente serão eliminadas, pelo contrário, o diferencial os fortalecerá. Assim, quanto mais uma comunidade estiver fortalecida, menos encampa fatores exógenos. Pode-se concluir que

Mesmo reconhecendo que a globalização é um fenômeno de excepcional relevância e incidência em nossa vida cotidiana, ela não implica necessariamente na eliminação automática das dinâmicas locais; possui, sem dúvida, um grande impacto sobre a capacidade de estabelecer meios diferenciados, porém não os elimina, não os unifica, pelo menos não sempre, não do todo, nem em qualquer lugar (FONT; RUFÍ, 2006, p. 35).

2.5 O TURISMO NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO

Antes de relacionar a globalização com o turismo é necessário entender o que é o próprio turismo. Os mais variados conceitos de turismo são geralmente expressados de acordo com o ponto de vista da área de atuação do autor. O que a maioria destes conceitos têm em comum são o deslocamento, o alojamento, a alimentação e a motivação.

Na visão de Magalhães (2014, p. 37), “[...] o turismo é um fenômeno psicológico, sociológico e econômico que se desenvolve em todos os locais do mundo, envolvendo os turistas, os locais, as empresas públicas e privadas e os destinos turísticos”.

O turismo envolve múltiplos setores no desempenho de suas atividades, movimentando a economia nos mais variados segmentos diretos e indiretos, onde atua beneficiado pelas tecnologias e integrado à globalização. De acordo com Beni (2004),

Turismo é a manifestação e contínua atividade produtiva, geradora de renda, que se acha submetida a todas as leis econômicas que atuam nos demais ramos e setores industriais ou de produção. Por outro lado, provoca indiretamente acentuadas repercussões econômicas em outras atividades produtivas através do efeito multiplicador (BENI, 2004, p. 64).

Magalhães (2014) parte da mesma concepção ao considerar o turismo como uma atividade que possui capacidade de impulsionar a economia em qualquer destino, bastando criar as condições de atrair turistas que através do consumo ativam o efeito multiplicador resultando no aquecimento da economia local.

Essa projeção que o setor turístico alcançou está confirmada nos dados estatísticos segundo Martins (2019, não paginado) onde, de acordo com as pesquisas da *Oxford Economics* para o Conselho Mundial de Viagens e Turismo (WTTC, sigla em inglês), o turismo teve sua parcela de contribuição em US\$ 8,8 trilhões ao PIB Mundial (10,4%). A taxa de crescimento do setor foi de 3,9%,

superando a economia global (3,2%) e gerando 319 milhões de empregos. O mercado de viagens liderou em crescimento os setores de cuidados com a saúde (3,1%) e tecnologias da informação (1,7%), ficando abaixo apenas do setor de manufaturas (4%).

Em relação ao Brasil, conforme a pesquisa (supra cit.), em 2018 a contribuição ao PIB cresceu 3,1%, perfazendo um montante de US\$ 152,5 bilhões (8,1%). Na avaliação anterior, de 2017, o turismo atendia por 7,9% das riquezas nacionais.

Confirmando a expansão turística, foi divulgado na Agência Brasil (2018), embasado na Agência de Notícias Espanhola (EFE), que em termos mundiais, segundo o Secretário-Geral da Organização Mundial do Turismo, Zurak Pololikashvili, a relevância da indústria turística representa em torno de 10% do PIB mundial, sendo o 3º setor exportador do mundo.

Perante estas estatísticas confirmou-se o destaque que o setor turístico ocupa frente aos demais setores, justificado pela sua contribuição no PIB mundial. Afirma Beni (2004, p. 19) que “as últimas análises apontam o turismo como sendo o setor mais globalizado perdendo apenas para o setor de serviços financeiros”.

A globalização do turismo é resultante principalmente dos seguintes fatores: aumento da liberação do comércio mundial, incorporação de novas tecnologias como a informática e as telecomunicações, integração horizontal e vertical das empresas de turismo, difusão territorial do consumo e flexibilização do trabalho nos diversos setores produtivos, incluindo o próprio setor de turismo. (BENI, 2004, p. 19).

Desta forma, um conjunto de segmentos propiciou a globalização do turismo. As rápidas transformações em curso no mundo, impulsionadas pelo desempenho das constantes inovações tecnológicas e da globalização, redesenharam as velhas formas de fazer turismo abrindo inúmeras possibilidades. Para Font e Rufí (2006),

A globalização, por sua vez, representa a fase do imediatismo e do aprofundamento da integração das economias mundiais. Nela, tudo se mercantilizou, ficou “mercadificado” inclusive os lugares em si: no turismo pós industrial típico da globalização, o lugar em si (e não apenas o que ali se faz ou se vende) converteu-se numa mercadoria; não é apenas um lugar para consumir, ele mesmo se transformou em algo “consumível” , em objeto de consumo. (FONT; RUFÍ, 2006, p. 36, grifos dos autores).

Esta integração das economias fruto da globalização, onde se busca ter mais valia em tudo o que for possível comercializar, alavancada pelo desempenho tecnológico, resultou para o setor turístico renda local e a interatividade cultural dos povos. De acordo com Brambatti (2005),

Os avanços tecnológicos propiciam avanços nos setores econômicos que atuam com o turismo, principalmente a informática e a Internet, somadas a tecnologia de aviação o GPS (*Global Positioning System*), permitindo maior precisão e segurança em viagens. Esta combinação de inter-relacionamentos entre *tecnologia – produção e serviços*, cuja composição integra as diferentes práticas sociais, com a herança histórica dos povos por um meio ambiente natural as relações sociais de hospitalidade e a troca de informações intercultural e interdisciplinar, torna o turismo uma atividade complexa, cujo estudo também tem essa natureza complexa, como atividade que utiliza os recursos naturais e culturais para a geração de renda (BRAMBATTI, 2005, p. 81, grifos do autor).

As mudanças oriundas da globalização e das tecnologias para o turismo criaram perspectivas de aproveitamento, explorando ao máximo o potencial do local. Por sua vez, com a globalização do turismo, abriu-se um leque de diversidade de opções de escolha, e também houve a expansão na oferta de serviços oferecidos com mais comodidade e segurança para o turista.

2.6 TECNOLOGIAS

As tecnologias de informação e comunicação que fazem parte do processo de globalização elencadas por Giddens (2008), Friedman (2000) e Castells (1999) são fruto de uma série de descobertas e inventos que foram sendo aprimorados desde o início da civilização. Contudo, nesta pesquisa foram selecionadas algumas das tecnologias que precederam e contribuíram para que as TICs tivessem o atual alcance, precisão e simultaneidade através do seu uso.

Faz-se necessário distinguir entre os conceitos de técnica e tecnologia. A técnica iniciou-se com a necessidade humana de melhorar a qualidade de vida, conforme explica Oliveira (2008, p.3) que “[...] a técnica é originalmente um saber fazer que caracterize a presença de uma cultura humana”. Completam Fernandes e Zitzke (2012, p. 2) que, “a técnica é o saber fazer, palavra proveniente do grego *téchne* que significa arte, técnica, ofício; a arte nada mais é do que criar, fazer algo,

alguma coisa se utilizando da técnica, um ofício humano para satisfazer suas necessidades e desejos”.

Quanto às diferenciações entre técnica e tecnologias etimologicamente analisadas por Kussler (2015, p. 188-189), tem-se como resultado que ao pensar em técnica remete-se a “[...] habilidade de/para fazer algo, uma espécie de conhecimento específico para que uma determinada função seja desempenhada”. Ao passo que a tecnologia é um processo mais estruturado e se desenvolve por meio de estudos científicos, criando inúmeros produtos.

O que completa este discurso está no estudo de Álvaro Vieira Pinto *O conceito de tecnologia*, resenhado por Coronel e Silva (2010). Segundo o parecer de Vieira Pinto,

A técnica é imanente à espécie humana, a única, dentre todas as demais espécies vivas, que tem por natureza própria a faculdade de produzir e inventar meios artificiais de resolver problemas. Já a tecnologia é a ciência da técnica, que surge como exigência social numa etapa ulterior da história evolutiva da espécie humana. As novas tecnologias nascem, de um lado, devido à posse dos instrumentos lógicos e materiais indispensáveis para se chegar a uma nova realização, na base dos quais está o desenvolvimento científico, e, de outro, de uma incessante exigência social de superação de obstáculos e busca de inovações, daí porque nenhuma tecnologia se antecipa à sua época (CORONEL; SILVA, 2010, p. 182).

Portanto para facilitar o desempenho de suas atividades cotidianas a humanidade foi desenvolvendo técnicas e tecnologias que a beneficiaram, transformando o ambiente ao seu redor. O controle do fogo, a ampliação e diversificação da produção de instrumentos e utensílios, tais como arcos, lanças e flechas, proporcionaram mudanças nos hábitos dos homens e, conseqüentemente, auxiliaram no processo de “sedentarização de alguns grupos”, originando as vilas e as cidades (FERNANDES, 2012, p. 18).

Suanno (2003, não paginado) insere que durante todo o processo civilizatório as inovações tecnológicas “foram e são sempre acompanhadas de mudanças na estrutura das sociedades, nos costumes, nas culturas, o que provoca novas formas de organização social”.

Cada período da história conheceu tecnologias que foram inovadoras para a época e grandes inventos no ramo tecnológico têm gerado outras lógicas de produção como os ramos da metalúrgica, da cerâmica, da roca de fiar, do telégrafo. Mas o que impactou os meios de comunicação e informação no final da

Idade Média foi “a invenção da prensa de tipo móvel — de Johannes Gutemberg (1400-1468), processo gráfico para produzir livros” (FERNANDES, 2012, p. 19).

A tecnologia de impressão foi um grande salto e pode-se dizer que se deve a ela parte da perpetuação de muitos conhecimentos, porém as informações disseminadas na época de sua invenção foram apenas para a minoria alfabetizada. O acesso às informações foi sendo popularizado no momento em que outras tecnologias surgiram. Conforme observa Suanno (2003), com a invenção do rádio as informações veiculadas atingiram um público maior, inclusive os analfabetos.

Cada tecnologia aprimorada faz conexão de novos segmentos, assim, o domínio da eletricidade proporcionou às tecnologias de comunicação e informação melhoria no seu desempenho. Os primeiros experimentos com a eletricidade aconteceram no ano de 1800 com a criação da bateria por Alessandro Volta. Sucessivos avanços como a invenção da lâmpada elétrica e da corrente alternada e do dínamo potencializaram o uso da eletricidade (UFPR, 1994).

As tecnologias de comunicação fundamentais na propagação de informação tiveram um grande passo quando a primeira mensagem telefônica foi enviada por Alexander Graham Bell em 1876. Outro feito notável aconteceu em 1895 com o primeiro transmissor de rádio por Gugliermo Marconi, inventos que revolucionaram as formas de comunicação naquela época (FERRARI, 1998, p. 2). Posteriormente o lançamento do satélite artificial Sputnik em 1957 pela União das Repúblicas Soviéticas Socialistas impactou as telecomunicações.

Assim como o rádio, a televisão atinge milhares de telespectadores. O primeiro aparelho de televisão foi apresentado em 1926 por John Baird e, concomitantemente, outras máquinas foram sendo desenvolvidas na década de 20 do século XX por engenheiros como Zworykin, Farnsworth e Alexanderson e todas essas contribuições resultaram na televisão moderna. O curioso é que, desde a demonstração de Baird, uma década havia passado e o número de televisores no mundo não ultrapassou duas mil unidades. A grande explosão aconteceu após a segunda Guerra Mundial, com a expansão e constante inovação de aparelhos pretos e brancos para aparelho em cores e modelos portáteis, culminando nos equipamentos digitais com tela de plasma e alta definição (GODINHO, 2011, não paginado).

A invenção do computador em 1944 modificou completamente o campo das tecnologias de comunicação e informação (GORENDER, 1999). Em 1971 com a invenção do microprocessador, o computador se tornou capaz de realizar tarefas mais rapidamente e dinamizou o processamento de informações. Por volta de 1990 expandiu-se mundialmente a telefonia celular (CASTELLS, 1999). Mas o que contribuiu para a precisão e rapidez das informações foi a digitalização.

A digitalização é um processo em que se pode transformar sons, imagens, filmes, documentos, e muitas outras formas de informação de modo que “consiga lembrar-se em bits e depois transferir por linha telefônica, satélites e cabos de fibra óptica” ao seu destino. Os bits são dígitos binários que podem assumir os valores de 0 ou 1. Ao enviar por meio de telecomunicações, o receptor decodifica e o destinatário recebe os mesmos 0 e 1 que foram emitidos (FRIEDMAN, 2000, p. 78).

Os frutos das invenções supracitadas geraram as TICs. Conforme Farias (2013, p. 21), “Tecnologia de Informação e Comunicação pode ser considerada como um conjunto de recursos tecnológicos, os quais permitem maior facilidade no acesso e na disseminação de informações”. Para Silva (2016),

São consideradas Tecnologias de Informação e Comunicação as tecnologias e métodos para comunicar surgidas no contexto da Terceira Revolução Industrial, onde a maioria dessas tecnologias buscam agilizar, horizontalizar e tornar menos palpável o conteúdo da comunicação, por meio da digitalização e da comunicação em redes para captação, transmissão e distribuição (SILVA, 2016, p. 22).

Por meio da digitalização, as TICs ganharam mais precisão e rapidez na disseminação e uso. Segundo Castells (1999, p.69), “[...] a difusão da tecnologia amplifica seu poder de forma infinita, á medida que os usuários apropriam-se dela e a redefinem”.

2.7 TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E O TURISMO

O setor turístico vem utilizando o desenvolvimento tecnológico para continuamente aprimorar o seu desempenho. Tanto que, antes das facilidades proporcionadas pela Internet por meio do uso das tecnologias de informação e comunicação, conforme Brasil (2006), as primeiras experiências para realizar reservas via computador (*Computer Resevation Systems* ou CRS) aconteceram na

década de 1960 em um trabalho conjunto da American Airlines e a International Business Machines Corporation (IBM).

Até que o sistema CRS fosse adotado por todas as empresas aéreas e pelos agentes de viagens, a compra de passagem era executada via telefone e o “bilhete aéreo, o recibo de pagamento, o itinerário e os dados do passageiro” eram emitidos manualmente, resultando em erros devido à grande demanda de informações, os obstáculos da comunicação e a ausência de padronização. Mas, com o aumento do fluxo dos mercados internacionais e “as parcerias comerciais entre os países” que vinham descortinando o mundo a partir dos anos 80 do século XX, foi imprescindível às empresas aéreas interligar-se globalmente com seus CRS para captar este novo nicho de mercado (BIZ; LOHMANN, 2005, p. 75-76).

Com o surgimento dos Sistemas Globais de Distribuição (GDS), os consumidores puderam ter acesso aos mais variados serviços e produtos de diversos fornecedores (BIZ; CERRETA, 2007). Para Machado e Almeida (2010), os GDS promovem a ligação *business-to-business* (B2B), ao passo que as centrais de reservas eletrônicas são verdadeiras agências virtuais viabilizando relações *business-to-consumer* (B2C), oferecendo ampla diversidade de escolha, preços condizentes e um resultado positivo no fluxo de reservas para os produtores. A Expedia, Hotelbeds, Lastminute, Bookings, entre outras, são exemplos de empresas com reservas através da Internet. No quadro 1 estão dispostos os principais GDSs, ano de fundação e por quais empresas iniciaram.

QUADRO 1 – OS PRINCIPAIS GDS (dados de 2002)

Nome do programa de reservas internacional	Data da fundação	Iniciado por
<i>Galileu</i>	1970 como <i>Apolo</i> , 2003 como <i>Travelport</i>	<i>United Airlines</i>
<i>Sabre (Travelocity)</i>	1976	<i>American Airlines</i>
<i>Amadeus</i>	1987	<i>Air France, Ibéria, Lufthansa, SAS.</i>
<i>Wordspan</i>	1990	<i>Delta Airlines, TWA, North West Airlines</i>

FONTE: modificado de MACHADO; ALMEIDA (2010).

Estes sistemas inovaram e trouxeram novas formas de comercialização. Por volta de 1971 nos Estados Unidos, a United Airlines iniciou o sistema Galileu chamado de *Apollo Reservation System*, ao passo que na Europa constituiu-se a Travicom e este foi o “primeiro sistema de reservas multiacesso do mundo”, o qual mais tarde juntou-se a “sua congênere americana criando em 1988 a *Galileu UK*”. Estas foram as precursoras mundiais do *e-commerce*, favorecendo o comércio “*business-to-business*”. Simultaneamente o sistema *Sabre*, em posse da *American Airlines* e da *United Airlines*, instala “seu próprio sistema de reservas interno nas principais agências de viagens dos Estados Unidos” (MACHADO; ALMEIDA, 2010, p. 29).

Existem outros GDSs menos expressivos que os citados acima operando em outras localidades mundiais como o *Sita* (Sahara), *Infini* (Japão), *Axess* (Japão), *Tapas* (Coréia), *Fantasia* (Pacífico Sul), *Abacus* (Ásia e Pacífico) (BRASIL, 2006). O *Abacus* foi adquirido pelo *Sabre* em 2015 (PAN-ROTAS, 2015).

Os GDSs favorecem o setor turístico com diversidade de escolha, precisão de informações, e comercialização, diminuindo tempo gasto na operação. De acordo com Rocha e Lemes (2011), a Internet aliada ao turismo fornece as mais variadas formas de informação e conhecimento, possibilitando um *e-commerce* mais específico, ou seja, a comercialização direta entre a empresa e os consumidores *business-to-consumer*.

Para Hassan (2011) *e-commerce* ou comércio eletrônico são transações financeiras eletrônicas que utilizam as informações disponibilizadas pela Internet para fazer negociações entre diferentes tipos de empresas e consumidores, e

Business to Business (B2B) – refere-se ao comércio realizado entre empresas, instituições ou entidades públicas, definindo-se como a substituição dos processos físicos que as transações comerciais envolvem pelo processo eletrônico. Estão aqui incluídas as transações desde a cadeia de distribuição, até as comunicações por e-mail entre diferentes parceiros de negócio. Trazendo benefícios como a redução de custos, maior eficiência dos processos de suporte através da coordenação dos diferentes interesses dos diversos intervenientes; criação de novos mercados e de definição do preço (HASSAN, 2011, p. 40-41).

As novas formas de comercializar disponíveis por meio da Internet resultaram para o turismo uma explosão de novas oportunidades. Por outro lado, surge a

necessidade de acompanhar as novas tendências tecnológicas de mercado em função do consumidor. De forma que

[...] o surgimento da Internet implicou também maiores necessidades de formação e de investimento por parte dos agentes da indústria, devido à adesão dos consumidores. Os potenciais turistas na sua maioria adeptos fervorosos das novas tecnologias utilizam intensamente a Internet e, em consequência disso, as TIC têm forçado mudanças no sector. Calcula-se que cerca de metade das operações na Internet, em especial no que respeita ao comércio electrónico, se traduz em pesquisa, acesso à informação e compra de produtos turísticos (MACHADO; ALMEIDA, 2010, p. 13).

Estes investimentos nos dias de hoje são fundamentais para qualquer empresa que pretenda se manter no mercado. No turismo não é diferente, pois, segundo Buhalis e Law (2008), face às informações que a Internet e as TICs trouxeram ao consumidor as organizações que trabalham com o turismo podem aproveitar estas mudanças para oferecer serviços personalizados e satisfazer suas necessidades individuais.

A Internet forçou uma readaptação em toda a cadeia organizacional do turismo. A partir do advento da Internet, o turista está se tornando cada vez mais autônomo e precisando cada vez menos de intermediários e as empresas que trabalham o setor precisaram se adaptar em função de todo o processo estar centralizado na Internet (BRASIL, 2006).

Nas áreas de atuação do turismo, as TICs são o ponto fundamental de seu desenvolvimento. Torna-se imprescindível sua utilização na gestão, nos novos produtos, na eficiência das comunicações, na busca por inovações em proporcionar experiências de viagens mais significativas, e no atendimento cada vez mais personalizado (HASSAN, 2011).

Em decorrência das novas opções abertas pelas tecnologias, o comércio está ganhando um novo desempenho, e assim cresce o volume de vendas via eletrônica e destaca-se em muito o setor turístico. Multiplicam-se as opções de escolha, diminuindo-se o tempo de procura e facilitando-se o parâmetro entre bens e serviços. No entanto, o consumidor espera encontrar *online* a credibilidade e a confiabilidade daquilo que está adquirindo. Todas suas expectativas devem ser satisfeitas especialmente no que tange ao uso do cartão de crédito (MACHADO; ALMEIDA, 2010).

Hoje o consumidor está mais poderoso e as empresas precisam estar atentas a esse fato. Ao disponibilizar uma página de venda de produtos na Internet tem que se levar em consideração que o conteúdo das informações disponibilizadas atenda o interesse do possível cliente e que sejam de fácil entendimento e acesso. Informações excessivas podem acabar em desistência da compra. Ao acessar o *site*, se houver dificuldades em encontrar o que se busca ou dificuldades de navegar dentro da plataforma, pode-se fazer com que o internauta procure o concorrente. Outro ponto importante neste comércio virtual é a construção de um relacionamento de confiança e transparência com os clientes (MANCILLA, 2014).

O consumidor, conforme observou Labadessa (2012, p. 90), “está mudando exigindo cada vez mais produtos e serviços personalizados que atendam especialmente às suas necessidades”. O grande diferencial hoje de vendas de produtos e serviços é a interatividade entre os consumidores,

Nas redes sociais digitais, o papel do indivíduo como usuário consumidor confunde-se com o do gerador de conteúdo, pois nesse ambiente existe uma valorização do conteúdo produzido pelo usuário, o que potencializa o perfil do novo consumidor, que não absorve mais a propaganda como antes. Atualmente este novo consumidor verifica na Internet informações sobre produtos e serviços antes de realizar a compra e busca essas informações através da experiência de outros consumidores, promovendo o convívio social e o diálogo *online* entre os usuários, tornando-se mais exigente na hora de adquirir algum produto (SILVA; ANGELONI; GONÇALO, 2013, p. 116-117).

Afirmam Buhalis e Law (2008), que as comunidades virtuais estão desempenhando um papel crucial no mercado turístico, onde o consumidor muitas vezes confia mais nos comentários de outros consumidores do que no próprio *marketing* da organização. A grande virada está em identificar as necessidades e desejos do consumidor e ir de encontro aos clientes com produtos personalizados e atualizados que os satisfaçam.

Portanto, novas estratégias se fazem necessárias no constante desafio de conquistar os clientes. Por meio das tecnologias, novos padrões de marketing imperam, e uma das melhores maneiras de investigar as atuais necessidades dos turistas no presente momento são as plataformas *online*.

[...] O monitoramento em mídias sociais oferece oportunidades para identificar a opinião e sentimento dos turistas sobre destinos, produtos, serviços turísticos; monitorar eventos e situações cotidianas para identificar

pontos fracos, fortes, oportunidades e situações críticas. Essas informações dão suporte à gestão do destino turístico na definição de prioridades, direcionamento de investimentos, criação de políticas públicas e cursos de capacitação; redefinição de estratégias de *marketing* e promoção turística, posicionamento, entre outros. (THOMAZ *et al.*, 2016, p. 9-10).

Ao se referirem ao monitoramento das redes sociais, Silva, Angeloni e Gonçalo (2013, p. 106) argumentam que além do monitoramento das redes sociais, é preciso estabelecer um método de análise dos dados levantados. “[...] Saber identificar as conversas significa saber que abordagem usar”, sendo possível então planejar estratégias de *marketing* para a organização, bem como captar tanto as possíveis crises como as oportunidades instantaneamente.

O conteúdo produzido pelo próprio consumidor pode ser a chave para o investimento certo no setor turístico, possibilitando agir conforme as novas tendências e, assim, satisfazer as exigências do novo turista. Para Buhalis (1998), o que vai determinar o sucesso dos destinos e das organizações turísticas é a união das tecnologias de ponta com a gestão, marketing, intelecto e visão inovadora.

Todas estas mudanças estruturais em termos de tecnologia da comunicação continuam fazendo a diferença positivamente e aprimorando o setor turístico ainda mais. Apesar de toda a infraestrutura disponível, que possibilita o conhecimento virtual do local antes da visita, Trigo (2005, p. XXIII) ressalta o valor da experiência em *loco*: “nenhum meio de comunicação jamais substituirá a plena intensidade sensorial e existencial de se estar em um lugar, evento ou momento da história”.

2. 8 TECNOLOGIAS E INOVAÇÃO

As tecnologias estão evoluindo de forma exponencial, transformando grandemente muitos dos aspectos rotineiros nos quais estávamos ancorados anteriormente. Novos conceitos surgiram e passaram a gerar renda, como, por exemplo, as novas modalidades de aplicativos de transporte e alojamento, especialmente o sistema *Uber* e o *Airbnb*, entre outras, possibilitados pelas Tecnologias de Informação e Comunicação.

O termo TIC, segundo Miranda (2007, p. 43), está atrelado à junção “da tecnologia computacional ou informática com a tecnologia das telecomunicações e tem na Internet e mais particularmente no *World Wide Web* (WWW) a sua mais forte expressão”.

Esses avanços tecnológicos demandam mudanças em muitos setores, e eles de alguma forma

vão moldando as nossas mentes, o estilo de vida e sua qualidade, bem como o tipo de serviços de que nos fomos habituando ao longo do tempo, transformando-os, ganhando novas dinâmicas, imagens e adaptando-se cada vez mais aos nossos gostos pessoais (HASSAN, 2011, p. 9).

Assim, essa fluidez no desempenho das atividades diárias, especialmente no setor de comunicação e informação, decorrentes das tecnologias impulsionadas pela Internet, permite um ganho considerável de tempo possibilitando o empoderamento das pessoas.

Segundo Castells, (1999) a internet é fruto do empenho militar e científico, através de pesquisas da Agência de Projetos de Pesquisa Avançada (ARPA) do Departamento de Defesa dos Estados Unidos. Com a repercussão do lançamento do Sputnik em 1957 pela União das Repúblicas Soviéticas Socialistas (URSS), os centros de alta tecnologia dos EUA desenvolveram inúmeras estratégias,

[...] algumas das quais mudaram a história da tecnologia e anunciariam a chegada da Era da Informação em grande escala. Uma dessas estratégias, que desenvolvia o conceito criado por Paul Baran na Rand Corporation em 1960-4, foi criar um sistema de comunicação invulnerável a ataques nucleares. Com base na tecnologia de comunicação da troca de pacotes, o sistema tornava a rede independente de centros de comando e controle, para que a mensagem procurasse suas próprias rotas ao longo da rede, sendo remontada para voltar a ter sentido coerente em qualquer ponto da rede (CASTELLS, 1999, p. 82).

Como resultado de intensas pesquisas e estudos, a primeira rede de computadores veio a operar em 1º de setembro de 1969, atuando com seus quatro primeiros nós, na Universidade da Califórnia em Los Angeles, no Instituto de Pesquisas de Stanford, na Universidade da Califórnia em Santa Barbara e na Universidade de Utah (CASTELLS, 1999).

Para que a Internet ocupasse o desempenho funcional de grande magnitude conhecido e para que fosse utilizada por uma parcela significativa da sociedade foi necessário o desenvolvimento e aprimoramento de uma série de tecnologias, entre elas o protocolo de interconexão entre redes e a TCP/IP (*transmission control protocol/Internet protocol*), tecnologia que abriu caminho para a conexão de diferentes tipos de rede. Cerf e Kahn, em 1973, criaram a arquitetura fundamental

da Internet e, como resultado de uma cooperação tecnológica fundamentada no seminário de Stanford, Cerf, Metacalfe e Gerard Lelann, “[...] especificaram um protocolo de transmissão que seria compatível com os pedidos de vários pesquisadores e das diversas redes existentes”. O protocolo TCP/IP pela sua flexibilidade de desempenho tornou-se padrão nos Estados Unidos em 1980 e continua em operabilidade até os dias de hoje (CASTELLS, 1999, p. 84).

Outras inovações expandiram as conexões, ampliando e favorecendo o seu uso, como, por exemplo, o desenvolvimento da fibra óptica por volta dos anos de 1980, a padronização da troca de dados, organizando informações de imagens e textos, o formato hipertexto HTML (*HyperText Markup Language*) e o protocolo de transferência de hipertexto HTTP (*HyperText Transfer Protocol*), que teve origem em 1989 no Centro Europeu de Pesquisa Nuclear. Nos anos iniciais da década de 90 do século XX, Berners Lee “lança a ‘*World Wide Web*, ou WWW’ a rede mundial de computadores, que logo se transforma no sistema pelo qual circulam as informações organizadas em hipertexto em todo o planeta” (SUZIN, 2014, p. 80).

Apesar da velocidade com que a Internet está sendo disseminada, existem ainda muitas regiões em que grande parte da população não tem acesso, conforme o quadro 2. O prognóstico de acesso total, conforme o inventor da WWW, Berners Lee, através da informação cedida à agência Lusa e publicado por RTP-Notícias (2018), é de que em 2018, metade da população estaria conectada e o acesso universal está previsto para 2042. Berners Lee afirmou que, ao estarem conectados, as oportunidades estendem-se amplamente, mas é preocupante a situação dos excluídos pois

Estar *offline* hoje é estar excluído das oportunidades de aprender e ganhar, de ter acesso a serviços importantes e de participar no debate democrático. Se não investimos seriamente na redução deste fosso, os últimos mil milhões [de pessoas] não estarão ligados antes de 2042. É uma geração inteira deixada para trás (LUSA – RTP NOTÍCIAS, 2018, não paginado).

De acordo com Cardoso (2014), a Internet está abrindo possibilidades de conexão planetária que, por meio de rede mundial de computadores, entrelaçou o mundo em uma fabulosa “teia de redes interconectadas”. Entretanto, as redes sociais presentes no mundo virtual destacaram-se na segunda fase da Internet, a Web 2.0. O termo Web 2.0 foi trabalhado por Tim O’Reilly na O’Reilly Media em 2005 para denominar o novo meio de comunicação no mundo virtual. De forma que,

Os usuários deixaram de ser apenas passivos, ou seja, de somente receber informações, para serem também ativos ou produtores de conteúdo. Agora os navegantes da Internet poderiam compartilhar informações, fato que resultou em maior destaque para os usuários. Desse modo alguns dos objetivos da Web 2.0 são a divulgação, expansão e compartilhamento de conteúdo online, além da maior e mais ampla comunicação entre usuários (CARDOSO, 2014, p. 19).

Um dos motivos da expansão da Internet foi devido aos sites de busca, “que vasculham a rede [...] atrás de assuntos de interesse do internauta e os apresentam por ordem de relevância”. O *Google*, criado em 1998 por Sergey Brin e Larry Page, em pouco tempo ganha visibilidade e certo domínio neste segmento. Outros sites começam a se destacar em meados dos anos 2000 como o *MySpace* (2003), o *Orkut* (2004), o *Facebook* (2004) e o *Twitter* (2007), marcando o início em larga escala das redes sociais. A primeira delas foi a *SixDegrees.com* criada em 1997 (SUZIN, 2014, p. 80).

QUADRO 2. ESTATÍSTICA DE ACESSO À INTERNET NO MUNDO.

Uso mundial de Internet e estatística populacional – Junho de 2019						
Regiões	População (2019 Estimado)	Percentual Mundial	Usuários de internet (30 de Julho de 2019)	Taxa de Penetração	Crescimento 2000-2019	Percentual de Usuários
África	1.320.038.716	17,1 %	525.148.631	39,8 %	11,533 %	11,9 %
Ásia	4.241.972.790	55,0 %	2.200.658.148	51,9 %	1,825 %	49,8 %
Europa	829.173.007	10,7 %	719.413.014	86,8 %	585 %	16,3 %
América Latina/Caribe	658.345.826	8,5 %	447.495.130	68,0 %	2,377 %	10,1 %
Oriente Médio	258.356.867	3,3 %	173.576.793	67,2 %	5,184 %	3,9 %
América do Norte	366.496.802	4,7 %	327.568.628	89,4 %	203 %	7,4 %
Oceania/Austrália	41.839.201	0,5 %	28.634.278	68,4 %	276 %	0,6 %
Total Mundial	7.716.223.209	100,0 %	4.422.494.622	57,3 %	1.125 %	100,0 %

FONTE: *MINIWATTS MARKETING GROUP*. Tradução Nossa (2019).

Segundo Pazzine e Araújo (2013), o *YouTube* teve sua origem em 2005. Conforme Telles (2010), em novembro de 2006 o *YouTube* foi vendido ao *Google*. Posteriormente surgiram, segundo Lima, Almeida e Cavalcante (2017), em 2009 o *WhatsApp* e, em 2010, o *Instagram*. O *Instagram*, o *Twitter* e o *WhatsApp* posteriormente foram vendidos para o *Facebook*. Conforme estes autores,

[...] desde sua criação e com a posterior compra por parte do Facebook, foram incorporados ao WhatsApp os mais variados recursos para que uma comunicação cada vez mais rápida viesse a ocorrer. O compartilhamento de arquivos, fotos e mensagens contendo toda sorte de conteúdo é capaz de, em segundos, atingir milhões de pessoas, visto que o acesso aos *smartphones* e à Internet aumenta a cada dia. Assim, o WhatsApp configura-se com uma possível ferramenta *Mobile Learning* ou *M-learning*. (LIMA; ALMEIDA; CAVALCANTE, 2017, p. 3-4).

As redes sociais fazem parte da realidade atual e estão ganhando projeção gigantesca quanto ao número crescente de usuários, e é notório e de senso comum o impacto que causam os comentários a favor ou contra pessoas, produtos ou serviços, fruto da dimensão e instantaneidade em que operam.

Em 2005 as redes sociais eram designadas de sites de relacionamento, e as mídias sociais de novas mídias. “[...] Dentro de diversas mídias sociais podem se formar redes sociais [...]. As mídias sociais são plataformas na Internet construídas para permitir a criação colaborativa, a interação social e o compartilhamento de informações de diversos formatos”. O poder exercido pelas mídias precisa ser levado em consideração já que “as mídias sociais fazem parte de uma revolução poderosa, influenciam decisões, perpetuam ou destroem marcas e elegem presidentes” (TELLES, 2010, p. 1-4).

2.9 AS TECNOLOGIAS E OS TRANSPORTES

A relação entre transporte, turismo e tecnologia forma uma cadeia de contínuo crescimento estando um em função do outro. Eles são inseparáveis e os frutos dessa união resultam em vantagens repassadas aos turistas. Na atualidade, esses privilégios, de custo acessível, maior segurança, mais precisão, entre outros, são em grande parte devido ao desenvolvimento das novas tecnologias.

O transporte, um dos pilares básicos do turismo, tem sua sustentação cada vez mais no incremento de tecnologias. A cada inovação tecnológica implantada, o turismo ganha em cifras proporcionais. Segundo Machado e Almeida (2010), com a construção das ferrovias, da máquina a vapor, dos motores de combustão ou a jato e, por fim, do sistema eletrônico de localização (GPS), permite-se o aumento na capacidade de carga, rapidez, segurança e comodidade além da redução de custo.

Hassan (2011) partilha, em muitos aspectos, a visão dos autores acima ao relatar que as operadoras, ao oferecer serviços mais dinâmicos em relação ao

tempo gasto nos meios de locomoção, induzem a produção de um sistema de transporte mais veloz, com maior tamanho e melhor desempenho. A preocupação com a aerodinâmica é constante, os materiais usados são mais leves e os motores projetados para a redução do consumo de combustível visam não só medidas comerciais, mas também ecológicas.

As companhias aéreas, de olho nos clientes e nas condições que o mercado impõe, renderam-se às tecnologias de ponta para atingir os objetivos ditados pela sociedade atual que, além de exigir mais conforto, rapidez e segurança, também prima por baixas taxas de poluição e custo de voo (MACHADO; ALMEIDA, 2010).

Os mesmos objetivos operacionais e tecnológicos, visando atender a crescente e exigente demanda, estão presentes também no segmento marítimo com maior foco nos navios de cruzeiro que, como colocado por Beni (2003, p.43), são “imensos palácios flutuantes.”

Tanto o transporte terrestre, quanto o aéreo e o marítimo buscam nas inovações tecnológicas melhorias na qualidade e eficiência de desempenho e o auxílio das TICs que ocupam um papel decisivo na hora das interconexões para que o tempo de espera seja o mínimo possível (HASSAN, 2011).

Os benefícios gerados pelas inovações tecnológicas nos transportes e nas comunicações fortalecem o setor turístico por muitas razões, uma delas, segundo Beni (2003), é que permitirem redução nas tarifas podendo atingir uma quantidade maior de usuários.

2.10 AS TECNOLOGIAS E OS MEIOS DE HOSPEDAGEM

As praticidades advindas do uso das tecnologias favorecem os meios de hospedagens em divulgar seus produtos e serviços, no sistema de reservas, na gestão administrativa e de controle interno e demais interesses do setor, diminuindo custos operacionais e de mão de obra. O investimento em tecnologias é uma das únicas formas de oferecer ao cliente os serviços que ele necessita e propiciar uma experiência que o motive ao retorno ao local visitado (SILVA; MAFRA; OLIVEIRA 2017).

Os meios de hospedagens estão se tornando mais dinâmicos na mesma medida em que as tecnologias de informação e comunicação evoluem. De acordo com Rocha, Yamanaka e Silva (2016), as TICs estão contribuindo muito além dos

sistemas de reservas, oferecendo opções de *check-in* digital, *Wi-fi*, chaves virtuais através dos *smartphones*, sensores de presença, controle de aparelhos de televisão, entre outros.

Apesar das tecnologias serem peças fundamentais, é relevante o argumento de Ferreirinha (2017), de que apenas investimentos em TICs não garantem o sucesso de um projeto turístico, e que considera que “o aumento do grau de exigência do turista atual leva à necessidade do aumento da criatividade e interatividade por parte da Organização, enriquecendo a experiência do consumidor” (FERREIRINHA, 2017, p. 24).

A satisfação do cliente pode resultar em mais vendas. Sabendo da existência de publicações que relacionam o estresse das viagens de homens de negócios por estarem separados da família, os meios de hospedagens podem usar de toda a tecnologia disponível para o contato verbal e visual deste para com os seus familiares (MACHADO; ALMEIDA, 2010). Sendo assim, as TICs servem para minimizar parte do sentimento de ausência causado pela distância.

Com a contínua inovação tecnológica, há o surgimento de soluções para problemas que anteriormente eram desconhecidas, como quartos vagos em residências particulares, os quais agora podem ser alugados através de plataformas como o *Airbnb*, serviço que se iniciou em 2008, e “é disponibilizado em um *website*, numa versão móvel como aplicativo para aparelhos como *smartphones* e *tablets*”, e conecta pessoas que têm interesse ocupar espaços que não estão usando com aquelas que procuram um lugar para se hospedar. O processo consiste em um cadastro feito pelo anfitrião e usuário. Toda a intermediação é feita via aplicativo *Airbnb* e no final da estadia ambos comentam como foi a experiência, o que serve como certa garantia de confiabilidade para os futuros interessados (SOARES; DIAS; MENDES FILHO, 2017, p. 1318).

Pode-se afirmar que a TIC está revolucionando o mercado turístico e potencializando as escolhas das pessoas. O novo consumidor mais sofisticado experiente, exigente, e familiarizado com as TICs fica mais difícil de conquistar, (BUHALIS; LAW, 2008). Para seduzi-los em meio a tanta diversidade e facilidade de opções, uma das formas de atrair este público é através das amenidades (*amenities*).

2.11 TECNOLOGIAS E AMENIDADES

A alta competitividade nos meios de hospedagens faz com que cada vez mais os hoteleiros busquem fidelizar o cliente. Uma forma de fazer isso é através das amenidades que, segundo Soares (2010, não paginado), são “itens ou atos cujo principal propósito é trazer prazer aos hóspedes”. São alguns exemplos de amenidades citados por este autor os produtos de higiene como sabonetes, xampus, sais de banho e colônias. Normalmente o hóspede leva esses produtos para casa, o que os remete ao imaginário das sensações vividas durante a hospedagem. Acrescentou ainda que para mimar ainda mais o hóspede o estabelecimento pode agraciá-lo com um bom vinho ou uma fruta da época.

Informa o *blog* Palpite Digital (2015), que nos meios de hospedagens, com exceção do quarto e a cama, e nas companhias aéreas, com exceção da poltrona e o voo, praticamente tudo mais são amenidades. Estes *kits* amenidades podem incluir, além dos produtos de higiene e beleza, atendimento personalizado e traslado aos lugares. Em viagens aéreas as amenidades vão desde jantares feitos por *chefs* profissionais, à toalhas umedecidas e cobertores, incluindo até a *necessaire* com cristais Swarovski feita por designer famoso.

Secador de cabelo, televisão e acesso à Internet tornaram-se regra quase na maioria dos meios de hospedagens, mas existem hotéis que também oferecem cinema com pipoca no quarto do hóspede. Já os mais sofisticados proporcionam SPA particular, massagista, banheira de hidromassagem, pista de dança, piscina particular, sala de reuniões entre outros. Outras amenidades citados no *blog* são: espaço para recreação, espaço para exercício, piscinas, saunas, quadras para prática de esportes, *personal trainer*, motorista particular, *concierge* (profissional que procura atender os desejos dos hóspedes), máquinas de venda automática de alimentos e bebidas. Em hotéis de luxo cita-se como exemplo Dubai, onde, em uma dessas máquinas vende-se barras de ouro, e se quiser jogar tênis, a quadra é externa e nas alturas (BLOG PALPITE DIGITAL, 2015).

A batalha para fidelizar clientes é constante. Assim, a inovação e a tecnologia por um lado ajudam na pesquisa do perfil dos clientes e por outro são quesitos necessários para essa fidelização. Na opinião de Carolina Saas de Haro em entrevista cedida ao *blog* da hotelaria (2018), é primordial estar atento às inovações

tecnológicas, porém os serviços essenciais devem ser executados com extrema maestria, informações estas publicadas no (BLOG GAZIN ATACADO 2018).

Proporcionar uma estadia inesquecível é o objetivo dos meios de hospedagem. Para que isso possa se realizar, o diferencial pode estar na diversidade, praticidade e qualidade das amenidades e o estudo de mercado é imprescindível na hora da sua oferta. Domingues (2018) mostra que de acordo com resultado da pesquisa Booking.com, divulgada na Revista Hotéis (2018), a preferência por tipo de amenidades diverge conforme a origem do cliente, como demonstrado no quadro 3.

QUADRO 3 - PREFERÊNCIA POR AMENIDADES.

10 principais comodidades	% de viajantes brasileiros que consideram importante	% de viajantes globais que consideram importante
Café da manhã	68%	36%
Ar condicionado	61%	45%
Profissionais atenciosos	56%	42%
Wi-Fi grátis	50%	31%
Equipe que fala meu idioma	48%	35%
Estacionamento grátis	47%	31%
Frigobar	46%	13%
Piscina	39%	24%
Informação turística	39%	26%
Restaurantes	35%	25%

FONTE: Modificado de REVISTA HOTÉIS (2018).

O perfil dos hóspedes, revelado através da pesquisa, pode auxiliar na escolha do público que se quer atender, ou adequar-se para atender toda a demanda. Porém as amenidades são imprescindíveis em qualquer meio de hospedagem.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A motivação para estudar comunidades insulares, tecnologia e o turismo surgiu ao realizar um trabalho sobre as Ilhas Maurícias para a disciplina Turismo Sociedade e Meio Ambiente em 2016, do Programa de Pós Graduação em Turismo da UFPR, como aluna isolada, o que despertou o interesse da pesquisa.

A escolha do objeto empírico como sendo a Ilha do Mel, tendo como foco de estudo as mudanças que as tecnologias proporcionaram na Ilha, deve-se ao fato da autora ter tido contato com a Ilha do Mel antes mesmo da instalação da energia elétrica, do telefone e da Internet e, por meio destas vivências, ter acompanhado parte deste processo evolutivo que aos poucos foi transformando a rotina de seus habitantes.

Os caminhos metodológicos guiam o pesquisador rumo à concretização do objetivo. Com a área de pesquisa definida e os fatores que projetaram a Ilha para o mundo, como as tecnologias, o turismo e a globalização, o próximo passo foi buscar uma metodologia que tornasse possível o estudo.

Iniciou-se uma pesquisa exploratória por meio de fontes bibliográficas sobre os temas em questão. A seguinte etapa foi buscar informações em fontes secundárias como artigos, dissertações e teses que discorreram sobre o assunto e em documentos oficiais sobre a implantação das tecnologias tais como a energia elétrica, telefonia e Internet na Ilha do Mel.

Frente ao acervo selecionado e por se tratar de assunto contemporâneo com reflexos na vida real, a opção por estudo de caso mostrou ser a melhor metodologia para a solução do problema colocado. Para Creswell (2014),

A pesquisa de estudo de caso é uma abordagem qualitativa na qual o investigador explora um sistema delimitado contemporâneo de vida real (um caso) ou múltiplos sistemas delimitados (casos) ao longo do tempo, por meio de coleta de dados detalhada em profundidade envolvendo múltiplas fontes de informação (p.ex., observações, entrevistas, material áudio visual documentos e relatórios) relata uma descrição do caso e temas do caso (CRESWELL, 2014, p. 86).

Para Yin (2001, p. 21), “um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real

especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”.

Diante do exposto, justifica-se a escolha, pois a pesquisa enquadra-se nos argumentos propostos por esta metodologia. Especialmente a necessidade de coletar informações em várias fontes (YIN, 2001; CRESWELL, 2014). Adicionalmente, de acordo com Yin (2001), faz-se necessário solucionar as questões: como? E por quê?

As respostas a tais perguntas por um lado vão de encontro à questão fundamental deste trabalho, que compreende as transformações que vêm ocorrendo no turismo na Ilha do Mel induzidas pelo uso das tecnologias, ou seja, como e por que ocorrem. Por outro lado são fundamentais na construção da matriz de periodização que colaboram na explanação de cada implantação tecnológica nesta linha do tempo. Para esta matriz foi utilizados dados quantitativos o que configura a abordagem como qualitativa e quantitativa.

Entre as buscas pelo conhecimento foram incluídas consultas físicas e virtuais nas Bibliotecas da Universidade Federal do Paraná: campus Reitoria, Rebouças, Centro Politécnico, Centro de Estudos do Mar (CEM), Agrárias, e Hospital das Clínicas de Curitiba.

A busca por informações sobre o início telefonia na Ilha foi através de uma visita à biblioteca do edifício Palácio das Telecomunicações Gal. Arthur da Costa e Silva, antiga empresa Telecomunicações do Paraná (TELEPAR), atual empresa Oi. Já na recepção foi informado que, por conta das privatizações da empresa, a biblioteca foi desativada e o acervo encaminhado ao Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná (CEFET/PR), atualmente Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). O material foi redistribuído conforme os pólos de interesse da UTFPR, se fazendo necessário o retorno ao Palácio das Telecomunicações para maiores informações.

Segundo Gil (2008, p. 111), uma entrevista informal tem como meta a coleta de dados, diferenciando-se assim da simples conversação. Foi realizada uma entrevista gravada em maio de 2017 com F. R. R. S., o qual se recordou do episódio da instalação do posto telefônico na Ilha. Neste caso, a intenção inicial da conversa era levantar dados sobre a telefonia na Ilha do Mel, o que foi concretizado por meio da entrevista. O entrevistado também informou o lançamento do livro *A História do Telefone no Paraná em 2018*.

Também foram feitas consultas na Biblioteca Pública do Paraná, sala de Documentação Paranaense - pastas Ilha do Mel e jornais na Hemeroteca, e na Biblioteca do IPHAN/PR. Ressalta-se que o conteúdo das entrevistas com frequentadores, moradores, segundo residentes e turistas, relativos à década de XX do século passado até por volta dos anos de 1978 foram obtidos no livro *Memórias da Ilha do Mel* publicado pelo IPHAN em 2012.

Os conteúdos extraídos de periódicos, artigos, dissertações, teses, monografias, *sites* na Internet, *blogs*, revistas, jornais e livros auxiliaram a pesquisa, bem como as indicações de acervo feitas por funcionários da Prefeitura de Paranaguá/setor urbanismo, por voluntários do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá e por funcionários da Secretária de Turismo do Paraná.

Uma das diversas fontes de informação utilizadas consistiu de algumas visitas durante aos anos de 2017, 2018 e 2019 feitas à Ilha com o propósito de observar os acontecimentos locais. Observação simples para Gil (2008, p. 101) é “aquela em que o pesquisador, permanece alheio à comunidade, grupo ou situação que pretende estudar, observa de maneira espontânea os fatos que aí ocorrem”. Esta observação facilita a formulação de hipóteses, a obtenção de dados sem criar constrangimentos ou desconfianças no interlocutor, e ainda podem surgir situações que colaborem na “[...] definição do problema da pesquisa”.

Embora Marconi e Lakatos (2003, p. 132) afirmem que “uma fonte rica para a construção de hipóteses é a observação que se realiza dos fatos ou da correlação existente entre eles. As hipóteses terão a função de comprovar (ou não) essas relações e explicá-las”. Ou seja,

Hipótese é uma proposição que se faz na tentativa de verificar a validade de resposta existente para um problema. É uma suposição que antecede a constatação dos fatos e tem como característica uma formulação provisória: deve ser testada para determinar sua validade (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 161).

Nos critérios usados para definição da amostra, definiu-se que as entrevistas deveriam ser feitas com empreendedores do ramo de alojamento e alimentação residentes na Ilha do Mel e que estejam em atividade há pelo menos dez anos, o qual se acredita ser um tempo razoável para que tenham participado algumas mudanças oriundas das novas tecnologias na gestão de seus negócios. Para

obtenção dos dados do fluxo turístico foi solicitado à Associação dos Barqueiros do Litoral Norte (ABALINE) em Pontal do Sul o preenchimento em uma planilha dos dados de 2013 até 2018.

A abordagem deste estudo é qualitativa e quantitativa e visa realizar um estudo exploratório com questionários semi-estruturados. A opção por questões abertas deixa o entrevistado livre para relatar fatos que reestruturaram o *marketing* de vendas e a maneira de trabalhar em seus empreendimentos com a introdução das tecnologias.

Para a realização do pré-teste em março de 2018, as entrevistas foram agendadas por telefone e tiveram duração de uma hora cada, na aplicação, verificou-se inadequação de algumas questões, as quais foram reformuladas e testadas em 18/12/2018 e 4/2/2019, diminuindo o tempo de entrevista para 30 minutos, e para se chegar ao questionário final, novas adequações se fizeram necessárias.

De acordo com Marconi e Lakatos (2003, p. 203), a função do o pré-teste é refazer ou eliminar questões “falhas”, e ainda para assegurar que o questionário possua itens cruciais como: “fidedignidade, validade e operatividade”. Consecutivamente, e independentemente de quem o aplique, os resultados deverão ser os mesmos, assim como as informações congruentes com a pesquisa, com uma linguagem clara e acessível.

A escolha da primeira entrevista após o pré-teste se deu por indicação do posto de informações da Comunidade Brasília, obedecendo ao critério de estar em atividade por dez anos. As demais foram indicadas pelos próprios entrevistados, que inclusive indicaram parentes ou conhecidos que tem empreendimentos na Comunidade de Encantadas. A todos os entrevistados foi esclarecido propósito da pesquisa.

O tempo médio de cada entrevista foi em torno de 20 min. e aconteceram nos dias 5 de fevereiro e 12, 13 e 14 de julho de 2019, sendo realizadas 30 entrevistas. Considerou-se que os números de 30 empreendedores entrevistados possam representar ao menos em parte o universo empresarial Ilhéu, tendo como pressuposto o poder que exercem as tecnologias de comunicação e informação no desempenho das atividades ligadas ao turismo.

Com o questionário padronizado foi calculado o percentual das respostas, sem identificação dos respondentes por opção dos mesmos. Porém os

entrevistados que acrescentaram informações diferenciadas dos demais serão referenciados pelas iniciais do nome, precedido pela palavra entrevistado. Esclarecendo que a indicação de entrevistar a Sra. Eleni Bettes na Comunidade de Encantadas foi em razão da mesma ter sido Professora da escola de informática onde também se ensinava como utilizar e acessar a Internet.

Para a análise e cálculo dos dados das questões fechadas foi utilizado o programa *Excel*, e as respostas dispostas em quadros. As questões abertas foram agrupadas por semelhança.

4 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

A Ilha do Mel, um dos mais belos destinos turísticos do litoral do Paraná, além de suas paisagens naturais que encantam os visitantes nacionais e internacionais, abriga monumento militar que outrora protegia a entrada da Baía de Paranaguá.

4.1 LOCALIZAÇÃO E TERRITÓRIO

A Ilha do Mel localiza-se na entrada da baía de Paranaguá, no Litoral do Estado do Paraná. Sua área é de 2.760 hectares e o seu perímetro é de 35 km (FIGUEIREDO, 1954). A visualização do mapa de sua localização geográfica encontra-se na figura 1. Em torno de 95% de sua área está protegida pelas leis ambientais, contendo duas Unidades de Conservação. O Parque Estadual da Ilha do Mel ocupa uma área de 337,87 hectares na face sul da Ilha, dentre os limites das vilas de Encantadas e Farol, como instituído pelo Decreto Estadual nº 5506, de 22/03/02. A Estação Ecológica da Ilha do Mel tem área de 2.241 hectares e é uma Unidade de Proteção Integral, compreendendo a parte norte da Ilha até os limites das vilas de Nova Brasília e Fortaleza. Seu documento oficial é o Decreto Estadual nº 5454, de 21/09/82 (PARANÁ, 2009).

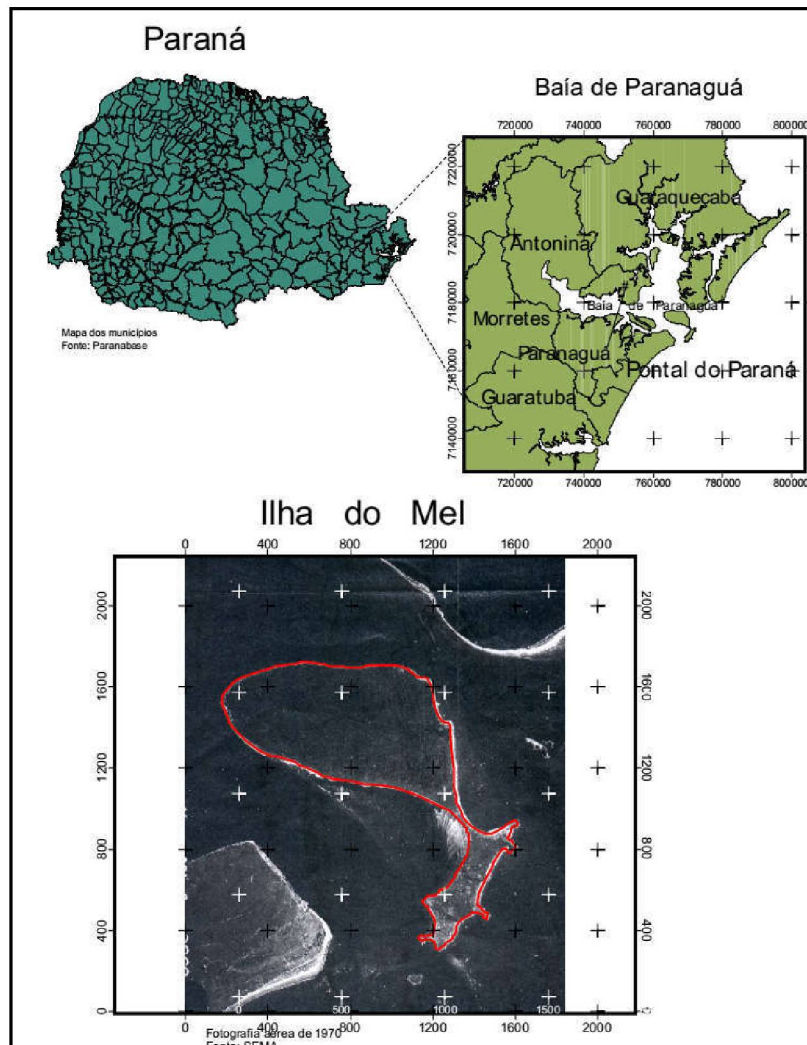
Os acessos a Ilha podem ser feitos por Pontal do Sul ou por Paranaguá. Saindo do terminal de Pontal, o tempo estimado de barco é de 30 minutos e de Paranaguá é de 1h45. O governo do Estado do Paraná delegou ao Instituto Ambiental do Paraná (IAP), a responsabilidade pela administração e o plano de manejo das áreas naturais, com base na Lei Estadual 16037 de 8/1/2009. Ao Município de Paranaguá cabe a administração das áreas da saúde, educação, saneamento, coleta de lixo, correio e energia elétrica (DENKEWICZ, 2016).

A Ilha do Mel possui belíssimas paisagens naturais como, por exemplo, a demonstrada na figura 2, as quais são protegidas por leis ambientais. Além da sua importância histórica na defesa da entrada da Baía de Paranaguá, a Ilha possui monumentos arquitetônicos da época do governo imperial tais como o Farol das Conchas e a Fortaleza.

A vista leste da Ilha do Mel faz frente ao Oceano Atlântico e, devido à sua localização geográfica, sofre interferências das “correntes, ondas e marés que

possuem alta capacidade de modificação na paisagem natural de praias”. Já a sua face oeste está direcionada “para o continente, tendo contato com o ecossistema de mangues e, também, do canal da Galheta” (TELLES, 2007, p. 34).

FIGURA 1 – MAPA DE LOCALIZAÇÃO DA ILHA DO MEL



FONTE: TELLES (2007).

Várias praias formam o conjunto de atrativos naturais para o turismo de sol e praia, tais como: Praia da Fortaleza, Praia do Belo, Praia do Miguel, Praia do Farol, Praia Grande, Praia do Bananal, Praia de Nova Brasília, Praia do Limoeiro, Praia do Istmo, Praia de Fora e Prainha. É composta também pelos Morros e uma extensa planície costeira (FIGUEIREDO, 1954).

FIGURA 2 – VISTA PANORÂMICA DA ILHA DO MEL.



Fonte: PREFEITURA DE PARANAGUÁ.

A altimetria da Ilha, conforme Figueiredo (1954), compõe-se de alguns morros como o Morro do Farol das Conchas, com 50 m, o Morro do Joaquim, com 65 m, o Morro do Belo ou do Meio, com 94 m, o Morro Principal em Encantadas, com 68 m, e o Morro do Miguel, com 150 m. Em seus estudos, Figueiredo não considerou o Morro da Baleia, por estar atrelado à assuntos militares, o qual, conforme Kim (2004), tem 80 m.

Há diversas versões para a origem do nome da Ilha do Mel, a qual, até o século XIX, era conhecida por Ilha da Baleia. Entre elas está a apicultura praticada na região por marinheiros aposentados que se empenharam na produção e até a exportação de mel até os anos 60. Outra explicação é que, no período anterior à Segunda Guerra, a Ilha era conhecida como a Ilha do Almirante Mehl, que se dedicou à apicultura. A extração do mel era também apreciada pelos índios Carijós que viveram na região. Por fim, o contato do mercúrio existente na água doce da Ilha que de encontro com as águas salgadas do mar formam uma coloração parecida com favos de mel (SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA E TURISMO de PARANAGUÁ) [2018].

O clima na Ilha do Mel fica entre o tropical e o subtropical, super-úmido, sem estação de seca e sem ocorrência de geadas (ILHA DO MEL PRESERVE) [2002]. Em 1950 um levantamento populacional feito por autoridades policiais da Ilha registrou 513 habitantes (FIGUEIREDO, 1954). De acordo com os dados do último censo realizado em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população residente naquele ano era 1094 (ILHA DO MEL PRESERVE) [2018].

4.2 A HISTÓRIA DA ILHA DO MEL

A Ilha do Mel abriga o “único exemplar da arquitetura militar do século XVIII no Paraná” (IPHAN, 2004, não paginado), como ilustrado na figura 3, de forma que “em 1972 o conselho do Patrimônio Histórico e Artístico do Paraná indicou e o Governo do Estado decretou o tombamento da Fortaleza Nossa de Senhora dos Prazeres, [...], o mesmo processo resultou no tombamento da Ilha do Mel como um todo, em 1975, na qualidade de um patrimônio cultural a ser resguardado” (HARDER, 2014, p. 22). O objetivo do tombamento foi

[...] impedir o turismo predatório e a ocupação desordenada do solo e também a proteção do que resta da flora e da fauna do litoral do Paraná. A manutenção do paisagismo da ilha e a preservação dos hábitos tradicionais do caboclo, que ainda faz seu barreado, dançam seu fandango e tece suas lendas – “a praia das Encantadas era das sereias que atraíam os barcos, os quais, indo pelo canto delas, acabavam batendo nas pedras” – se incluem, outros sim, nas medidas de proteção, bem como os sítios arqueológicos que assinalam a presença de culturas pré-cabralinas, na área (SECRETARIA DO ESTADO DA CULTURA – COORDENAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL, não paginado, grifo do autor).

A necessidade da construção da Fortaleza ocorreu devido à falta de proteção contra a entrada de invasores na Baía de Paranaguá nas décadas iniciais do século XVIII, por ocasião de um navio pirata francês que adentrou a Baía no encalço de um galeão espanhol carregado de prata. Sentindo-se invadida, a população de Paranaguá solicitou à Coroa Portuguesa a construção de fortificações que pudessem impedir o acesso de invasores. Inicialmente o governo português enviou duas peças, isto é, “canhões tipo roqueira que atiravam pedras”, que foram instalados na Ilha defronte à Ilha do Mel, a qual mais tarde veio a se chamar Ilha das Peças. Apenas em 1767 o Rei de Portugal, Dom José I, autorizou a construção da Fortaleza. Foi construída na parte Norte da Ilha e finalizada a obra em 1770 (IPHAN, 2004, p. 5).

A meta era proteger a circulação de navios e impedir a ação de piratas. A Fortaleza também “protegia o livre trânsito das embarcações de transporte do Governo Imperial pelo Canal Sueste – o único navegável para barcos de maior calado” (FERNANDES, 1985, p. 111). “A Fortaleza foi construída sob a invocação de Nossa Senhora dos Prazeres, por ser a santa padroeira da Casa de Mateus,

família de origem do Morgado de Mateus, Dom Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão, responsável pela sua construção” (IPHAN, 2004, p. 6).

Um dos episódios nos quais a Fortaleza efetivamente atuou ocorreu durante a Guerra dos Farrapos, mais precisamente no ano de 1839, onde uma sumaca nacional foi aprisionada por rebeldes, mas estes foram expulsos pelos canhões da Fortaleza. Outro conflito militar ocorreu durante a Revolução Federalista (1893-1895), onde a Fortaleza foi “tomada” por revolucionários vindos do Sul (IPHAN, 2004, p. 9).

FIGURA 3 - FORTALEZA NOSSA SENHORA DOS PRAZERES.



FONTE: SCHENA (2006).

Entretanto, o maior embate foi o Incidente Cormorant, que gerou um desconforto diplomático entre Brasil e Inglaterra, pois, em 1850 estava em vigor o pacto acordado entre Brasil e Inglaterra na questão escravagista. Porém,

O capitão Herbert Schomberg, comandante do cruzador "Cormorant", da Marinha Inglesa, era um caçador de cargueiros de escravos. Certamente sabia haver contrabando de pretos através do porto de Paranaguá. Não sabia, porém, que os negros eram desembarcados em ilhas, como a das Peças, do Varadouro e em outros lugares do Superaguí, antes que os navios atracassem no porto. Os escravagistas parnanguaras iam buscá-los

a bordo e escondiam-nos para, depois, mercá-los tranqüilamente na Ilha dos Valadares, fronteira ao cais da rua da Praia de Paranaguá. Para disfarçar essa atividade principal, realizavam o comércio comum com outras mercadorias que os traficantes traziam na carga, (FERNANDES 1985, p. 113).

O Cormorant vinha na espreita de suas presas desde o alto mar e, em 29 de junho, as aprisionou nas proximidades da Ilha da Cotinga, porém os porões estavam vazios. Contudo, o comandante do Cormorant Herbert Schomberg “[...] poderia provar que faziam o tráfico de escravos porque, em qualquer barco negreiro havia uma adaptação peculiar nos porões, para abrigarem tal tipo de carga”. Como represália, Parnanguaras se organizaram e, sabedores da única condição navegável de retomo do Cormorant, chegaram à Fortaleza a tempo de o alvejarem e assim o fizeram mesmo contra a ordem do comandante da Fortaleza Joaquim Ferreira Barbosa, pois este sabia das consequências deste ato. Posteriormente o Brasil se retrata com a Inglaterra evitando maiores desentendimentos (FERNANDES, 1985, p. 113). Carneiro (1950), em seu livro a *História do Incidente Cormorant*, relata especificamente os pormenores do ocorrido.

Durante a Segunda Guerra, a Fortaleza cumpriu seu papel de defesa na entrada da Baía de Paranaguá pela última vez. A Fortaleza foi desativada dos fins militares em 1954 e incorporada ao IPHAN em 1990 (IPHAN, 2004). Desde sua construção passou por vários períodos de desativação e também de restauração, e hoje é um dos pontos turísticos da Ilha do Mel (FERNANDES, 1985).

Outro monumento imperial é o Farol das Conchas — no Morro das Conchas, construído por ordem de D. Pedro II. Sua torre metálica foi importada da Inglaterra em 1870 e passou a funcionar em 1872 (FERNANDES, 1985). Assim, como a Fortaleza, o Farol também faz parte dos atrativos turísticos da Ilha. Mostra-se na figura 4 o Farol das Conchas quando ainda tinha a casa em seu entorno, e na figura 5, vê-se como ele se encontra recentemente.

Na incessante busca pela história das construções antigas existentes na Ilha, Fernandes (1985) investiga a origem da construção do Rádio Farol e do Mirante levantado ao Norte da Ilha. Fernandes aprofundou suas pesquisas na Ilha, foi até o Mirante, onde na época um sargento confirmou a existência de um livro histórico e permitiu a sua consulta. O livro intitulado *Livro Histórico do Mirante* traz a história da Rádio Farol, o qual foi inaugurado solenemente em 1939. No entanto, Fernandes, ao realizar trabalhos com o Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense,

visitou a Capitania dos Portos, onde indicaram que ela fosse ao Diretor do Departamento de Hidrografia e Navegação da Marinha na busca por informações precisas, por se tratar do “único Mirante do litoral paranaense”, mas apesar da busca, nenhuma informação foi encontrada. A esperança é que em algum tempo documentos “vindos do Arquivo do Museu Ultramarino de Lisboa que, segundo seu diretor Esáu Santos (1984) possui cerca de 14.000 documentos inéditos relativos ao Paraná” elucidem a questão. Por enquanto fica a versão de ter sido construído pelos práticos¹ (FERNANDES, 1985, p. 125-126).

FIGURA 4 - FAROL DAS CONCHAS ANTIGAMENTE



FONTE: FERNANDES (1985).

FIGURA 5 - IMAGEM RECENTE-FAROL



FONTE: SCHENA (2006).

4.3 A POVOAÇÃO DA ILHA DO MEL

Presume-se que a povoação da Ilha do Mel, baseando-se na análise dos sambaquis encontrados, remonte a Pré-História (SECRETARIA DO ESTADO DA CULTURA – SECRETARIA DO PATRIMÔNIO CULTURAL). De acordo com Gonzaga, Denkwicz e Prado (2014, p. 63), a “população nativa da Ilha do Mel é formada por comunidades caiçaras”. Caiçara, segundo dicionário Houaiss, (2001, p.562) é “[...] habitante do litoral, que vive de modo rústico, esp. da pesca ou atividade próxima”.

¹ Prático é o profissional responsável pela manobra de navios até o interior do porto.

Essas comunidades de cultura tradicional, atualmente, vivem em comunidades mistas, em que compartilham o território com empreendedores do turismo. Pessoas interessadas na atividade turística têm ocupado a Ilha com seus empreendimentos locais, dando emprego à indivíduos das comunidades caiçaras, que vem sendo influenciados por um processo de aculturação globalizada (GONZAGA; DENKEWICZ; PRADO, 2014, p. 63).

Ainda que influenciados pelo fator externo, os contatos com pessoas vindas de outras localidades, migrantes e/ou turistas, e pelas tecnologias, existem na Ilha do Mel distinções de identidade entre os moradores. Afirma Vilanova Junior (2015, p. 47) que a população se auto-identifica em dois grupos: os nativos ou caiçaras, e os que migraram para a Ilha, denominados de externos ou de fora. Além da população fixa, existem moradores temporários de segunda residência, os turistas e os excursionistas.

4.4 COMUNIDADES

As localidades são: Prainha, hoje Vila das Encantadas, situada na parte sul da Ilha, onde está o maior aglomerado populacional, com um trapiche, diversos bares, restaurantes, pousadas e campings (KIM, 2004; TELLES; GANDARA, 2009).

A Ponta Oeste, outrora com a maior população, conforme Figueiredo (1954) e Kim (2004), hoje contam com apenas dez ou doze famílias de pescadores. Nos estudos de Moura (2016), encontra-se um levantamento populacional realizado nos anos de 1980, onde descreveu-se esta localidade com duas igrejas, uma escola, dois estabelecimentos comerciais e a única zona eleitoral da Ilha do Mel. Até a conclusão da pesquisa de Moura, a Ponta Oeste não possuía nenhuma pousada ou *camping* para o atendimento turístico, bem como inexistiam serviços básico como água encanada, energia elétrica, coleta de lixo entre outros. Para Kim (2004), por volta de 1980, os moradores foram deixando o local por estar no entorno da Estação Ecológica e algumas limitações foram sendo impostas pelo Poder Público, o que acabou por gerar esse descompasso no local. Como afirma Gonzaga, Denkewicz e Prado (2014, p.64), “[...] a comunidade local está sujeita ao constrangimento da indesejabilidade de sua presença, por parte do Estado”.

A comunidade da Fortaleza, segundo o IPHAN (2012), foi um dos principais locais nos quais nas décadas iniciais do Século XX foram construídas casas de veraneio de ilustres moradores de Curitiba e Paranaguá, a maioria descendentes de

alemães e italianos. Para Denkewicz (2016), é a menor comunidade de toda a Ilha, porém o fluxo de turista é grande, pois abriga um dos atrativos turísticos históricos, a Fortaleza de Nossa Senhora dos Prazeres.

A Praia Grande, conforme Kim (2004) faz parte do Parque Estadual da Ilha do Mel, embora existam alguns habitantes com pousadas e *campings* instalados anteriormente a criação do Parque, sendo que a questão fundiária está regularizada junto ao Serviço de Patrimônio da União (SPU).

A comunidade do Farol tem boa infraestrutura turística, e órgãos da administração pública, como o IAP, a Companhia Paranaense de Energia Elétrica (COPEL), os Correios, um posto de saúde e a Força Verde da Polícia Militar do Estado do Paraná. A praia é bastante freqüentada inclusive para a prática de *surf* (GONZAGA; DENKEWICZ; PRADO, 2014).

Na região norte está a comunidade Brasília e é outro ponto de embarque e desembarque, no qual dispõe-se de mercado, igreja, escola, pousada, restaurantes e campo de futebol (GONZAGA; DENKEWICZ; PRADO, 2014).

4.5 GESTÃO DO TERRITÓRIO

O território da Ilha do Mel é um bem pertencente à União, porém o Governo do Estado do Paraná tem a cessão de posse e faz a gestão através do IAP, o qual tem como base a lei 16037/2009 e o Plano de Manejo para administrá-la. O gerenciamento da Ilha do Mel também é compartilhado com o Município de Paranaguá, onde está incluso no seu Plano Diretor (DENKEWICZ, 2016). Portanto, cabe ao IAP e ao Município de Paranaguá, respectivamente,

Além dos aspectos normativos e deliberativos, fiscalizar todas e quaisquer ações que venham a causar potencial dano ambiental no local – construções, controle dos limites das áreas de reserva, extração de recursos naturais, serviços públicos de saneamento, dentre outras, – assim como desenvolver e executar a Educação Ambiental voltada à comunidade local e aos turistas. A gestão municipal está aos cuidados do Município de Paranaguá, no que diz respeito aos serviços públicos de saúde, educação fundamental e saneamento básico (SPERB; TELLES, 2014, p. 607).

A administração da Ilha do Mel está estruturada a nível Federal através da Secretaria do Patrimônio; a atuação do governo do Estado do Paraná é feita por meio do Instituto Ambiental do Paraná; a Prefeitura de Paranaguá opera serviços a

nível municipal e a nível local com a participação da sociedade civil desde que esta seja através de associações locais e que tenha força na representatividade da(s) comunidade(s), as quais, assim, participam do Conselho Gestor (TELLES; GANDARA, 2009). Por meio do Decreto N° 3502, de 03 de setembro de 1997, no seu artigo 18,

Fica criado o Conselho Gestor da Ilha do Mel, com a finalidade de gerenciar as obras e atividades de interesse público e privado, a serem desenvolvidas no imóvel.

§ 1º - O Conselho Gestor, de caráter deliberativo, será constituído de forma paritária por membros representantes da administração pública do Estado, do Município de Paranaguá e por representantes das entidades com sede na Ilha do Mel.

§ 2º - O IAP, mediante ato próprio de seu Titular, baixará as normas necessárias à execução do presente Decreto, bem como a aprovação da organização do Conselho Gestor da Ilha do Mel, este no prazo máximo de 90 (noventa) dias, a contar da publicação deste Decreto

§ 3º - Conselho Gestor atuará em conjunto como IAP nas questões administrativas de interesse público do imóvel (PARANÁ, 1997).

Conforme a Portaria nº. 087 do Instituto Ambiental do Paraná, de 19 de Maio de 2005, em seu artigo 2º, o Conselho Gestor da Ilha do Mel é composto, de acordo com IAP (2005), por:

- Secretaria de Estado do Meio Ambiente (SEMA).
- Instituto Ambiental do Paraná;
- Sociedade dos Amigos da Ilha do Mel;
- Associação dos moradores da Praia de Encantadas (AME),
- Prefeitura Municipal de Paranaguá;
- Paraná Turismo (PRTUR);
- Associação dos Barqueiros do Litoral do Paraná (ABALINE);
- Associação dos Comerciantes da Ilha do Mel (ACOIM) (Brasília e Encantadas);
- Associação dos Nativos da Ilha do Mel (ANIMPO);
- Batalhão da Polícia Florestal (BPFLO);
- União das Mulheres da Ilha (EMILHA).

O conselho tem como norma reivindicar os interesses da população da Ilha perante o poder público. Procura mediar os conflitos e equilibrar as decisões garantindo a proteção ambiental e social (DENKEWICZ, 2016).

4.6 ZONEAMENTO AMBIENTAL DA ILHA DO MEL

O território da Ilha do Mel está protegido por leis ambientais, de acordo com a lei 16037 de 8 de Janeiro de 2009, e o zoneamento ambiental da Ilha do Mel compreende nove zonas. Possui duas Unidades de Conservação, o Parque Estadual e a Estação Ecológica. A Estação Ecológica da Ilha do Mel (EEIM) é uma Unidade de Proteção Integral e foi instituída em 21 de setembro de 1982 (TELLES, 2007).

Segundo a trilha da referida Lei, a área da Estação Ecológica inclui toda a planície Norte da Ilha até o limite das vilas de Nova Brasília e da Fortaleza, sendo ancorada no Decreto Estadual nº. 5454, de 21/09/82, cujos objetivos são regidos pelo artigo 9º da Lei Federal nº 9985, de 18/07/00, a seguir,

Art. 9º A Estação Ecológica tem como objetivo a preservação da natureza e a realização de pesquisas científicas.

§ 1º A Estação Ecológica é de posse e domínio públicos, sendo que as áreas particulares incluídas em seus limites serão desapropriadas, de acordo com o que dispõe a lei.

§ 2º É proibida a visitação pública, exceto quando com objetivo educacional, de acordo com o que dispuser o Plano de Manejo da unidade ou regulamento específico.

§ 3º. A pesquisa científica depende de autorização prévia do órgão responsável pela administração da unidade e está sujeita às condições e restrições por este estabelecidas, bem como àquelas previstas em regulamento (PARANÁ, 2009).

A área do Parque Estadual foi criada pelo decreto 5506 de 22 de março de 2002 (Telles, 2007) e de acordo com Telles e Gandara (2009, p.32), “abrange morros planícies vegetadas, praias e aflorações rochosas. [...] [O Parque Estadual] corresponde à antiga área de Reserva Natural”. Sua extensão, de acordo com a Lei, inclui a porção Sul da Ilha entre os limites das vilas de Encantadas e Farol, e sua área é de 33,87 ha. Da mesma forma que a Estação ecológica, os objetivos do Parque são definidos por lei. As normas do Parque estão no artigo 11º da Lei Federal nº 9985, de 18/07/00,

Art. 11. O Parque Nacional tem como objetivo básico a preservação de ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e beleza cênica, possibilitando a realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento de atividades de educação e interpretação ambiental, de recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico.

§ 1º O Parque Nacional é de posse e domínio públicos, sendo que as áreas particulares incluídas em seus limites serão desapropriadas, de acordo com o que dispõe a lei.

§ 2º A visitação pública está sujeita às normas e restrições estabelecidas no Plano de Manejo da unidade, às normas estabelecidas pelo órgão responsável por sua administração, e àquelas previstas em regulamento.

§ 3º A pesquisa científica depende de autorização prévia do órgão responsável pela administração da unidade e está sujeita às condições e restrições por este estabelecidas, bem como àquelas previstas em regulamento.

§ 4º As unidades dessa categoria, quando criadas pelo Estado ou Município, serão denominadas, respectivamente, Parque Estadual e Parque Natural Municipal (BRASIL, 2000).

Cada uma das demais áreas do zoneamento da Ilha tem sua finalidade expressa na Lei, neste estudo referenciam-se apenas as áreas e sua localização:

AC - Área de Costa compreende uma faixa que contorna a ilha desde a praia até 300 m (trezentos metros) mar adentro; a área denominada Saco do Limoeiro e a área do istmo.

AOPT - Área de Ocupação de População Tradicional Local, correspondente a uma área de aproximadamente 1,6 hectares, situada na vila da Ponta Oeste.

AR - Área de Reversão, correspondente à área ocupada na Praia Grande.

ACA - Área de Controle Ambiental, que compreende as porções de terra que fazem divisa entre as unidades de conservação (Estação Ecológica e Parque Estadual) e as demais Áreas; as faixas de preservação permanente ao longo das margens dos rios nas respectivas vilas; a área assoreada na vila do Farol e o morro do Farol das Conchas.

AVL - Área de Vilas, abrangendo as áreas ocupadas de Fortaleza, Nova Brasília, Farol e Encantadas, numa extensão de 58,17 hectares.

AV - Área Verde, que engloba todas as áreas de uso público localizadas em quaisquer das vilas da Ilha do Mel, tais como: largos, praças e todas as porções de terra que não configurem ocupações, do que estão excetuadas as trilhas, conforme apresentado no mapa de zoneamento.

AP - Área de Praia, faixa de areia de todas as praias da Ilha do Mel.

§ 1º. A AEE - Área da Estação Ecológica e a APE - Área do Parque Estadual deverão ter Plano de Manejo específico, de acordo com a Lei Federal nº 9985, de 18/07/00, no prazo de 12 (doze) meses a partir da publicação desta lei (PARANÁ, 2009).

4.7 OS PRIMÓRDIOS DO TURISMO NA ILHA DO MEL

De acordo com a análise de documentos e publicações, o turismo iniciou-se na Ilha do Mel nas primeiras décadas do século XX, como área de lazer e turismo balneário de sol e praia. A infraestrutura, o turismo e as tecnologias existentes na

Ilha do Mel nas primeiras décadas do século XX até por volta dos anos de 1978 são relatados com base em uma coletânea de depoimentos de frequentadores, moradores e proprietários de segunda residência, realizado pela equipe técnica do IPHAN e pela empresa Traço Cultural, contratada pelo IPHAN para o projeto *Memória da Ilha do Mel*, publicados pelo IPHAN (2012).

Consta nestes relatos que a Ilha do Mel na década de 1920 era a melhor opção para as famílias passarem suas férias, devido à falta de infraestrutura nos demais balneários. De acordo com Kraemer (1985), o acesso rodoviário às praias do litoral do Paraná naquele período era incipiente. Esta situação favoreceu a procura pelos balneários da Ilha do Mel, feito pela via marítima saindo de Paranaguá.

O percurso de Paranaguá até a Ilha do Mel demorava em torno de três horas e, como a lancha não ancorava na praia, impedida por bancos de areia, se fazia necessário terminar o traslado à canoa. Posteriormente, como relatado por Lilia Berti Zagonel, foi construído um trapiche perto do mirante onde “hoje é a sede da marinha, na região da reserva ecológica” (IPHAN, 2012, p. 90).

A preparação para a viagem seguia um ritual calculado nos mínimos detalhes, a exemplo do depoimento de Clóris de Souza Ferreira, que a quantidade de roupas a levar obedecia a certo rigor para não ultrapassar o espaço determinado a cada um “nas gavetas”. As malas eram confeccionadas pela empresa IKA, “[...] especialmente para nós”, em modelo especial, impermeável para evitar que os movimentos da maré as molhassem especialmente na troca da lancha pela canoa (IPHAN, 2012, p. 15).

Relatou Lilia Berti Zagonel, que a distância para chegar às casas da Praia do Forte era longa e as bagagens eram muitas, lembrando que quando a maré subia era impossível atravessar pela frente do Forte. Para evitar este contratempo “Joanim Galli e alguns nativos da Ilha do Mel construíram uma estrada simples que passava atrás da Fortaleza”. Pedro Zagonel, no intuito de facilitar o transporte dos veranistas, levou dois caminhões para a Ilha. O primeiro caminhão, modelo dos anos 20, foi para Ilha em uma balsa no início de 1930, mostrado na figura 6. O segundo foi levado quando este ficou fora de operação, era um Ford que chegou à Ilha em meados dos anos 40, ambos eram dirigidos por Ângelo Turra. Em 1954, quando a Família Zagonel deixou a Ilha, que frequentara desde 1926, a

responsabilidade do caminhão passou para Associação da Ilha (IPHAN, 2012, p. 90).

FIGURA 6 – PRIMEIRO CAMINHÃO COM FINS TURÍSTICOS



FONTE: ACERVO FAMÍLIA ZAGONEL (IPHAN, 2012).

A necessidade de caminhão para o transporte era real visto a grande quantidade de bagagens e mantimentos levados do continente. Não existia na Ilha estabelecimentos comerciais que suprissem a demanda. Como não havia energia elétrica e nem geladeira, era imprescindível a preparação de alimentos com certa antecedência da viagem. Clevena Magali de Souza Tesseroli, contou que abatiam-se porcos, dias antes da viagem e se faziam latas de banha, não existia azeite, fritava-se costela e demais carnes e as enterrava na lata de banha. O que chamava a atenção de Clóris de Souza Ferreira era a forma de conservação das verduras, que após serem colhidas e bem embaladas para o transporte eram replantadas na Ilha em locais estratégicos na areia (IPHAN, 2012).

Grande parte dos alimentos era levada da cidade de origem, mas, mesmo assim, mencionou Heloína Ribeiro de Souza que alguns produtos eram comprados de moradores da região, principalmente frutos do mar (IPHAN, 2012). Gil José Gali descreveu como era o método de refrigeração da época,

[...] Quando muito no hotel, no começo vinham barras de gelo de Paranaguá e eram colocadas naquelas geladeiras todas de madeira, revestida com latão por dentro, com furinhos embaixo. Colocava a barra de gelo ali e as gotículas caíam em cima da bebida, uma relíquia IPHAN (2012, p. 48).

Quanto à água para os serviços domésticos provinha de poço, para beber e cozinhar a água era comprado em latas, que vinham de uma fonte no Morro da Fortaleza, informou Heloína Ribeiro de Souza. Walter José de Souza recordou que devido a escassez de água potável, o banho de mar era constante e banho mesmo “[...] talvez a cada quinze dias. A mãe de Cloriz a Tia Liliinha, nos pegava com sabão de coco, lavando desde a cabeça, com uma força... Aquilo era um terror! Eram só dois banhos por temporada” (IPHAN, 2012, p. 33).

Gil José Gali explicou como eram os banhos de chuveiro de campanha “[...] Uma roldana baixava o chuveiro e colocava a água ali, abria e fechava ali mesmo se fazia a mistura de água quente fervida no fogão com a água fria. Levantava e tomava banho” (IPHAN, 2012, p. 48).

A iluminação do hotel e do clube balneário era através de um gerador elétrico, e os veranistas usavam um lampião de querosene, o “Petromax”, disse, Lilia Berti Zagonel. Em alguns depoimentos percebe-se também o uso de velas, como observou Clevena Magali de Souza Tesseroli, para se arrumar para o baile, era preciso colocar velas em cima de latas de arroz, posicionar o espelho para então se aprontar. Justifica-se o uso de latas por não existir plástico (IPHAN, 2012, p. 13, 48, 92).

As diversões da época, além do baile, relatadas por Albino José de Souza Filho eram os jogos de futebol, jogos de vôlei, jogos de cartas e dominó. Acrescentou Heloína Ribeiro de Souza, os jogos “[...] de peteca, bete ao ombro, esconde-esconde, caracol, pular corda, cinco marias, etc” e os passeios até Encantadas, e apreciar a passagem dos navios. Zenon Alves lembrou-se das festas e procissões religiosas. Observou Lilia Berti Zagonel que era usual as mulheres reunirem-se na praia para fazer bordado, tricô e crochê. As pessoas não tinham o hábito de tomar banho de sol e “guarda sol não existia” (IPHAN 2012, p. 24, 89, 92).

A comunicação se fazia através do correio instalado na casa do Sr. Domingos, onde funcionava também o telégrafo, Acyir Hauer e Hans Klaus Garbers. Clevena Magali de Souza Tesseroli comentou que as moças esperavam ansiosamente correspondências de seus namorados vindas do continente através do malote do correio (IPHAN, 2012)

Além destas casas de veranistas, existia na época um hotel na Ilha no qual, como informado por Gil José Galli, as instalações iniciais eram de madeira, mas,

após o incêndio, o seu pai e os outros tradicionais decidiram reconstruí-lo. A figura 7 demonstra como o hotel era no início. Com a intenção de manter a sociedade “formalizaram um documento para não ser vendido” e, se caso isto viesse a acontecer, o montante seria destinado para a Santa Casa de Misericórdia de Paranaguá. Foi arrendado para membros da religião Metodista a qual tinha como um dos preceitos a proibição de bebidas alcoólicas em suas dependências, inviabilizando assim a sua comercialização para os hóspedes. Após esta administração que durou dois anos, o hotel voltou aos antigos sócios.

FIGURA 7 - HOTEL ILHA DO MEL ANTES



FONTE: ACERVO FAMÍLIA GOMES DE SÁ (IPHAN, 2012).

Ainda com o depoimento de Gil José Galli, devido a outros compromissos, alguns sócios não puderam continuar dedicando-se ao clube e o hotel retomou para os Galli. Mais tarde, pelas circunstâncias que se impuseram e pelas reformas que se faziam necessárias, estes optaram por vender o hotel que foi comprado por um deputado federal, primo da família, o qual, por sua vez, com a finalidade de melhorar a edificação, fez algumas alterações e acabou tendo as obras embargadas. A “[...] Marinha interditou por causa da pequena alteração no telhado, depois de longa luta conseguimos resolver”. Novamente o hotel foi vendido para um grupo de portugueses, que posteriormente o venderam para o grupo Rene Strobel (IPHAN 2012, p. 50-51). Conforme estudos de Harder (2014, p. 25), há referências ao ex-Deputado José Carlos Leprevost, possivelmente o proprietário citado acima. Na figura 8 mostra-se a imagem do hotel nos moldes atuais.

FIGURA 8 – HOTEL ILHA DO MEL ATUAL



FONTE: MARILZA GIOPPO NUNES (GOOGLE IMAGENS).

Um panorama geral da Ilha contado por Zenon Alves ao IPHAN (2012) mostrou outros aspectos rotineiros do Ilhéus. Nascido na Ilha em 1936, sua família composta de doze irmãos, todos natos, conta que seu pai serviu na Fortaleza na Primeira e na Segunda Guerra Mundial e que esta tinha por volta de cento e poucos militares, caminhão, jipe e anfíbio. Na escola que estudou tinha até o terceiro ano. Ele vendia lenha para os banhistas e suas irmãs lavavam roupas para os militares. Sobre as localidades da Ilha comenta que “[...] Quem começou Brasília foi o Velho Diamantino, o pai do Nilo. Foi ele que colocou este nome. Na Praia Grande seus parentes cultivavam roça, sua “[...] avó Maria fazia farinha e também plantava abacaxi. [...] a velha Rosa tinha roça na Ponta Oeste. Lá tinha também bastante gente”. Na praia do cedro viviam só pescadores mas tinha a Igreja do Divino Espírito Santo. Durante o período da Guerra, ao toque da sirene às seis horas da tarde, todos tinham que ir dormir em barracas do exército montadas no mato em local alto e seco, tudo precisava ficar no escuro total, “[...] por causa dos navios”. Quanto ao mosquito transmissor da malária o exército pulverizou a Ilha de avião para exterminá-los mas, com o término da Guerra, o serviço findou (IPHAN, 2012, p. 69, 71). George Lobo e Nadir Luiza explicaram

que por causa das butucas e do risco de contrair maleita, o período mais procurado era no inverno no mês julho e mês de férias (IPHAN, 2012).

O turismo foi expressivo e glamoroso no início do século XX, porém narrou Lilia Berti Zagonel que em 1939, quando se iniciou a Guerra, a Ilha “[...] foi decretada área exclusiva militar e ocupada por soldados, não sendo mais permitida a entrada de civis em férias” (IPHAN, 2012, p. 93). Complementou Gil José que o exército ocupou as casas no período da Guerra, devolvendo-as “[...] infelizmente, bem estragadas” ao término do conflito (IPHAN, 2012, p. 49).

Analisando os depoimentos pode-se concluir que nas décadas iniciais do século XX o turismo na Ilha, apesar de contar com pouca infraestrutura, foi intenso e sofisticado. Para que todos desfrutassem de mais conforto no período de férias, proprietários de segunda residência e outros frequentadores providenciaram a construção de uma pequena Igreja, do clube balneário, a reconstrução do Hotel e a disponibilização dos caminhões para transporte, além da excelente convivência com os nativos.

Em suas longas temporadas na Ilha, os turistas compravam alguns produtos alimentícios cultivados, pescados ou produzidos pelos nativos além de requisitar seus préstimos profissionais. O estilo arquitetônico das casas dos alemães e italianos era bem diferenciado das dos nativos, mas tinha em comum com as moradias do Ilhéus a falta de energia elétrica.

As consequências deixadas pela Guerra, o incidente que inviabilizou o uso da lancha que fazia o transporte Paranaguá Ilha do Mel, o acesso rodoviário aos balneários do continente, a falta de energia elétrica na Ilha e as escassas formas de entretenimento contribuíram para a finalização da fase glamorosa do turismo na Ilha (KRAEMER, 1985).

Nem todos deixaram de frequentar a Ilha, porém o fluxo diminuiu consideravelmente. Tendo efeito reflexo na população Ilhoa, afirma Kraemer

“[...] a população cabocla entrou em ampla decadência. Todos voltam-se integralmente às atividades e subsistência, agora sem as oportunidades de trabalho que os banhistas ofereciam. [...] Assim a pesca é exercida tanto para subsistência como para a troca”. (KRAEMER, 1985, p. 55)

Uma das poucas movimentações que ainda impulsionaram a Ilha eram as atividades dos práticos e de seus familiares. Sem a habilidade profissional destes,

a navegação pelo canal da barra tornava-se perigosa. Constam referências a esta profissão na Ilha por ocasião do Incidente Cormorant em 1850. No período da Segunda Guerra essa função foi considerada “[...] atividade de Segurança Nacional [...] incorporada à Marinha de Guerra do Brasil”. Em 1959 constituiu-se uma nova associação e, por volta de 1955 ou 1957, a Ilha foi sede do Posto da Barra, na Praia do Farol das Conchas (FERNANDES, 1985, p. 158).

Com o passar do tempo formou-se a Vila dos Práticos, o qual, segundo Fernandes (1985, p. 158) com o abandono das casas da Fortaleza, foi o “[...] único local frequentado por banhistas”. Contando com seus recursos próprios esses profissionais instalaram água encanada, vinda de uma represa que fizeram de uma nascente do Morro do Bento Alves. Além de suas atividades normais, eles também atendiam os moradores, levando-os a Paranaguá por questões de saúde ou de aquisição de mantimentos.

A Casa da Praticagem era ampla, comportando várias dependências, entre elas “[...] instalações sanitárias completas”, preciosidade naquele cenário. As tecnologias de ponta eram o gerador de energia próprio, e o rádio transmissor-receptor, e uma televisão (FERNANDES, 1985, p. 37, 158).

O Posto da Praticagem foi transferido para o continente e oficialmente celebrado em 1979. A causa foi que a navegação passou obrigatoriamente a ser feita pelo Canal Sul, também chamado de Canal da Galheta, dragado em 1975/76. Anteriormente a passagem de navios era pelo canal Sueste. Novamente a Ilha perde parte do movimento turístico assim como os benefícios advindos do gerador do Posto Praticagem, retomando seus lampiões a querosene (FERNANDES, 1985).

4.8 RENOVAÇÃO DO DESTINO

No transcorrer da década de 1970, a Ilha começou a ser frequentada por um público jovem que buscavam pela beleza cênica e por um lugar isolado e com pouco policiamento (SCHENA, 2006). Estes turistas, segundo Kraemer (1985), acampavam em barracas. De olho neste novo nicho de mercado, por volta de 1977, o armazém dos Valentim construiu instalações sanitárias e começou a vender refeições a estes visitantes.

Reichmann Neto (1999) distingue as atividades turísticas na Ilha em duas etapas, sendo a primeira a elitizada que não ocasionou mudanças significativas nas “[...] dinâmicas sócio-econômicas e ambientais da Ilha”. Porém, a segunda etapa iniciada por volta de 1980 volta-se para um turismo de massa. A qual,

Requereu ações do Poder Público para estabelecer algumas normas visando a preservação do ambiente e da sociedade local. Mesmo assim o turismo tornou-se a principal atividade comercial da Ilha do Mel. Neste cenário a sua infraestrutura necessitou readequações, com destaque para a instalação da energia elétrica da COPEL. Isso propiciou o contato da população local com a sociedade acostumada a outros referenciais de conforto e modernidade, que interferiram significativamente nos hábitos, costume e na economia da Ilha (REICHMANN NETO, 1999, p. 34).

Com a implantação da energia elétrica, a Ilha foi desenvolvendo uma infraestrutura adequada à demanda turística. Reichmann Neto (1999) fez um levantamento da evolução da infraestrutura com foco no potencial turístico, considerando três fases distintas: o ano em que foi instalada a energia elétrica, 1988, a segunda etapa, que aconteceu quatro anos depois em 1992 e, por fim, 1997. Constatou-se nos resultados que foi ascendente a disponibilização de opções de alojamento e alimentação para o turista.

Conforme Galafassi (2000) a Ilha contava no ano de 2000 com 57 pousadas e 1 hotel, 11 campings e 16 bares e restaurantes e uma praça de alimentação. De acordo com dados da Prefeitura de Paranaguá, no Plano Master de Turismo Paranaguá (2014), os meios de hospedagens em Brasília eram de 43 unidades e, em Encantadas, 39, e nos ramos de bebidas e alimentação o montante era de 21 em Brasília e 11 em Encantadas, não sendo disponibilizado o número de camping. Segundo o Projeto Litoral Nota Cem (2019), a Ilha conta com 63 pousadas, 1 hotel, 11 campings, 16 restaurantes, 1 lanchonete e 1 praça de alimentação. Tais informações estão demonstradas no quadro 4, junto com o resultado da pesquisa citada no parágrafo anterior.

A causa da oscilação nos dados da infraestrutura turística na Ilha pode ter sido devido às restrições de novas políticas fiscais e, ainda em menor escala, considera-se que alguns estabelecimentos abrem apenas na alta temporada. Além disso, os registros disponíveis em *folders* turísticos não representam todos os empreendimentos, por este motivo não foram relacionados. Da mesma forma que em uma busca no site comercial *Booking*, com acesso em 16 de agosto de

2019, haviam 67 meios de hospedagens cadastrados disponíveis para reservas. Não se pode afirmar que seja um número exato, visto que podem existir empreendimentos do ramo de alojamento que não utilizam tal meio de vendas.

QUADRO 4 – EVOLUÇÃO DE INFRAESTRUTURA TURÍSTICA

Ano Infraestrutura	1988	1992	1997	2000	2014	2019
Bar/restaurante	13	19	41	16	32	18
<i>Camping</i>	6	10	15	11	-----	11
Pousadas/hotel	10	28	55	58	82	64

FONTE: 1988, 1992, 1997, Modificado de REICHAMNN NETO (1999); 2000, GALAFASSI (2000); 2014, PREFEITURA DE PARANAGUÁ (2014), 2019, PROJETO LITORAL NOTA CEM (2019).

A energia elétrica potencializou o desenvolvimento do turismo na Ilha do Mel, gerando grande fluxo de turistas que passaram a ter na Ilha o mesmo conforto de seu lar. Visando proteger o território Ilhéu, o IAP em 1997 determinou uma capacidade de carga em 5000 pessoas por dia (REICHMANN NETO, 1999). Segundo Hallage (2001, p. B5), “[...] o número de pousadas aumentou 50%; o turismo o comércio e a população também cresceram”.

Galafassi (2000, p. B) traz em sua matéria a opinião de moradores da Ilha com relação à implantação da energia elétrica permanente. Estes afirmam que antigos hábitos foram sendo perdidos e julgam que seu resgate é necessário. Para Marlene Gonçalves, “nós temos mais trabalho e as pessoas estão consumindo mais e deixando mais dinheiro na Ilha”. Porém algumas atividades como “[...] tocar violão à noite, ao lado de uma fogueira na areia e participar dos forró à luz de lampião” são apenas lembranças, inviabilizadas pelo fluxo de turistas. No entanto, reconhece que a Ilha está oferecendo mais qualidade de vida aos nativos. Para Silveira (1998) entre as consequências deixadas pelo aumento do fluxo turístico na Ilha estavam a degradação ambiental, o aumento dos problemas fundiários, descaracterização cultural, saneamento básico e o uso de drogas.

Como o turista é o foco do empreendedor na Ilha do Mel, a inovação e o aprimoramento têm sido constante. A natureza, os monumentos históricos, a

história de vida, os segredos e as lendas do Ilhéus, seguramente são fortes motivos para que o turista busque este destino, desde que encontre suporte para tal.

A qualidade nos serviços que no presente a Ilha oferece destacou-se perante os demais destinos litorâneos do Paraná, sendo o motivo principal por que Paranaguá é um dos três destinos indutores do Programa de Regionalização do Turismo do Estado.

A infraestrutura nos meios de hospedagens da Ilha do Mel, segundo a Folha do Litoral (2017), vem ganhando destaque neste setor na região do litoral do Paraná. Recebeu nove das treze certificações do Selo de Qualidade no Turismo do Paraná, prêmio este que reconhece o primor dos serviços prestados nos meios de hospedagem na região litorânea. Com o apoio de consultores do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE/PR), os meios de hospedagem passaram por um minucioso processo de avaliação, treinamentos, palestras e implantação de melhorias. A análise final que os credenciou ao Selo esteve a cargo do Instituto de Tecnologia do Paraná (TECPAR), conforme publicação da Folha do Litoral.

A conquista do Selo do Turismo por tantas empresas do segmento confirma a disposição dos empresários em investir recursos e tempo para tornar este destino atrativo não somente por suas belezas naturais, mas por sua qualidade, conforto e atendimento diferenciado. E isso foi confirmado. A Ilha do Mel tem excelentes meios de hospedagens no litoral paranaense' exalta o consultor do Sebrae/PR no Litoral, Gilberto Keserle (FOLHA DO LITORAL, 4/5/2017).

Encontra-se na Ilha do Mel os mais variados meios de hospedagem, os quais atendem públicos diversificados. A disponibilidade de escolha oportuniza contemplar todas as categorias sociais satisfazendo diferentes necessidades de alojamento.

De acordo com o *site* Ilha do Mel Preserve, a distribuição destes meios de hospedagem são bastante diversificados e compreendem hotéis, pousadas, *campings* que também alugam quartos, *campings*, pousadas com *camping*, quartos, casas para alugar e empreendimento com chalés, salientando-se que em determinados *campings* e pousadas é oferecido ao hóspede cozinha comunitária e lavanderia.

No ramo da alimentação muitas são as opções, entre excelentes restaurantes, pizzarias, lanchonetes, *spaguetarias*, bares e panificadora. Neste quesito, na Vila de Encantadas, o diferencial está em um restaurante com especiarias em comidas árabes, e outro em que o serviço “*À la carte*”, tem sido eleito o nº 1 no Guia 4 rodas há mais de oito anos (GUIA TURÍSTICO ILHA DO MEL, grifo do autor) .

4.9 OS DADOS DO TURISMO NA ILHA

Os dados estatísticos da Ilha do Mel, deixam claro que o turismo tem expressão significativa na região. O maior fluxo é sazonal e acontece nos meses de verão, mas durante todo o ano a Ilha recebe visitantes em algum grau, principalmente em atividades como a Festa da Tainha, no mês de julho, em campeonatos de *surf* e em show musicais, os quais atraem visitantes em outros meses do ano.

Em dezembro de 1994, a Ilha recebeu 9.531 pessoas e contava com um suporte de 40 pousadas e um hotel (RIBEIRO, 1995). Já Silveira (1998, p. 227-228) apresenta os dados de um levantamento feito pelo Batalhão de Polícia Florestal que “[...] entre os meses de dezembro de 1987 a janeiro de 1988 a Ilha do Mel recebeu 36.560 visitantes”. Nove anos depois foi realizado um novo estudo e “[...] entre os meses de dezembro de 1996 e fevereiro de 1997, indica que a Ilha recebeu mais de 80.295 visitantes”. Pode-se considerar que o aumento de 120% entre estes períodos deve-se a implantação da energia elétrica e dos benefícios por ela gerados. Estas informações estão dispostas no quadro 5.

QUADRO 5 – FLUXO TURÍSTICO

DATA	DEZEMBRO 1987 - JANEIRO 1988	DEZEMBRO 1996 - JANEIRO 1997
TURISTAS	36.560	80.295

FONTE: SILVEIRA (1988, p. 227-228).

Conforme mostrado no quadro 6, Esteves (2004) observa que, no final dos anos de 1990 e nos anos iniciais de 2000, houve um declínio na procura da Ilha

do Mel. Este autor cita os dados extraídos do Jornal Ilha do Mel de 2000: “[...] em janeiro de 1999 visitaram a Ilha 33.386 turistas e no mês de janeiro do ano 2000, 44.940 pessoas entraram na Ilha do Mel”, retomando a procura. Com base no controle feito pelo terminal de embarque de Pontal do Sul, em 2002, entraram na Ilha 142.612 turistas e, destes, 34.216 foram à Ilha em Janeiro/2002, e em Fevereiro de 2002 o número de pessoas foi de 23.784. Em 2003, a Ilha recebeu 113.907 visitantes, 28.531 em Janeiro e 11.584 em Fevereiro. Neste mesmo período em janeiro de 2004, a Ilha recebeu 38.155, em fevereiro 23.021, visitantes. Lembrando que os dados computados foram apenas os de embarque via Pontal do Sul, através da ABALINE. Não foi contabilizado o acesso via Paranaguá (ESTEVES, 2004, p. 69).

A possível justificativa da queda do fluxo turístico do mês de fevereiro do ano de 2003 em relação ao ano de 2002 é que o feriado de carnaval do ano de 2002 foi no início do mês de fevereiro e em 2003 foi em março, porém nem um fato conhecido ocorreu nos meses de janeiro que pudesse ser considerado como fator de variação do fluxo nos meses de janeiro entre um ano e outro.

QUADRO 6 – VARIAÇÃO DO FLUXO TURÍSTICO

Mês \ Ano	1999	2000	2002	2003	2004
JANEIRO	33.386	44.940 (+35%)	34.216 (-24%)	28.531 (-17%)	38.155 (+34%)
FEVEREIRO	-----	-----	23.784	11.584 (-51%)	23.021 (+99%)

FONTE: Modificado de ESTEVES (2004).

Referindo-se à baixa na procura do destino citado acima por Esteves (2004), Camargo (1996), relatou os possíveis motivos que ocasionaram essa queda. Segundo ele, de acordo com dados da Polícia Florestal, o movimento na temporada de 18 de Dezembro a 18 de Janeiro de 1995, foi registrado 24.000 pessoas e no ano seguinte no mesmo período apenas 13.000. A justificativa para este percentual negativo na opinião de moradores e comerciantes foi à medida restritiva tomada pelo IAP, com a limitação de visitantes em 5.000 pessoas/dia, o que gera no turista a dúvida de que a Ilha estaria lotada e sem condições de recepção. Já o superintendente do IAP na época, José Antonio Coelho, admite que este fator tenha criado falsa expectativa para o visitante, mas admite a

possibilidade da crise econômica que estava em curso ter tido sua parcela de contribuição. Assim alguns empreendimentos do ramo hoteleiro e gastronômico ficaram com suas ocupações ociosas.

A demonstração do fluxo turístico com destino a Ilha do Mel exposto no quadro 7, originou-se por meio das informações dispostas no quadro de estatística da Secretaria de Estado de Turismo referente aos anos de 2001, e de 2004 a 2011. Os dados dos anos de 2002 e 2003 foram obtidos das pesquisas de Esteves (2004), e os números de 2013 a 2018 foram informados pela ABALINE para a autora deste trabalho.

Ressalta-se que foi informado o número de passageiros com destino a Ilha saindo de Paranaguá apenas dos anos de 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2017 e 2018, justificando assim a ausência do número de passageiros do terminal de embarque de Paranaguá nos demais anos. Os números do ano de 2012 foram informados pela Secretaria de Estado do Turismo como estimativa com base nos anos anteriores, por este motivo não foram incluídos no quadro estatístico.

QUADRO 7 – PASSAGEIROS DESTINO ILHA DO MEL

Embarque	Paranaguá	Pontal do Paraná	Total
2001	-----	158 434	158 434
2002	-----	142 612	142 612
2003	-----	113 907	113 907
2004	11 739	105 870	117 609
2005	13197	105284	118 481
2006	16 394	120 866	137 260
2007	17 906	113 992	131 898
2008	14.687	115 365	130052
2009	-----	114 663	114 663
2010	-----	112 126	112 126
2011	-----	92 180	92 180
2013	-----	111 281	111 281
2014	-----	125 407	125 407

2015	-----	115 957	115957
2016	-----	111 866	111 866
2017	3.777	115.121	118898
2018	6.362	113.509	119 871

FONTES²: 2001 – SETU (2012); 2002-2003 ESTEVES (2004); 2004 à 2011 SETU (2012); 2013 à 2018 ABALINE (2019).

4.10 INTERNACIONALIZAÇÃO DO TURISMO NA ILHA

Sabe-se da presença de turistas estrangeiros na Ilha do Mel através do livro de registros de hóspedes de pousadas, de alguns noticiados em jornais, de outros frutos da empiria acadêmica e pelos dados estatísticos oficiais disponibilizados pela da Secretaria de Turismo do Paraná entre os anos de 2000 a 2006.

Cardoso (1985) registra a estada de turistas internacionais na Ilha e afirma que as belezas naturais foram um dos fatores impactantes na percepção positiva destes. Conforme o Jornal Correio de Notícias (1987, p. 19), há referências de hóspedes internacionais. Diz a publicação que no livro de registro da hospedaria de seu Egidio há nomes de “estrangeiros de nacionalidade que vão da Bélgica a França, Estados Unidos e Holanda”.

O resultado da pesquisa de Niefer (2002) aponta visitantes oriundos de países da Europa, Estados Unidos, Nova Zelândia, e América do Sul. Já se encontravam presentes na Ilha, conforme Aguirre (1996), citada por Niefer (2002), argentinos, alemães, uruguaios, paraguaios, franceses e espanhóis.

Confirma-se por meio destes informes que a Ilha do Mel alcançou visibilidade internacional em torno dos anos de 1985, fase em o *marketing* de divulgação era através das mídias tradicionais, como as citadas por Niefer (2002), que aponta os meios pelos quais os entrevistados tiveram conhecimento da Ilha. Dentre os participantes, 84% disseram que foi por meio de amigos/conhecidos /família. Os demais entrevistados citam, além desta fonte, outros veículos de informação como televisão/rádio/agências de viagens, jornal /revista/outras formas, e os guias 4 Rodas, Lonely Planet e South American Handbook (NIEFER, 2002). Ressalta-se que estes índices englobam todos os respondentes, estrangeiros ou não. Na

² Informa-se que os dados citados por SETU (2012) referente ao ano de 2001 tem como fonte SEMA, de 2004 à 2007 IAP (2008), 2008- Associação Mar Brasil; 2009 à 2011 ABALINE.

pesquisa de campo do presente trabalho, o entrevistado A. A. G. informou que, em 1984, foi publicada na França uma reportagem sobre a Ilha do Mel e que possivelmente alguns turistas tomaram conhecimento através deste meio.

Os dados estatísticos disponibilizados pela SETU (2008), como mostrado no quadro 8, contabilizam a porcentagem de estrangeiros que na Ilha estiveram entre os anos 2000 e 2006. As estatísticas dos demais anos não foram encontradas, mas ao analisar aquele período foi possível constatar aumento no número de visitantes e variações no fluxo interanual. A partir de 2006 não foram mais realizadas pesquisas estatísticas de demanda turística internacional da Ilha do Mel.

QUADRO 8 – PORCENTAGEM DE TURISTAS INTERNACIONAIS

2001	2002	2003	2004	2005	2006
5,8%	8,0%	6,9%	15,5%	19,2%	14,9%

FONTE: SETU (2008).

O quadro acima reflete um salto superior a 100% de demanda turística internacional entre 2003 e 2005. Tal fenômeno encontra explicação na utilização de mídias sociais e internet na divulgação do destino Ilha do Mel.

5 O USO DE TECNOLOGIAS NA ILHA DO MEL

Este capítulo é uma descrição de como foram implementadas diferentes tecnologias na Ilha do Mel desde os primórdios de sua ocupação para o turismo. Utilizou-se como recorte os anos iniciais da década de 20 do século XX ao advento da Internet. Analisaram-se os meios que foram sendo utilizados na instalação da energia elétrica, do telefone, da Internet e do sinal de celular, os quais impactaram consideravelmente o universo insular, bem como a evolução do transporte marítimo, que é a principal porta de entrada da Ilha.

Nesta trajetória pode-se perceber que o turismo na Ilha passou por diferentes etapas. Iniciou-se com certo *glamour* em um tempo em que sequer havia energia elétrica, caiu consideravelmente durante a Segunda Guerra e, após o conflito, passou por período de estagnação e, posteriormente, houve a renovação do destino

5.1 ENERGIA ELÉTRICA NA ILHA DO MEL

A princípio, os primeiros contatos com a eletricidade na Ilha do Mel foram através de geradores. Devido ao alto custo destes, apenas parte da população Ilhoa tinha o privilégio de seus benefícios. Conforme as informações dos depoentes publicadas pelo IPHAN (2012), o hotel e o clube balneário eram iluminados por gerador, provavelmente por volta da década de 1940.

Fernandes (1985) menciona que os práticos construíram casas de veraneio na praia do Farol na década de 1950/60 e eram beneficiados pelo gerador da casa da Praticagem. Estenderam o privilégio aos “[...] moradores locais (alguns empregados da Praticagem), a escolinha municipal, as casas do Departamento Policial e, mais tarde o casarão do Clube da Mulher do Campo”. Nos registros de Kraemer (1978), consta que a família Valentim possuía um gerador de eletricidade por volta de 1977, na localidade de Prainha.

Ribas e Baracho (1984, p. 74) registram em 1983 um gerador de eletricidade e a necessidade energia elétrica no cotidiano do Ilhéu. Na opinião da população Ilhoa, isto é, para 26,32% das famílias entrevistadas, considera-se a energia elétrica como a segunda principal necessidade, perdendo apenas para o atendimento médico que ocupou o *ranking* de 29,47% das respostas. A prioridade do Ilhéu pela eletricidade suplantava a água encanada (16,84%), escola (9,47%),

dentista (7,37%), higiene (3,16%) e outros (7,37%). Em estudos de Reichmann Neto (1999), em 1988 a Ilha contava com 37 geradores, o que foi um salto bastante significativo.

Finalmente, em 22 de junho de 1988, foi implantada a energia elétrica pela COPEL, na Ilha do Mel (REICHMANN NETO, 1999). A forma selecionada para a instalação de energia elétrica, segundo Sato (1995, p. 6), foi através de uma usina movida a diesel e seus geradores funcionavam inicialmente das 10h às 22h e atendiam em torno de 500 domicílios. O projeto da COPEL no fim daquele ano (1995) era instalar mais dois geradores de 220 kW de potência na usina, desativando outros quatro de menor capacidade. Segundo Schena (2006), o horário de fornecimento de energia foi estendido até as 24h e, mais tarde, até às 2h. Conforme Reichmann Neto (1999), em 1999, a Ilha foi interligada por cabo submarino ao sistema de transmissão da COPEL.

Como medida para tentar minimizar a sobrecarga na usina, a COPEL, em outubro de 1995, instalou dois coletores de energia solar na comunidade de Brasília, na residência de dois pescadores. A intenção era testar a eficiência quanto ao uso da água quente para os banhos, pois, diferentemente dos coletores usuais, estes estão ligados diretamente nos chuveiros. Segundo um dos usuários, com o uso dos coletores baixou a conta da energia elétrica e a água é quente mesmo em dias nublados (SATO, 1995).

De acordo com Sato (1995) a COPEL também realizou outros experimentos, como mapear os ventos para avaliar seu potencial na produção de energia, por meio de dois anemômetros, um instalado no Farol e outro na Ponta da Nhá Piná. Foram testadas lâmpadas *Philips* de 23 watts com poder de iluminação 25% maior que as comuns de 100 watts. Estas ações visavam uma economia no sistema de abastecimento de energia nos horários de maior fluxo.

Informou a Agência de Notícias do Paraná (2012), que com a conclusão de 22 km de cabos de energia subaquáticos no litoral em 2012 e a energização destes em março de 2013, o risco de interrupções no fornecimento às ilhas seria evitada e ainda viabilizaria-se a instalação de Internet em alta velocidade, uma vez que estaria incluso o cabo de fibra óptica da COPEL. Em 2012, o fornecimento da energia à região insular era feito por um cabo subaquático, vindo de Pontal do Sul e levando eletricidade à Ilha do Mel, à Ilha de Superagui, e à parte da Ilha das Peças. Portanto, se houvesse qualquer interrupção, o

fornecimento seria prejudicado. A partir da nova linha subaquática, formou-se um anel elétrico entre as ilhas e o continente e, no caso de problemas com um dos cabos, o outro suprirá o fornecimento.

5.2 O ADVENTO DA COMUNICAÇÃO NA ILHA DO MEL

As formas de comunicação que chegavam e saíam da Ilha eram pelo rádio utilizado pelos práticos, por telégrafo ou carta via malote do correio (IPHAN, 2012; FERNANDES, 1985). Quanto ao início do serviço de telefonia, em entrevista com F. R. R. S., realizada pela autora em maio de 2017, o mesmo recorda que esteve na Ilha em 1979 para a instalação do Posto Telefônico. Nos estudos de Ribas e Baracho (1984, p. 78) consta a informação de que “[...] recentemente foi instalado um posto telefônico”.

A consulta a Lista Telefônica do Litoral do Paraná (1991) indicou que a localidade Ilha do Mel era atendida através de Posto Telefônico em 1991. Já no ano seguinte, conforme a pesquisa de Reichmann Neto (1999), havia 9 aparelhos de telefone.

É notória a expansão da telefonia na Ilha em um curto espaço de tempo. Na temporada de 1997, a Telepar instala cinco novos telefones públicos, passando de onze para dezesseis: três unidades em Brasília que substituíram o posto de serviços, mais um aparelho em Encantadas e um em Nova Brasília, melhorando assim o funcionamento para os usuários, que consideraram importante a troca do posto de serviços pelos orelhões, uma vez que, ao contrário dos postos, os orelhões estavam disponíveis 24 horas, além de fazer ligações locais, interurbanas e a cobrar (DIÁRIO POPULAR, 1997).

Os registros referentes à Internet, conforme o entrevistado A. A. G., são de que a sua pousada na comunidade Encantadas fazia uso da Internet discada no ano de 1999, no seu computador. Conforme o Boletim nº 15 (Ilha do Mel Preserve, 2004), a Internet foi disponibilizada gratuitamente em 2002, para a população Ilhoa, no Telecentro Paranavegar Romyne, em Encantadas. O objetivo era oferecer aos Ilhéus o acesso às informações e aos serviços do governo e assim oportunizar a comunidade o aprendizado de informática e o uso da Internet. Conforme Vilanueva Junior (2015, p. 57) estão instaladas na Ilha duas antenas de

empresas de telecomunicações, como a telefonia fixa GVT e Oi e a telefonia móvel recebe o sinal da TIM, VIVO, CLARO, Oi e Internet.

Ainda em relação ao Telecentro de acordo com a entrevistada E. B., moradora da Ilha há mais de trinta anos, “violonista profissional, mãe da Orquestra Sinfônica do Estado do Paraná”, foi criada uma biblioteca comunitária chamada Vô Lavínio. Segundo E.B, a escolha do nome se deve ao fato do morador que dá nome a Biblioteca ser contador de histórias. Posteriormente, na Biblioteca passou a funcionar também uma escola de informática, como mostrado na figura 9 e a professora de violino passou a ser professora de informática. A metodologia empregada no ensino da informática e utilização da Internet ao ilhéu contou com a perspicácia pedagógica e com a estratégia envolvente oriunda do mundo musical, inerente a Professora. A Biblioteca e o Telecentro contaram com o apoio da União das Mulheres da Ilha – chamada de EMILIA.

FIGURA 9 – FOTO DA INAUGURAÇÃO DA ESCOLA DE INFORMÁTICA.



Fonte: Arquivo pessoal de E.B. Ilha do Mel (2019).

Segundo Band News Curitiba (2014), em 2014, “[...] a Ilha conta com sinal de celular em alguns pontos e Internet *wi-fi* na maioria das 150 pousadas e restaurantes”. Consta neste informativo que para reforçar a conexão, a COPEL

disponibiliza pela terceira temporada seguida Internet *wi-fi* grátis em alguns pontos e que a Internet via rádio chegou à Ilha em 2011

Os benefícios gerados com a energia elétrica, com o telefone e com a Internet, proporcionaram à Ilha a integração com o mundo globalizado, aumentaram as possibilidades de *marketing* para o *trade* turístico e, para o Ilhéu, abriram novas fronteiras de conhecimento e trabalho.

5.3 EVOLUÇÃO DO TRANSPORTE PARA A ILHA.

O transporte é um dos pilares que concretiza o acesso a quaisquer destinos turísticos. Nesta pesquisa, buscou-se, através da investigação, descrever os meios de transporte de acesso à Ilha do Mel, e quais as progressões no recorte temporal.

O acesso à Ilha do Mel inicialmente era feito via cidade de Paranaguá no ponto de embarque frente o Rio Itiberê. Não tinha a atual opção Pontal do Sul. Declararam George Alberto Azevedo Lobo e Nadir Luiza Lobo que “o Barco que usávamos era a vela”. Outros depoentes relataram que, por volta dos anos de 1930, havia uma lancha que pertencia ao hotel chamada Lancha da Ilha que fazia o percurso (IPHAN, 2012, p. 75).

Notificou Lilia Berti Zagonel que, devido aos “bancos de areia e o mar revoltoso”, o traslado passava da lancha que parava em direção à frente do hotel para a canoa do Satuca, até finalizar o trajeto na praia (IPHAN, 2012, p. 90). Satuca, segundo as informações obtidas por IPHAN (2012), foi classificado pelos depoentes como Ilhéu, pescador, remador, comerciante, possuidor de uma canoa feita de árvore e extremamente hábil na finalização do traslado.

O trapiche utilizado para o embarque/desembarque na Ilha sem dúvida proporciona conforto aos visitantes, porém, em algumas épocas, ele era inexistente, obrigando a descida em meio à água. Fernandes (1985, p. 201) informa que “o primeiro trapiche foi construído na enseada do Farol das Conchas”. Supõe Fernandes que a escolha da construção do trapiche nesta localidade justifica-se possivelmente pelo início do funcionamento do Farol, favorecendo assim o atracamento das embarcações da fiscalização da Marinha. Já Figueiredo (1954, p. 46), afirma que o trapiche na praia de conchas fora construído “especialmente” para o desembarque das peças importadas da Inglaterra utilizadas na montagem do

Farol das Conchas. Segundo Fernandes (1985), o dito trapiche não mais existia no período das temporadas do Balneário da Fortaleza.

Na época do balneário da Fortaleza, a Lancha Ilha do Mel fazia o desembarque dos banhistas “na praia de mar calmo, diante do Mirante”, onde presume-se que tenha sido construído o segundo trapiche do rádio Farol pela Capitania dos Portos. No período da Segunda Guerra, este trapiche encontrava-se em péssimas condições. Com o intuito de solucionar a questão dos passageiros descerem da lancha, embarcarem numa canoa e depois encararem a descida em plena água, um dos comandantes da Fortaleza, entendido de técnicas modernas de construção, junto com outros engenheiros e construtores, resolveram construir um novo trapiche. Porém, mesmo em detrimento de histórias e do conhecimento do Ilhéu de que o local era impróprio porque havia um redemoinho embaixo da água, o trapiche fora construído. Logo após a inauguração veio uma tempestade e o destruiu (FERNANDES, 1985, p. 202)

Retornando à questão das embarcações de travessia, consta que um pescador paraibano chamado Severino foi para a Ilha “servir como soldado no Forte [...]”. Era dele a Canoa Amazonas”. Ao construir a maior canoa da Ilha deu-lhe o nome de Paraíba vendeu-a ao Forte, aonde esta foi utilizada para fins militares. A colisão com as pedras defronte a Fortaleza a inutilizou (FERNANDES, 1985, p. 56). De acordo com os relatos publicados pelo IPHAN (2012), a Paraíba era uma canoa a motor usada pelo exército para fins militares, para o transporte do malote do correio, e em certas ocasiões alguns civis, entre eles banhistas, também a utilizavam.

Nas pesquisas de Figueiredo (1954) foram citadas a lancha Ilha do Mel, pertencente ao Hotel, a lancha da praticagem que transportava sem custo o pessoal e as conduções particulares responsáveis pelo transporte dos funcionários da dragagem da barra. Essas eram as formas de deslocamento entre Ilha e continente na época.

Fernandes (1975) afirmou que em dezembro de 1975 era ausente na Ilha o transporte regular, mas comentou que a Transturmar possuía lanchas que poderiam fazer a travessia com tarifas acessíveis, mas isso dependeria de intensificar o número de passageiros. As dificuldades em relação ao turismo na Ilha nesta época incluem a inexistência de meios de hospedagens, pois o hotel estava

em promessas de reformas. Como alternativa alguns frequentadores se acomodam em barracas.

Dois anos depois, em 1977, os irmãos Valentim compraram um barco com cabine que também usavam para transportar os turistas que estavam frequentando a Prainha. Em um estudo feito por Kraemer em 1983, consta que o transporte tomou-se mais expressivo com a instalação em Pontal do Sul de empresas apropriadas para tal e que alguns pescadores conseguiram comprar canoas a motor para transportar além do pescado, turistas (KRAEMER, 1985).

Segundo o Jornal Gazeta do Povo (1983), a única empresa autorizada a fazer o percurso era a Transturmar e fazia alguns meses que esta disponibilizara o serviço de lanchas saindo de Pontal do Sul, mas sem horários definidos. Assim, os usuários, às vezes, optavam por pagar o transporte para barcos de pescadores. Conforme Athayde e Tomaz (1995), o serviço de transporte representava oportunidades de trabalho para o Ilhéu. Desta forma a travessia era feita, porém ao chegar à Ilha, conforme o jornal Gazeta do Povo de 30 de dezembro de 1984, a falta de atracadouro obriga os visitantes a descer na água.

Ao estudar depoimentos de uma comunidade *online* no ORKUT, Schena (2006) concluiu que a falta de infraestrutura no final da década de 1980, não só em relação ao transporte, mas também quanto à precariedade dos meios de hospedagens, muitas vezes se tornava mais um atrativo do que um obstáculo à visita na Ilha.

A partir de 1996 a ABALINE iniciou suas atividades transportando cargas e passageiros na região de Paranaguá. Esta empresa atualmente dispõe de equipamentos modernos de segurança nas suas 53 embarcações e procura oferecer comodidade aos turistas na travessia (ABALINE, 2019). De acordo com Schena (2006), Norato Valentim foi um dos fundadores da ABALINE.

Para diversificar o atendimento ao turista em 1999 surgiu a Cooperativa dos Transportadores Náuticos Autônomos da Ilha do Mel (CONTRONAUTA) com o objetivo de reunir as embarcações anônimas da região da Ilha do Mel. No presente contam com 19 embarcações com equipamentos de segurança dentro das normas da Capitania dos Portos e que oferecem serviços de travessia alternativa para a Ilha, sendo seu foco o Táxi Náutico (ILHA DO MEL PRESERVE, 2019).

De acordo com Schena (2006), em 2002 o Governo do Estado construiu um terminal turístico em Pontal do Sul, favorecendo o embarque/desembarque com barcos seguros e horários definidos.

Acompanhando a demanda em 2004 com barcos seguros e equipados, a empresa de Turismo Náutico Barca da Ilha iniciou suas atividades na condução de turistas para a Ilha do Mel (BARCA DA ILHA, 2019).

Em Pontal do Sul a revitalização do terminal de embarque inclui: a adequação dos banheiros, garantindo a acessibilidade, a construção de corrimão, de portão de correr, a instalação de catracas e a reestruturação do comércio no local, proporcionando mais dinamismo no atendimento turístico. Estas obras são fruto de convênio iniciado em 2016 entre a Secretaria do Estado de Infraestrutura e Logística, com a anuência do Instituto das Águas do Paraná, que passou à Prefeitura a operação, gestão e exploração do terminal de embarque de passageiros na Ilha do Mel. Em setembro de 2018, o trapiche passou a ser de concreto (anteriormente era de madeira) (PORTAL DA ILHA DO MEL, 2018).

Pode-se dizer que o acesso à Ilha do Mel transcorreu por períodos de rusticidade e sofisticação. O transporte náutico foi se adequando às exigências da demanda existente. A travessia conta hoje com barcos equipados tecnologicamente, favorecendo a segurança no trajeto, a comodidade para o usuário e os horários pré-determinados. A revitalização do terminal de embarque em Pontal do Sul atende o fluxo turístico com mais qualidade. Quanto aos trapiches instalados em Brasília e em Encantadas, segundo Luiz Tarcisio Mossato Pinto, Presidente do IAP, em 2013 foi feita uma reforma no trapiche da Praia de Brasília e, em 2014, no de Encantadas (IAP, 2014).

Apesar destas reformas, ocorreu um incidente no início deste ano (2019) no trapiche de Nova Brasília e a sua reestruturação está sendo estudada. O transporte é vital para o turismo e para a economia, e é essencial neste mundo globalizado. Conforme justifica Silveira (2010),

Enquanto atividade econômica, um dos fatores que determina o desenvolvimento do turismo em uma determinada região ou país, é a acessibilidade configurada pelo sistema de transportes. Com efeito, a oferta de um sistema de transporte que responda às necessidades dos usuários e consumidores (viajantes, empresas de turismo e de viagens) constitui uma exigência no atual cenário globalizado e competitivo do setor turístico (SILVEIRA, 2010, p. 267).

5.4 EVOLUÇÃO DO CENÁRIO TECNOLÓGICO DO ILHÉU

Através dos resultados das pesquisas realizadas na Ilha após a fase do turismo elitizado, foi possível traçar um perfil da evolução do mobiliário da população Ilhoa, da forma como eram construídas as casas posteriormente a mudança no estilo das mesmas e suas adequações para o turismo, dos primeiros eletroeletrônicos adquiridos e das práticas de lazer.

Figueiredo (1954, p. 53-54) constata a simplicidade das residências dos povoados da Ilha, mas enfatiza que as casas de banhistas em Fortaleza, a casa da Praticagem e a dos funcionários da dragagem da barra destacavam-se pelo aspecto confortável. O povoado de Prainhas “é formado por casinhas toscas de pescadores cobertas de palha [...] o povoado do Morro do Belo constituído por cinco a sete casinhas cobertas de folhas de gramiola ou guaricana”. No povoado do Cedro existiam “poucas casinhas”, duas ou três tafonas de farinha e uma carpintaria onde um artesão consertava canoas.

Kraemer (1985) comprova que no final de 1977 na Prainha, as habitações dos pescadores, além de continuarem cobertas com palha, ainda eram bastante humildes e com pouca mobília. Ribas e Baracho (1984), em suas pesquisas de campo realizadas em 1883 nos 95 domicílios de moradores permanentes da Ilha do Mel, verificaram que ainda existem famílias em condições precárias de pobreza. Cerca de vinte anos depois, o trabalho de Reichmann Neto (1999) revela que, em 1997, na Prainha, agora Praia de Encantadas, poucas residências com essas características foram encontradas.

Os dados a seguir, com base em Ribas e Baracho (1984), mostram a realidade encontrada na Ilha nos anos de 1983/1984. O quadro 9 refere-se aos materiais utilizados na construção das casas, mas não há registros quanto à cobertura. No quadro 10, nota-se a presença de um gerador, o qual possivelmente vem a ser aquele que Kraemer (1985) citou, comprado pela família Valentin. Vale ressaltar que o gerador de energia elétrica da casa da Praticagem na década de 60/70 do século XX, conforme relatado por Fernandes (1985), foi desativado. A causa foi a transferência do Posto da Praticagem para Pontal do Sul em 1979, de modo que os práticos deixaram a Ilha e os vizinhos que se beneficiavam do gerador voltaram a usar iluminação de lampião (FERNANDES, 1985).

QUADRO 9 – MATERIAIS
DE CONSTRUÇÃO

Madeira	83
Alvenaria e madeira	10
Sapê	2

FONTE: RIBAS; BARACHO (1984).

QUADRO 10 – TIPOS DE ILUMINAÇÃO

Lampião a gás	51
Lampião a querosene	7
Vela	38
Eletricidade gerador	1

FONTE: RIBAS; BARACHO (1984).

Fundamentado no levantamento feito por Ribas e Barracho (1984), pode-se afirmar, dentre os eletrodomésticos presentes na Ilha demonstrados no quadro 11, que parte da população Ilhoa tinha acesso à informação e ao entretenimento mas, quando questionados sobre as formas de lazer, as atividades ligadas à Igreja lideraram as preferências, seguidos dos passeios, do futebol, do rádio e da televisão (RIBAS; BARACHO, 1984).

QUADRO 11 - ELETRODOMÉSTICOS

Fogão (gás e lenha)	48
Geladeira	9
Liquidificador	1
Rádio	29
Televisão	7
Toca discos	1

FONTE: RIBAS; BARACHO (1984)

Reichmann Neto (1999, p. 100), argumentou que possivelmente os eletrodomésticos citados acima funcionavam através da energia do “único gerador existente na época, ou por pilhas descartáveis, ou acumuladores de energia”, com exceção das geladeiras, que funcionavam à base de querosene ou gás liquefeito de petróleo (GLP). O mesmo autor registrou a presença de 44 geladeiras antes da chegada da energia elétrica em 1988.

O resultado do estudo de Reichmann Neto (1999) revelou etapas da evolução da aquisição dos eletrodomésticos na Ilha do Mel, durante os anos de

1988 (ano em que foi instalada a energia elétrica pela COPEL), 1992 (quando já havia ultrapassado a fase de adaptação) e 1997 (ano da pesquisa). O autor observou que, em 1992, a atividade turística foi bastante expressiva, provavelmente este fator contribuiu no poder de compra de eletrodomésticos (REICHMANN NETO, 1999).

Para fins deste estudo, elaborou-se no quadro 12 a soma dos eletrodomésticos adquiridos por quantidade/ano, e não por aquisição classificada por nativos, migrantes e veranistas, como está na tabela original feita por Reichmann Neto (1999), por entender que o foco deste estudo são as inovações tecnológicas.

QUADRO 12 – ELETRODOMÉSTICOS ADQUIRIDOS NA ILHA DO MEL ENTRE 1988 E 1997

Tipo	1988	1992	1997
Chuveiro elétrico	7	256	498
Ferro elétrico	3	67	157
Geladeira	3	149	337
Batedeira de bolo	0	35	84
Espremedor de frutas	0	14	51
Forno microondas	0	8	37
Liquidificador	2	90	240
Máquina de lavar roupas	0	34	125
Multiprocessador	0	2	10
Sanduicheira	2	10	33
Ventilador	1	278	699
Ventilador de teto	0	59	169
Antena parabólica	0	14	53
Rádio transmissor	7	12	23
Rádio/aparelho de som	5	111	299
Telefone	0	9	53
TV colorida	3	98	270
TV preta e branca	5	27	18
Vídeo	0	5	25
Serra circular	0	3	7
Cortador de grama elétrico	1	34	62
Estufa comercial	0	1	5
Furadeira	0	8	19
Bomba d água	0	11	31
Freezer	12	114	287
Balcão frigorífico	0	1	4

Fonte: Adaptado de REICHMANN NETO (1999).

A intenção de compor o quadro acima com a relação de aquisição de eletrodomésticos e afins feita por Reichmann Neto (1999) foi indicar o crescimento potencial que a energia elétrica proporcionou a comunidade Ilhoa.

A energia elétrica colaborou para a expansão do turismo na Ilha (KIM, 2004). Esta, através dos eletrodomésticos, pode oferecer mais comodidade aos Ilhéus e aos visitantes. O aumento gradativo no ramo de alojamento e alimentação, segundo Denkwicz (2016, p. 72), ganhou projeção com a disponibilização da energia elétrica: “[...] iniciou-se a transformação das casas de veraneio em meios de hospedagem, como as pousadas. Por conseguinte *campings*, quartos em residências fixas e casas passaram a ser alugados”.

Conforme Reichmann Neto (1999) a partir de 1990, a instalação de comércios voltados ao turismo passa a ser mais incisivo. Para Kim (2004, p. 30), nas décadas 80 e 90 do século XX houve considerável fluxo de imigrantes com bom poder aquisitivo atrás de “qualidade de vida que instalaram comércios, e pessoas com menor poder aquisitivo atrás das oportunidades de emprego geradas por esses estabelecimentos”.

Na configuração do quadro 13, pode-se acompanhar as transformações que foram ocorrendo no cenário Ilhéu, e a evolução voltada ao turismo facilitada pela instalação da energia elétrica, recordando que a trajetória turística na Ilha passou por fases diversas e que cada uma delas, como explicadas anteriormente, retratou as possibilidades do momento.

QUADRO 13 - EVOLUÇÃO DA INFRAESTRUTURA IMOBILIÁRIA

Década de 1930/1940.	Casa de moradores nativos, pescadores, casa da praticagem, Hotel, clube balneário, casas de segunda residência de veraneio, casas de aluguel, pensão e duas vendas (IPHAN, 2012).
Década de 1950.	Casa de moradores nativos, hotel, pensão, casa de residência de veraneio. Cinco pequenos negociantes (FIGUEIREDO, 1954).
Década de 1970	Casa de moradores nativos, pescadores, casa de militares (VILANUEVA JR., 2015). Pousada (IPHAN, 2012). Pequenos comércios (KRAEMER, 1978).
Década de 1980	Casa de moradores nativos, pescadores, casa de militares, segundas residências de veraneio, hotel e pequenos comércios (VILANUEVA JR., 2015). <i>Camping</i> e pousadas (REICHMANN NETO, 1999).
Década de 1990	Casa de moradores nativos, pescadores, segunda residência de veraneio, hotel, pousada, restaurante e pequenos comércios (VILANUEVA JR., 2015). <i>Camping</i> (REICHMANN NETO, 1999).

Década de 2000	Casa de moradores nativos, pescadores, segunda residência de veraneio, hotel, pousadas, hostel, resort, restaurantes pequenos comércios (VILANUEVA JR., 2015).
Década de 2010	Casa de moradores nativos, pescadores, segunda residência de veraneio, hotel, pousada, hostel, resort, restaurante e pequenos comércios (VILANUEVA JR., 2015).

FONTES: Modificado DE VILANUEVA JUNIOR (2015); IPHAN (2012); FIGUEIREDO (1954); REICHMANN NETO (1999); KRAEMER (1978).

6 SÍNTESE DOS RESULTADOS

Pode-se afirmar que no decorrer do tempo cada tecnologia que surgia tinha sua participação para o aprimoramento da atividade turística. Dentre tantas algumas impulsionaram mais o setor turístico, como a energia elétrica, o telefone e por fim a internet.

A informação sobre o início da comunicação via telefone na Ilha do Mel, obteve-se por meio de entrevista, na qual o entrevistado F. R. R. S. afirma ter trabalhado pessoalmente na instalação do primeiro posto telefônico da Ilha. Suas lembranças são de que este feito foi no final do ano de 1979. Pesquisas acadêmicas de Ribas e Barracho (1984) realizadas em 1983 afirmaram ser recente a instalação do posto telefônico. O entrevistado alegou que com os serviços de telefonia foram favorecidos a comunicação com o continente, com o posto da polícia militar e das emergências relativas à saúde.

As formas de comunicação foram aceleradas com o advento da Internet. O entrevistado A. A. G., proprietário de pousada na localidade de Encantadas, declarou que utilizou em seu estabelecimento um computador com Internet discada em 1999. Em 2002, a população Ilhoa, por meio de um projeto do governo, teve a oportunidade de aprendizado de informática e acesso à Internet no Telecentro (projeto do governo instalado em locais com baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)) (BOLETIM Nº 15 ILHA DO MEL PRESERVE, 2004).

A falta de disponibilização de sinal de celular em toda a Ilha e o alto custo da Internet via cabo em comparação à Pontal do Sul e Paranaguá, sendo que a tecnologia ofertada é a mesma, acaba dificultando a integração tecnológica do Ilhéu, disse o entrevistado C. G. durante o pré-teste, em março de 2018. Entretanto, durante a finalização da coleta de dados para esta pesquisa em junho de 2019 a informação dos empreendedores locais em relação ao alto custo da Internet é de que está sendo implementada a oferta do serviço de Internet com menor custo por outras empresas do ramo.

Como resultado dos questionários semi-estruturados utilizados no procedimento metodológico para a execução da pesquisa de campo, ficou nítido a percepção dos empreendedores quanto à infraestrutura necessária para que o turismo viesse a captar um novo nicho de mercado abrangendo maior diversidade

de público. Esses também constataram que ainda existem problemas na Ilha que perduram por décadas como a questão das drogas, saneamento e segurança.

Ao considerar o tempo em que os estabelecimentos estão em atividade, pode-se dizer que estes incorporaram tecnologias que são cruciais para o desenvolvimento do turismo. Na opinião da maioria dos empreendedores, no tempo presente, a Internet integra-se à rotina desde a divulgação até o *check-out* e, sem a mesma, inviabilizar-se-ia a atividade turística

Os resultados da pesquisa de campo quanto às questões fechadas estão dispostas nos quadros abaixo. Em alguns, o número de resposta excede a quantidade de entrevistas, visto que o entrevistado utiliza várias das opções propostas. O quadro 14 situou os diversos locais na Ilha do Mel onde se realizou a visita.

QUADRO 14 - DISTRIBUIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Local do empreendimento	Número de entrevistas
Nova Brasília	7
Farol	7
Praia Grande	1
Encantadas	15

FONTE: Pesquisa de campo da autora (2018/19).

Pode-se afirmar que os empreendimentos estão consolidados, visto o tempo de atividade na Ilha, como se percebe no quadro 15. Ademais, como visto no quadro 16, além da gestão familiar, que ainda é bem representativa, também está surgindo a administração mista, onde a família divide a gestão do negócio com administrador contratado, resultado esse que contrasta com o da pesquisa de Vilanueva Junior (2015), na qual é considerada apenas a administração familiar ou empresarial.

QUADRO 15 - TEMPO ATIVIDADE NA ILHA

Tempo/Anos	Quantidade
Entre 6 e 10 anos	1
Entre 11 e 20 anos	12

Mais de 20 anos	17
-----------------	----

FONTE: Pesquisa de campo da autora (2018/19).

QUADRO 16 - REGIME ADMINISTRATIVO

Administração	Estabelecimentos
Familiar	70%
Empresarial	25%
Mista	5%

FONTE: Pesquisa de campo da autora (2018/19).

Nas amenidades tecnológicas oferecidas ao turista (quadro 17) estão descritos os mimos em relação à comunicação, à comodidade e ao lazer. O *wi-fi* é líder perante as demais, fazendo parte de todos os estabelecimentos que foram abordados, do mesmo modo que o ar condicionado e/ou o ventilador, necessários devido ao clima. Os itens microondas e lavanderia dispostos no quadro 17 são para uso exclusivo do turista, quando ele próprio quer lavar sua roupa e cozinhar, não contabilizando os que fazem parte da infraestrutura do alojamento.

QUADRO 17 - AMENIDADES TECNOLÓGICAS DISPONÍVEIS NOS EMPREENDIMENTOS

Tecnologias	Empreendimentos	Percentual
Telefone	18	60%
Televisão tela plana	14	47%
Televisão Tubo	1	3%
Smart TV	13	43%
Tv. a cabo	12	40%
Wi-fi	30	100%
Leitor de DVD	5	17%
Ar condicionado	18	60%
Ventilador	12	40%
Frigobar	23	77%
Secador de Cabelo	14	47%
Outros: Cofre digital	2	7%

Microondas	5	17%
Lavanderia	10	34%

FONTE: Pesquisa de campo da autora (2018/19).

Analisando as questões abertas sobre a relação do turismo e as tecnologias, houve unanimidade nas respostas dos entrevistados de que ambos encontram-se interligados. O turismo depende das tecnologias no *marketing* eletrônico de divulgação, nas vendas *online*, no *feedback* dos turistas e nas reservas. Atualmente o turismo na Ilha estaria comprometido sem o uso das TICs.

A grande maioria (70%) dos respondentes passaram a utilizar a Internet para o *marketing* de divulgação de seus empreendimentos a partir da disponibilização da tecnologia na Ilha, avanço que hoje é de uso corrente por todos. Antes a divulgação era feita através de jornais, revistas, televisão, *folder*, rádio e pelo sistema boca a boca.

A estratégia do *marketing* busca, na visibilidade, mais valia, e assim vários aplicativos estão disponibilizados e são utilizados ao mesmo tempo, como confirmados pelos empreendedores ao serem interrogados sobre quais os meios utilizados para fazer reservas. Obteve-se como resultado deste questionamento que as reservas são feitas através de: *WhatsApp*, *Instagram*, *Airbnb*, *Facebook*, *Tripadvisor*, *Booking*, *Hotel Urbano*, *Desbravador*, *Expedia*, *Trivago*, Agências operadoras, telefone fixo e celular, *e-mail* e *site* próprio. Antigamente o sistema de reservas através era feito via telefone fixo, fax, agência operadora e pessoalmente.

Como é feito o controle de reservas? Neste quesito obtiveram-se as seguintes respostas: programas padrões de reservas como o *Hosped-in* e o *Desbravador*, mas também por *e-mail*, *WhatsApp*, controle próprio, planilha eletrônica, *Excel* e até caderno escrito a mão.

Já ao serem interrogados sobre o que pensam em implantar em termos de tecnologias nos empreendimentos, e qual ou quais as motivações para ao investimento, as opiniões se dividem:

- 10% dizem que instalariam mais câmeras para monitoramento com o intuito de auxiliar o turista no trânsito entre as dependências.
- 40% vêem no chuveiro a gás ou a energia solar uma redução de custo, no caso do solar também considera-se a motivação ecológica

- 20% afirmam que gostariam de trocar o ventilador por ar condicionado, e os que possuem ar condicionado sem o sensor de presença pensam em colocá-lo, reduzindo custos.
- 10% dos que também possuem serviços de alimentação pretendem fazer a informatização dos comandos entre balcão e cozinha para agilizar o atendimento.

Os demais estão satisfeitos e alegam que possuem tudo o que necessitam para que toda a cadeia turística se desenvolva até o momento.

Quanto aos aspectos negativos do uso das TICs, houve controvérsias no posicionamento de alguns dos entrevistados em relação ao *feedback* dos turistas. Para 100% dos respondentes os comentários positivos alavancam as vendas e, para 80%, os comentários negativos representam uma grande oportunidade para corrigir o problema, enquanto os 20% restantes sentem-se prejudicados, mas tomam medidas imediatas para que não volte a ocorrer. O senso comum é de que quando as mídias publicam algum incidente envolvendo a Ilha, mesmo sendo um caso isolado, como o ocorrido no trapiche em Brasília no início do ano de 2019, a imagem da Ilha como um todo é manchada.

Na questão da utilização dos cartões de débito/crédito, soube-se que a substituição de grande parte dos pagamentos feitos em dinheiro pelo cartão de débito/crédito iniciou-se nos final dos anos de 1990 (lembrando que no início o sistema era mecânico, tirava-se uma cópia do cartão em uma maquininha e o cliente assinava autorizando o pagamento pelo banco). No presente, os acertos das reservas *online* trouxeram mais segurança, evitando calotes com os cheques sem fundos, mas, em contrapartida, houve o encarecimento dos produtos e serviços devido às taxas cobradas pelas operadoras dos cartões. Na Ilha do Mel não existem caixas eletrônicos e nem bancos.

Embora o foco deste estudo não seja as mudanças sócio-culturais, julgou-se necessário fazer um breve comentário sobre elas, constatando-se que elas aconteceram, por um lado, influenciadas pela convivência com os migrantes, com os turistas, e pelas circunstâncias financeiras, uma vez que o ganho com os serviços ligados ao turismo são maiores se comparados as atividades pesqueiras e, assim, o perfil do Ilhéus foi mudando.

Também se evidencia a importância que as tecnologias como a televisão, no passado, e a Internet, no presente, exercem influenciando e formando opiniões. No entanto, durante as conversas é nítido o sentimento de pertencimento expressado pelo Ilhéu. Ao solicitar informações sobre quem de fato está estabelecido na Ilha há mais de 10 anos, é comum ouvir “ele (a) não é nativo, é de fora”, mesmo que esta pessoa esteja estabelecida na Ilha por décadas.

A inserção das tecnologias na Ilha do Mel, impulsionadas pela implantação da energia elétrica, colaborou para o desenvolvimento do turismo e, aos poucos, foi modernizando a Ilha. Ressalta-se que alguns empreendedores migraram para a Ilha na fase anterior à energia elétrica da COPEL, utilizando-se de geradores particulares, mas a grande demanda de investidores aconteceu após a instalação da COPEL, visto o grande mercado promissor do turismo.

De acordo com os estudos de Reichamnn Neto (1999), Kim (2004), Esteves (2004), Telles (2007) e Denkewicz (2016), a partir da implantação da energia elétrica da COPEL, o Ilhéu foi se distanciando da pesca e aderindo à atividade turística. Pessoas com olhar empreendedor migraram para a Ilha desenvolvendo atividade comercial, outros em busca de qualidade de vida e o turismo teve um acelerado crescimento visto a evolução em números dos meios de hospedagem e alimentação

6.1 LINHA DO TEMPO DAS TECNOLOGIAS

A construção da linha do tempo ou matriz de periodização neste estudo tem o propósito de elencar as datas de implantação das tecnologias que mais tiveram impacto no desenvolvimento do turismo como a energia elétrica, o telefone fixo, o celular, a Internet e os meios de acesso (transportes marítimos).

Os demais fatos datados explicados nos capítulos anteriores como, por exemplo, a implantação das Unidades de Conservação e o Tombamento da Ilha como Patrimônio mudaram o cotidiano Ilhéu e também trouxeram à Ilha mais projeção histórica e ecológica, gerando assim mais motivos para a visitação.

Algumas datas relacionadas no início da linha do tempo não são precisas, como o 1º caminhão levado nos anos iniciais de 1930 e o 2º em meados de 1940, de forma que estes foram elencados por década de e não por ano. Neste mesmo

sistema encontra-se o gerador do hotel, o gerador da casa da praticagem e o início da Internet discada.

Certas datas foram relacionadas na linha do tempo focando nas mudanças que em pouco tempo vieram impactar o território Ilhéu, como, por exemplo, o ano de 1977, no qual, com a reativação do turismo, o olhar do empreendedor local, que era direcionado à comercialização do pescado e atividades afins, volta-se para atender as necessidades do turista, percebendo deste modo uma nova entrada de capital.

Os geradores e os números de telefones foram listados com a intenção enfatizar que, se houve tal crescimento em pouco tempo é porque a demanda exigia. Como mencionado por Ribas e Barracho (1984) em 1983, encontrava-se apenas um gerador na Ilha e, como relatado por Reichamnn Neto, em 1988, já existiam 37. A comunicação telefônica como já relatado anteriormente também saltou rapidamente. Perante estas estatísticas pode-se dizer que a Ilha e o Ilhéu foram-se adaptando às exigências que a atividade turística requer.

De nada adiantaria ter todas as tecnologias pertinentes ao desenvolvimento do turismo em território insular se não houvesse meios de acesso. Partindo deste pressuposto é que foram datadas as diversas opções de travessia. Outro marco importante foi a fundação da escola de informática com a proposta de aprendizado e integração do Ilhéu ao mundo através da Internet. Por fim, o sinal de celular beneficiou tanto o turista com informações em tempo real, como o empreendedor no processo de atendimento ágil e simultâneo. Na pesquisa de campo deste trabalho apenas um entrevistado não deu tanta ênfase ao uso do aplicativo *WhatsApp* na sua pousada.

O perfil do turista da primeira etapa em que ocorreu o turismo na Ilha tem uma leve semelhança com os que a frequentaram no período de seu renascimento até a chegada da energia elétrica. O parecer comum entre eles era não se importar muito com a falta de conforto proveniente das tecnologias, mas sim aproveitar o que a Ilha oferecia. O alto poder aquisitivo dos primeiros frequentadores os permitia fazer melhorias para que seus longos períodos de férias transcorressem da melhor forma possível. Já para a maioria dos turistas após a implantação da energia elétrica na Ilha via COPEL, o objetivo é desfrutar do belíssimo cenário Ilhéu tendo as mesmas comodidades de seu lar.

A publicação *Modernização tecnológica e desenvolvimento na Ilha do Mel/PR: uma análise preliminar* (FERREIRA; TELLES, 2017) abriu o caminho para a

concretização da atual linha do tempo. No trabalho, as informações eram de que houve na Ilha um turismo intenso e de alto luxo nas primeiras décadas do século XX, o que intrigou a busca na literatura para desvendar como em uma época em que a globalização e as tecnologias ainda engatinhavam tal movimento turístico podia ter acontecido na Ilha do Mel.

O resultado desta procura originou o artigo *Os primórdios do turismo e o uso das tecnologias na Ilha do Mel (Paraná, Brasil)* (FERREIRA; BRAMBATTI, 2018), o qual contribuiu na questão da análise entre o perfil do turista da primeira fase do turismo na Ilha e o atual. Pode-se dizer que naquele tempo, apesar dos frequentadores usufruírem de tecnologias (ainda incipientes na época) em suas residências, o que se deduz pelos seus depoimentos é que eles se adaptavam à falta das tecnologias na Ilha, como por exemplo, a energia elétrica.

Atualmente, nem mesmo a compra de passagens e reservas podem ser feitas sem o uso das tecnologias, e ao chegar à Ilha do Mel o turista conta com as comodidades disponibilizadas pelas tecnologias, além do encantador panorama Ilhéu.

Com o advento da Internet, as TICs ganharam projeção e aos poucos foram, transformando o perfil do consumidor, no caso aqui do turista, que a qualquer momento tem o poder de expressar-se globalmente. De forma rápida, os empreendimentos adaptaram-se à necessidade do turista, sendo a disponibilização do *wi-fi* um exemplo atual. Observou-se que o perfil dos empreendedores também mudou e está voltado às inovações tecnológicas cada vez mais de ponta, para atender este novo visitante. Como corroborado por Telles (2007), houve melhoria na qualidade dos serviços oferecidos na Ilha, devidos em parte pelo novo perfil do turista.

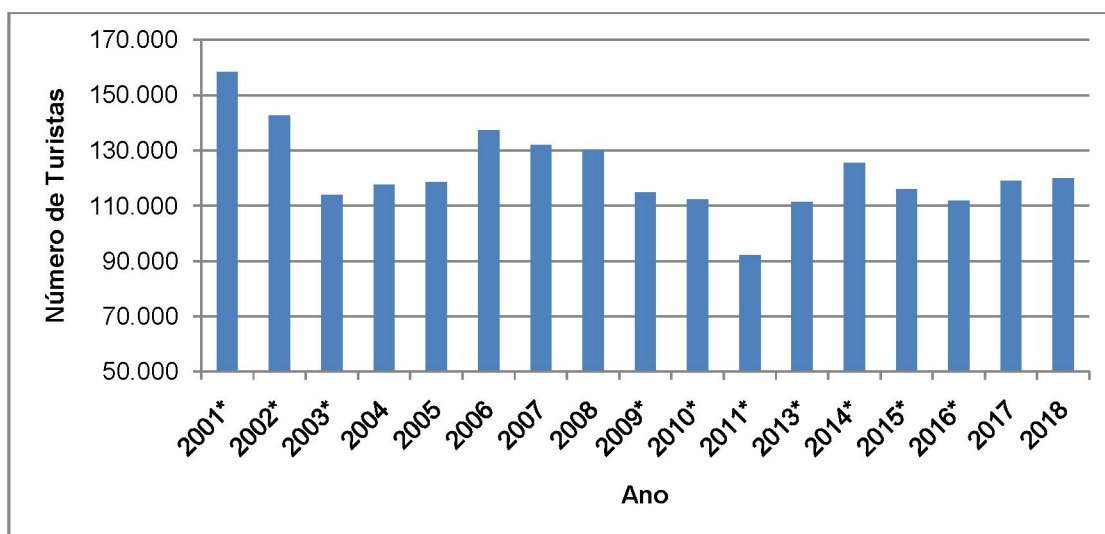
A matriz de periodização utilizou dados até 2014 com o sinal de celular por entender que partir do uso do celular a Ilha está integrada às tecnologias de comunicação e informação. Por meio da utilização das TICs e dos aplicativos disponibilizados, as mudanças na condução do relacionamento entre prestadores de serviço com os clientes e a gestão dos negócios passaram a ser aceleradas dando origem a inovações constantes.

Por meio das observações de campo deste trabalho, corroboradas pela unanimidade das respostas dos entrevistados, constatou-se que com o uso das tecnologias aumentou em muito o fluxo turístico na Ilha. Porém ao fazer uma

correlação entre o gráfico 1 do fluxo turístico com base nos dados do quadro 7, e a matriz de periodização, surge uma contradição, isto é, mais tecnologias menos turistas. Uma possível explicação para tal disparidade se deve à falta da disponibilização de dados precisos da entrada de turistas.

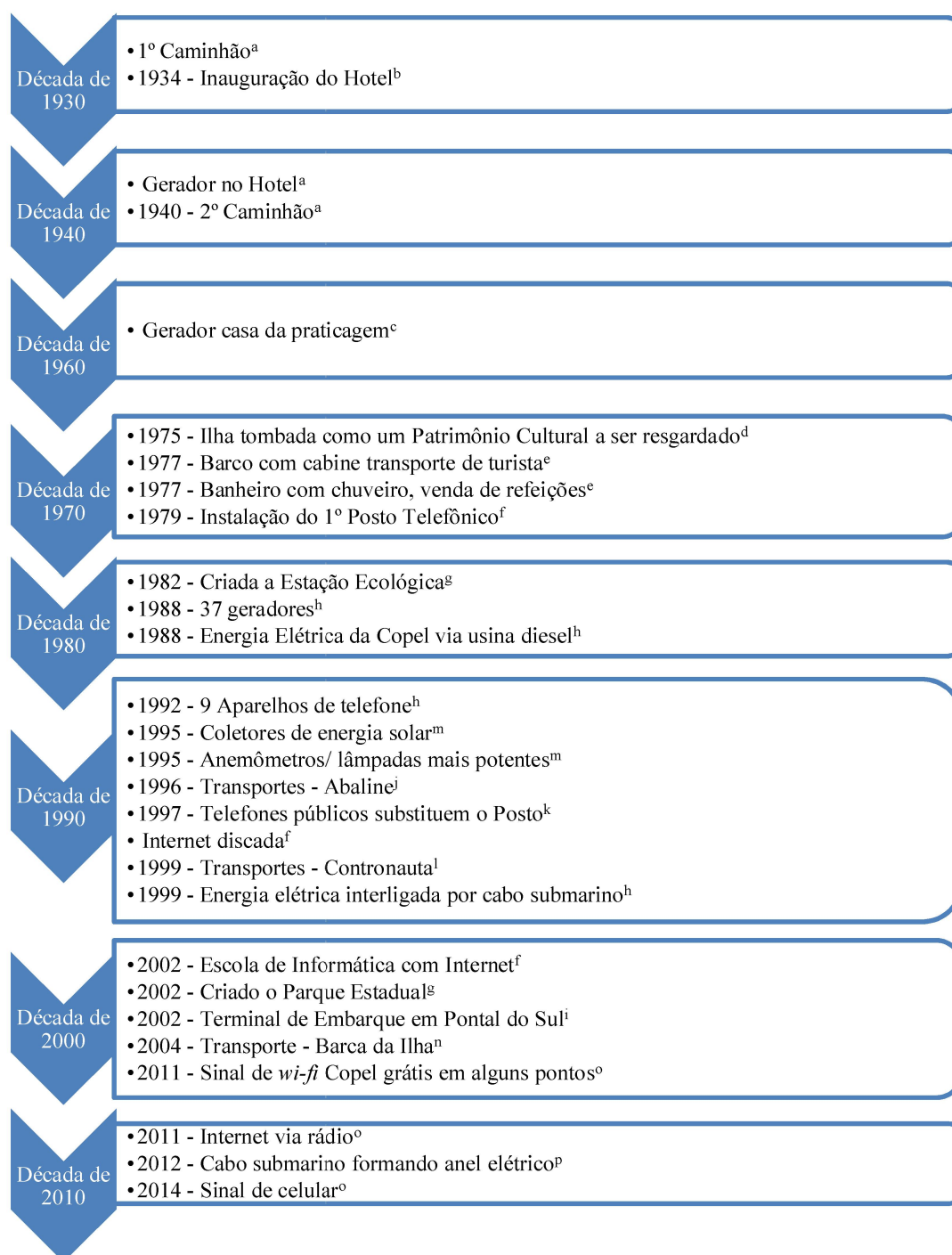
Outro ponto relevante foi quanto ao controle da capacidade de carga. Os empreendedores que contratam funcionários do continente para trabalhar na alta temporada disseram que precisam cadastrá-los para garantir a permissão de seu retorno. Por esse lado verificou-se o rigor do controle nos períodos de maior pico.

GRÁFICO 1 – FLUXO TURÍSTICO NA ILHA DO MEL



FONTES: 2001 – SETU (2012); 2002-2003 ESTEVES (2004); 2004 à 2011 SETU (2012); 2013 à 2018 ABALINE (2019). * somente dados de embarque em Pontal do Sul.

FIGURA 10 - MATRIZ DE PERIODIZAÇÃO



Fonte³: Elaborado pela autora a partir de dados dispostos no texto.

³ Modificado de FERREIRA; TELLES (2017). a - IPHAN (2012); b - RODRIGUEZ (1984); c - FERNADES (1985); d - HARDER (2014); e - KRAEMER (1978); f - PESQUISA DE CAMPO (2019); g - TELLES (2007); h - REICHMANN NETO (1999); i - SCHENA (2006); j - ABALINE (2019); k - DIÁRIO POPULAR (1997); l - ILHA DO MEL PRESERVE (2019); m - SATO (1995); n - BARCA da ILHA(2019); o - JORNAL DO POVO DO PARANA (2014); p - AGÊNCIA ESTADUAL DE NOTÍCIAS (2012).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca por melhores condições de vida é inerente ao ser humano desde os primórdios da cultura humana. Este, ao longo do tempo, tem inventado ferramentas e técnicas, onde cada descoberta ou invenção o deixavam qualitativamente num patamar superior. As grandes navegações criaram a possibilidade de comercializar em outros territórios, o que, por vezes, acabou gerando trocas culturais. Esses movimentos interativos acompanhados cada vez mais de novas tecnologias foram abrindo caminho ao que atualmente chamamos de globalização.

Não resta dúvida que a globalização foi um processo que contou com as tecnologias no seu desencadeamento e, hoje, elas são praticamente indissociáveis. O alcance e a simultaneidade das informações veiculadas pelas mídias no presente têm projeção mundial instantânea. Contudo, nas estatísticas de acesso à Internet, o número de pessoas excluídas ainda é gigante, o que representa uma contradição social.

Por outro lado, as TICs empoderam o consumidor, especialmente no mercado turístico e, para comportar esse novo perfil, surgiram modalidades diferenciadas das habituais, diversidade de segmentos turísticos e inovação nos meios de transporte e de alojamento. Para seduzir este nicho, as mais variadas amenidades são oferecidas, sendo uma das mais pedidas o sinal de *wi-fi*.

Na Ilha do Mel não circulam veículos automotores, mas as demais comodidades tecnológicas estão presentes. A satisfação do cliente tem sido uma preocupação constante dos empreendedores locais, mas faltam algumas medidas por parte de órgãos públicos, especialmente no quesito saneamento básico e segurança os quais, muitas vezes, deixam a desejar.

Outros fatores preocupantes são a falta de acessibilidade que inibe parcela de visitantes e a ausência de uma estrutura mais robusta no trapiche na comunidade de Brasília, a qual tem ocasionado incidentes.

A Ilha está integrada às TICs e a relação do turismo com o seu uso é fundamental para que a atividade turística aconteça. O turismo na Ilha correlaciona-se com as TICs desde o início da compra da passagem até o final da viagem, fechando com o *feedback*. Os entrevistados, mesmo de forma empírica, alegam que, com o uso dos aplicativos disponíveis, o fluxo turístico aumentou

consideravelmente. Porém esta declaração não é congruente com os dados estatísticos da entrada de visitantes, verificados no controle de venda de travessia para a Ilha, feito pela ABALINE, com as datas em que os aplicativos foram disponibilizados.

O que colaborou para que a afirmação de que o fluxo aumentou, foi a constatação da implantação, em caráter informal, dos taxis náuticos e lanchas particulares, os quais muitas vezes fora do período sazonal não passam pelo controle existente nos terminais de embarque oficial presumindo-se assim que o fluxo de entrada seja maior do que o disponibilizado.

A hipótese deste trabalho de que o uso dos aplicativos via tecnologia de informação e comunicação, bem como o acesso às tecnologias em uso facilitaram o relacionamento entre os empresários do setor turístico e os turistas foi confirmada.

O que deu suporte a hipótese são as afirmações dos entrevistados que consideram não ser possível ter o movimento atual de turistas sem o uso dos aplicativos facilitados pelas TICs e pelas tecnologias tais como o ar condicionado, refrigeração e ventilador. Argumentaram que o turista tem mais segurança ao usar os aplicativos, como exemplo o *WhatsApp* que, em tempo real, permite troca de informação por áudio, mensagem ou vídeo durante a viagem e a estadia, com baixo custo.

A Ilha é protegida por leis ambientais, onde novas construções e ampliações prescindem autorizações legais. Essas medidas visam preservar todas as formas de vida existentes no local e assegurar que no futuro a Ilha possa continuar a ser visitada. Através das TICs será possível lançar estratégias para captar também outros segmentos turísticos, uma vez que a Ilha dispõe de atrativos e infraestrutura para tal.

Vale comentar que as mudanças sócio-culturais percebidas na Ilha são fruto de um conjunto de fatores. Uma das causas desta transformação ganhou força com o triunfo do capitalismo inerente à globalização, o que levou o nativo a buscar outras formas de ganho, principalmente porque as atividades rotineiras do Ilhéu como a pesca tornaram-se inviável financeiramente.

Pela observação, pode-se afirmar que as tecnologias trouxeram ao Ilhéu melhor qualidade de vida, viabilizando serviços que podem ser feitos *online* sem a necessidade de deslocamento para o continente, como cursos, educação a distância (EAD), pagamento de contas, comunicação e informação a custo baixo,

além do aumento da amplitude do *marketing* de divulgação da Ilha para o mundo retornando em lucratividade com o turismo, principal atividade econômica exercida na Ilha no momento.

Durante as conversas informais desta pesquisa e as visitas de observação, constatou-se também que em tempo de veraneio os visitantes são diversificados, porém para pessoas com menor poder aquisitivo o tempo de permanência é menor, se comparados aos anos anteriores. O alto preço da travessia de acesso e do estacionamento em Pontal do Sul, somados ao custo do alojamento e alimentação na Ilha, são fatores limitantes para turistas de baixa renda. Outra mudança é que alguns *campings* fecharam, pois a preferência é por quartos mais confortáveis, sendo o custo mais alto. Além disso, o grande número de táxis náuticos e de lanchas particulares revela uma nova realidade.

Frente aos dados coletados e analisados, conclui-se que o objetivo principal deste trabalho foi atingido. As tecnologias modernizaram a Ilha integrando-a ao mundo globalizado, ainda que em alguns lugares da Ilha o sinal de celular ainda seja falho. No período em que se realizou esta pesquisa, a Ilha utiliza e conta com as ferramentas tecnológicas imprescindíveis para o bom andamento da atividade turística.

Quanto aos objetivos específicos, pode-se afirmar que as tecnologias de comunicação e informação empoderaram os estabelecimentos, dando-lhes visibilidade através do *marketing* de divulgação, da agilidade no atendimento, padronizando o sistema de reservas, e do *check-in* e do *check-out*, aproximando os clientes dos prestadores de serviços.

Com o uso das TICs as belezas cênicas da Ilha e o seu patrimônio histórico são valorizados através das inúmeras postagens dos turistas e de *Selfies* e fotos remetidas às redes sociais de forma imediata. A globalização por meio das tecnologias concretizou a relação global-local e vice-e-versa, visto a presença de turistas nacionais e estrangeiros que visitam a Ilha.

A perspectiva de estudos futuros consiste em aprofundar a pesquisa, analisando o possível retomo do turismo elitizado, agora embasado nas TICs. O estudo da relação entre tecnologia e o turismo pode ser usado para implementar políticas que incentivem o fluxo turístico o ano inteiro dentro da capacidade de carga.

8 REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **Turismo mundial registrou crescimento de 6% em 2017**. Madri, 2018. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2018-01/turismo-mundial-registrou-crescimento-de-6-em-2017>>. Acesso em: 22 mai. 2018.

AGÊNCIA ESTADUAL DE NOTÍCIAS. **Copel conclui lançamento de cabos subaquáticos no litoral**. Disponível em: <<http://www.aen.pr.goc.br/modules/noticias/article.php?storyid=72491>>. Acesso em 29 mai. 2017.

ANDRADE, A. L. **Sabre compra Abacus, maior GDS da Ásia**. Não paginado. 14 mai. 2015. Disponível em: <https://www.panrotas.com.br/noticia-turismo/tecnologia/2015/05/sabre-compra-abacus-maior-gds-da-asia_114165.html>. Acesso em: 19 nov. 2018.

ASSOCIAÇÃO de barqueiros do litoral norte do Paraná (ABALINE). Disponível em: <<http://www.abaline.com.br/>>. Acessado em: 29 de jun. 2019.

ATHAYDE, S. F.; TOMAZ, L. M. Áreas naturais protegidas e comunidades locais da Ilha do Mel, PR, Brasil. **Neritica**, Curitiba, v. 9, p. 49-91, 1995.

BEM vindos à Barca da Ilha. Disponível em: <<https://www.barcadailha.com.br/>>. Acesso em: 10 mar. 2019.

BENI, M. C. **Análise estrutural do turismo**. 10. ed. São Paulo: SENAC, 2004.

_____. **Globalização do turismo: Megatendências do setor e a realidade brasileira**. 2. ed. São Paulo: ALEPH, 2003.

BIZ, A. A.; CERRETA, F. Uso das tecnologias da informação e comunicação (T.I.C.) na gestão dos destinos turísticos. In: Seminário Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo (ANPTUR), 4., 2007, São Paulo. **Anais do Seminário da ANPTUR.**

BIZ, A.; LOHMANN, G. A importância da Internet para as Agências de Viagens Brasileiras utilizadoras do GDS Amadeus. **Revista Turismo & Desenvolvimento**, Aveiro, Portugal, v. 2, n. 2, p. 73-83, 2005.

BLOG GAZIN ATACADO. **As amenidades que seus hóspedes realmente querem.** Não paginado. Disponível em: <<http://blog.gazinatacado.com.br/amenidades-hotelaria/>>. Acesso em: 14 nov. 2018.

BLOG PALPITE DIGITAL. **O que é kit de amenities?** Não paginado. Disponível em: <<https://www.palpitedigital.com.br/wp/2015/12/01/kit-amenities/>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

BRAMBATTI, L. E. **Racionalização, Cultura e Turismo em Meio Rural na Serra Gaúcha.** 2006. 277f. Tese (Doutorado em Sociologia) — Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

BRASIL - Estudos da competitividade do turismo brasileiro: Tecnologia da informação aplicada ao turismo. 2006. Disponível em: <https://www.eco.unicamp.br/neit/images/stories/arquivos/TECNOLOGIA_DA_INFORMACAO_APLICADA_AO_TURISMO.pdf>. Acesso em 14 nov. 2018.

BRASIL. Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9985.htm>. Acesso em: 18 nov. 2018.

BRINGEL, B.; MUNÓZ, E. E. Dez anos de Seattle, o movimento antiglobalização e a ação coletiva transnacional, I. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 46, n. 1, p. 28-36, 2010. DOI. 10.4013/csu.2010.46.1.04. Disponível em: <<http://revistas>

unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/viewFile/168/38>. Acesso em: 30 set. 2018.

BOOKING.COM. Disponível em: <https://www.booking.com/searchresults.pt-br.html?aid=1726433;label=pousada-da-ilha-ilha-do-mel-WYHZoyzERN_0btU5S%2AvluAS337737169800%3Apl%3Aata%3Ap1%3Ap2%3Aac%3Aap1t1%3Aneg%3Afi%3Atiaud-297601666275%3Akwd-343479564914%3Alp1001634%3Ali%3Adec%3Adm;sid=501f67f579c661512699e17d31ad934a;city=174533;expand_sb=1;highlighted_hotels=1429695;hlrd=no_dates;keep_landing=1;redirected=1;source=hotel&gclid=EAlalQobChMIxu3BiZyH5AIVQQmRCh2TXwEIEAAYASAAEgLE9vD_BwE&>. Acesso em: 16 ago. 2019.

BUHALIS, D.; LAW, R. Progress in information technology and tourism management: 20 years on and 10 years after the Internet – The state of eTourism research. **Tourism Management**, v. 29, n. 4, p. 609-623, 2008. DOI. 10.1016/j.tourman.2008.01.005. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0261517708000162?via%3Dihub>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

BUHALIS, D. T. Strategic use of information technologies in tourism industry. **Tourism Management**, v. 19, n. 5, p. 409-492, 1998. DOI. 10.1016/S0261-5177(98)00038-7. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0261517798000387>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

CAIÇARA. In: HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 562.

CAMARGO, F. Cai pela metade o número de turista na Ilha do Mel. **Folha de Londrina**, Londrina, 31 jan. 1996. Caderno Curitiba Sul, p. 1.

CARDOSO, I. N. A. **Mídias sociais e o cinema: Um estudo sobre o YouTube**. 70 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) — Área de concentração em Processos Midiáticos na cultura Audiovisual, Comunicação Contemporânea, Universidade

Anhembi Morumbi, São Paulo, 2014. Disponível em: <http://portal.anhembi.br/wp-content/uploads/dissertacoes/comunicacao/2014/Dissertacao_Isis_Nalba_Albuquerque_Cardoso.pdf>. Acesso em: 29 set. 2018.

CARDOSO, T. Da beleza natural à sofisticação. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 24 fev. 1985. p. 20.

CARNEIRO, D. **A História do Incidente Cormorant**. Curitiba: Ex Libris, 1950.

CASTELLS, M. **A era da informação, economia, sociedade e cultura**. 2. ed. São Paulo: Paz & Terra, 1999. v. 1: A sociedade em rede.

COPEL conclui lançamento de cabos subaquáticos no litoral. Disponível em <<http://www.aen.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=72491>>. Acesso em: 29 mai. 2017.

CORONEL, D. A.; SILVA, J. M. A. O conceito de Tecnologia, Álvaro Vieira Pinto. **Revista Economia & Tecnologia**, ano 6, v. 20, p. 181-186, jan./mar. 2010. Resenha. DOI. <http://dx.doi.org/10.5380/ret.v6i1.27033>. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/ret/article/view/27033/0>>. Acesso em 30 mai. 2019.

CRESWELL, J. W. Cinco abordagens qualitativas de investigação. In: _____. **Investigação Qualitativa e Projeto de Pesquisa: Escolhendo entre Cinco Abordagens**. Porto Alegre: Penso, 2014, p. 67-96.

DENKEWICZ, P. **Cultura e Natureza: Desenvolvimento Comunitário na Ilha do Mel, Paraná**. 116 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Comunitário) — Universidade Estadual do Centro Oeste, Irati, 2016. Disponível em: <<http://tede.unicentro.br:8080/jspui/bitstream/tede/244/1/PR%20043%20Patricia%20Denkewicz.pdf>>. Acesso em: 23 dez. 2017.

DIAS, G. M.; BONOTTO, D.M. B. As escalas local e global apresentadas em teses e dissertações brasileiras de educação ambiental. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 20, n. 3, p. 703-719, 2014. DOI. <http://dx.doi.org/10.1590/151673132014000300012>. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v20n3/1516-7313-ciedu-20-03-0703.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

DOMINGUES, L. Booking.com revela que café da manhã é mais importante do que *Wi-Fi* para brasileiro. **Revista Hotéis**, 20 agosto 2018. Disponível em: <<http://www.revistahoteis.com.br/booking-com-revela-que-cafe-da-manha-e-mais-importante-do-que-wi-fi-para-brasileiro/#>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

ESTEVES, C. J. O. **Turismo e Qualidade da Água na Ilha do Mel (litoral do Paraná)**. 2004. Dissertação (Mestrado em Geografia) — Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

FARIAS, S. C. Os benefícios das tecnologias da informação e comunicação (TIC) no processo de educação a distância (EAD). **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação Campinas**, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 15-29, 2013. DOI. <https://doi.org/10.20396/rdbci.v11i3.1628>. Disponível em: <<https://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php>>. Acesso em: 10 set. 2018.

FERNANDES, H. V. A vida na Ilha. **Voz do Paraná**, Curitiba, 21 dez. 1975. p. 22.

_____. **Ilha do Mel, Ontem e Sempre**. Curitiba: Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, 1985.

FERNANDES, E. R.; ZITZKE, V. A. A evolução da técnica e o surgimento da tecnologia no contexto econômico e educacional. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA UFG/ JATAÍ: HISTÓRIA E DIVERSIDADE CULTURAL, 3., 2012, Jataí, GO, **Anais...** Jataí, 2012. Disponível em: <[http://www.congressohistoriajatai.org/anais2012/Link%20\(147\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2012/Link%20(147).pdf)>. Acessado em: 20 mai. 2019.

FERNANDES, S. C. A. **As Tecnologias de Informação e Comunicação no Ensino e Aprendizagem de História**: Possibilidades no Ensino Fundamental e Médio. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, MS, 2012.

FERRARI, A. M. **Telecomunicações**: Evolução & Revolução. 2.ed. São Paulo: Érica, 1998.

FERREIRA, A. E. M.; BRAMBATTI, L. E. Os primórdios do turismo e o uso de tecnologias na Ilha do Mel (Paraná, Brasil). In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 15., 2018, São Paulo. **Anais do Seminário da ANPTUR**.

FERREIRA, A. E. M.; TELLES, D. H. Q. Modernização tecnológica e desenvolvimento na Ilha do Mel/PR: Uma análise preliminar. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL SUSTENTÁVEL, 2., 2017, Matinhos, Paraná. **Anais...** p. 537-548.

FERREIRINHA, M. S. G. **O papel das aplicações móveis no turismo – o caso Zarco**. Dissertação (Mestrado em Marketing Digital) — Instituto Superior de Contabilidade, Instituto Politécnico do Porto, Portugal, 2017. Disponível em: <http://recipp.ipp.pt/bitstream/10400.22/11193/1/marta_ferreirinha_MMD_2017.pdf>. Acesso em: 29 set. 2018.

FIGUEIREDO, J. C. **Contribuição para a geografia da Ilha do Mel**. Tese (Doutorado em Geografia) — Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1954.

FONT, J. N.; RUFÍ, J. V. **Geopolítica, identidade e globalização**. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2006.

FRIEDMAN, T. L. **Compreender a globalização: O Lexus e a Oliveira**. Lisboa: Quetzal Editores, 2000.

GALAFASSI, F. Modernidades não escondem as belezas da Ilha do Mel. **Jornal do Estado**, Curitiba, 29 jan. 2000. Folha Cidades, p. B.

GIDDENS, A. **Sociologia**. 6. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3114970/mod_resource/content/1/Anthony_Giddens_Sociologia.pdf>. Acesso em: 25 out. 2018.

GIL, A. C. **Dados e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atilhas S/A, 2008.

GODINHO, R.D. **Como foi inventada a televisão?** Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-foi-inventada-a-televisao/>>. Acesso em: 14 jan. 2019.

GONZAGA, C. A. M.; DENKEWICZ, P.; PRADO, K. C. P. Unidades de conservação, ecoturismo e conflitos ambientais na Ilha do Mel. **Revista ADMpg Gestão Estratégica**, Ponta Grossa, v. 7, n. 1, p. 61-67, 2014.

GORENDER, J. Globalização, mudanças tecnológicas e novos processos de trabalho e produção. In: Oliveira, F. A. M. **Globalização, regionalização e nacionalismo**. São Paulo: Editora UNESP (Prisma), 1999. p. 129-140.

GUIA turístico – Ilha do Mel – Prefeitura de Paranaguá. Disponível em: <<http://www.paranagua.pr.gov.br/conteudo/guia-turistico/ilha-do-mel>>. Acesso em: 28 dez. 2018.

HALLAGE, D. O caminho para o mel. **Jornal do Estado**, Curitiba, 18 set. 2001. Espaço Universitário, p. B5.

HARDER, E. **A constitucionalização dos direitos culturais no Brasil e os sentidos de uma perspectiva patrimonial**. 2014. Tese (Doutorado em Direito) — Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/36525/R%20-%20T%20-%20EDUARDO%20HARDER.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

HASSAN, H. **Tecnologias de Informação e Turismo: e-tourism**. 85 f. Dissertação (Mestrado em Lazer, Patrimônio e Desenvolvimento) – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Portugal, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10316/19126>>. Acesso em: 3 jan. 2018.

HIRST, P.; THOMPSON, G. **Globalização em questão** — A economia internacional e as possibilidades de governabilidade. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

IANNI, O. Nação: província da sociedade global? In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A.; SILVEIRA, M. L. **Território: Globalização e Fragmentação**. São Paulo: HUCITEC, 2006.

_____. **A sociedade global**. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

ILHA do Mel, beleza que requer cuidados. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 30 dez. 1984. p. 28.

ILHA do Mel cada dia mais conectada. Veja os serviços disponíveis. Disponível em: <<https://bandnewsfmcuitiba.com/giro-no-litoral-ilha-do-mel-cada-dia-mais-conectada-veja-os-servicos-disponiveis/>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

ILHA do Mel ganha cinco novos telefones públicos a cartão. **Diário Popular**, Curitiba, 5 e 6 jan. 1997. p. 13.

ILHA do Mel ganha destaque em qualidade de hospedagem. **Folha do Litoral**, 04 mai. 2017. Não paginado. Disponível em: <<https://folhadolitoral.com.br/turismo/ilha-mel-ganha-destaque-em-qualidade-de-hospedagem/#.XDsbvIKjIU>>. Acesso em: 12 jan. 2019.

ILHA do Mel Preserve, Boletim nº 15. Disponível em: <<http://www.ilhadomelpreserve.com.br/novidadesultimasboletim15.htm>>. Acesso em: 29 de mai. 2017.

_____. Disponível em: <<https://www.ilhadomelpreserve.com.br/cotranauta.htm>>. Acesso em: 05 de mai. 2019.

_____. Disponível em: <<http://www.ilhadomelpreserve.com.br/ilhadomelgeografia.htm>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

INSTITUTO AMBIENTAL DO PARANÁ. Reforma de trapiche da Ilha do Mel traz mais conforto para moradores e turistas. Disponível em: <<http://www.iap.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=627>>. Acesso em: 18 mai. 2019.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL-Superintendência Estadual do Paraná. **Memória da Ilha do Mel**. 19. ed. Curitiba: Graciosa, 2012.

_____. Superintendência Regional do Paraná. **A Fortaleza da Ilha do Mel**. 19. ed. Curitiba: Vitagraf, 2004.

INTERNET World Stats. Disponível em: <www.internetworldstats.com>. Acesso em 30 mai. 2019.

INTERNET no litoral: Ilha do Mel está cada dia mais conectada. Disponível em: <<http://jornaldopovoparana.com/internet-no-litoral-ilha-do-mel-esta-cada-dia-mais-conectada/>>. Acesso em: 29 de mai. 2017.

KIM, K. M. **Avaliação da sustentabilidade do modelo de desenvolvimento vigente na Ilha do Mel – Pr.** Monografia (Bacharelado em Ciências do Mar) — Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Pontal do Paraná, PR, 2004. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/36686/Kim.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 15 fev. 2018.

KRAMER, M. C. **Malhas da Pobreza:** Exploração do trabalho de pescadores artesanais na Baía de Paranaguá. 185 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1978.

_____. **Malhas da pobreza:** exploração do trabalho de pescadores artesanais na Baía de Paranaguá. Curitiba: Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico Paranaense, 1985.

KUSSLER, L. M. Técnica, tecnologia e tecnociencia: da filosofia antiga à filosofia contemporânea. **Kínesis**, v. 7, n° 15, p.187-202, dez. 2015. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/13_leonardokussler.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2019.

LABADESSA, E. O uso das redes sociais na internet na sociedade brasileira. **Revista Metropolitana de Sustentabilidade**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 82-94, mai./ago. 2012. Disponível em: <www.revistaseletronicas.fmu.br/index.php/rms/article/download/62/pdf_1>. Acesso em: 13 ago. 2018.

LIMA, D. L. F.; ALMEIDA, L. P. C. M.; CAVALCANTE, A. G. B. **A utilização do whatsapp como ferramenta de construção inicial de um trabalho de conclusão de curso.** 9 f. Trabalho Acadêmico — Universidade de Fortaleza, Ceará, 2017. Disponível em: <<https://unifor.br/documents/20143/718764/A+utilizacao+do>>

+whatsapp+como+ferramenta+de+construcao+inici.pdf/c64a51e8-c8a1-6c26-ec6f-779f5b8cedd7>. Acesso em: 30 set. 2018.

MACHADO, L. P.; ALMEIDA, A. **Inovação e novas tecnologias**. Porto, Portugal: Sociedade Portuguesa de Inovação, 2010. Disponível em: <http://www.spi.pt/documents/books/turismo/docs/Manual_III.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2018.

MAGALHÃES, C. A. L. **Impacto da Internet na intermediação das agências emissoras a operar em Portugal**. Dissertação (Mestrado em Turismo) — Curso de Mestrado em Gestão de Empresas Turísticas, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, Portugal, 2014. Disponível em: <<http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/5928/Impato%20da%20internet%20na%20intermedia%C3%A7%C3%A3o%20das%20ag%C3%A2ncias%20de%20viagens%20emissoras%20a%20operar%20em%20Portugal.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 11 jun. 2018.

MANCILLA, O. R. **A importância da Internet para o desenvolvimento das vendas no Brasil**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração) – Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis, Fundação Educacional do Município de Assis. Assis, 2014. Disponível em: <<https://cepein.femanet.com.br/BDigital/arqTccs/1111390013.pdf>>. Acesso em 30 set. 2018.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas S/A, 2003.

MARTINS, A. **Cresce a participação do Turismo no PIB nacional**. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br/%C3%BAltimas-not%C3%ADcias/12461-cresce-a-participa%C3%A7%C3%A3o-do-turismo-no-pib-nacional.html>>. Acesso em: 01 ago. 2019.

METADE da população mundial ligada à Internet mas acesso global só em 2042 - inventor da Web. **RTP Notícias**, 12 mar. 2018. Mundo, não paginado. Disponível em: <https://www.rtp.pt/noticias/mundo/metade-da-populacao-mundial-ligada-a-internet-mas-acesso-global-so-em-2042-inventor-da-web_n1063262>. Acesso em: 29 dez. 2018.

MIRANDA, G. L. Limites e possibilidades das TIC na educação. **Sísifo/Revista de Ciências da Educação**, n. 3, p. 41-50, 2007.

MOURA, E. A. **A Corozinha da Ilha do Mel**: Territorialidade de uma comunidade tradicional de pescadores(as) artesanais na Ponta Oeste, Paranaguá - PR. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Territorial Sustentável) — Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, Matinhos, 2016. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/45317/R%20-%20D%20-%20EZEQUIEL%20ANTONIO%20DE%20MOURA.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 22 nov. 2018.

NIEFER, I. A. **Análise do perfil os visitantes das Ilhas do Superagüi e do Mel**: Marketing como instrumento para um turismo sustentável. Tese (Doutorado em Ciências Florestais) — Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.

NUNES, M, G. Disponível em: <<https://lh3.googleusercontent.com/p/AF1QipOoRqVhThFd2TnV-kYXLNrkYKBfBtDPB76knt=w296-h202-n-k-rw-no-v1>>. Acesso em: 16 ago. 2019.

OLIVEIRA, E. A. A técnica, a techné e a tecnologia. **Itinerarius Reflectionis**, v. 2, n. 5, jul./dez. 2008. DOI. 10.5216/RIV.V2I5.510. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/rir/article/download/20417/19175/>>. Acesso em: 23 out. 2018.

PARA chegar a Ilha usa-se barco. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 27 fev. 1983. Jornal das Praias, p. 9.

PARANÁ. Decreto nº 3502, de 03 de setembro 1997. **Diário Oficial**, nº 5081, 03 set. 1997. Disponível em: <http://www.colit.pr.gov.br/arquivos/File/Legislacao/DECRETO_3502_03_set_1997.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2018.

PARANÁ. Instituto Ambiental do Paraná. Portaria IAP nº 087, de 19 de maio de 2005. Curitiba, 2005.

PARANÁ. Lei nº 16.037, de 8 de janeiro de 2009. **Diário Oficial do Paraná Executivo**, Curitiba, PR, Edição Digitalizada nº. 7885, 8 jan. 2009. p. 3-5. Disponível em: <<https://www.documentos.dioe.pr.gov.br/dioe/consultaPublicaPDF.do?action=pgLocalizar&enviado=true&numero=7885&dataInicialEntrada=&dataFinalEntrada=&search=&diarioCodigo=3&submit=Localizar&localizador=>>>. Acesso em: 9 mar. 2018.

PAZZINI, D. N. A.; ARAÚJO, F. V. **O uso do vídeo como ferramenta de apoio ao ensino aprendizagem**. Artigo Científico de Conclusão de Curso — Especialização em Mídias da Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/729/Pazzini_Darlin_Nalu_Avila.pdf?sequence=>>. Acesso em: 25 out. 2018.

PREFEITURA DE PARANAGUÁ – FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE TURISMO. **Plano Master De Turismo De Paranaguá**. Disponível em :<<http://www.paranagua.pr.gov.br/imgbank2/file/fumtur/Plano%20M%C3%A1ster%20de%20Turismo%202013-2020%20-%20Executivo.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2018.

PROJETO LITORAL NOTA CEM. Disponível em :<<http://litoralnotacem.com.br/ilhadomel/ilhadomel.html>>. Acesso em: 08 mai. 2019.

QUE os prazeres conservem seu sacrário, amém. **Jornal Correio de Notícias**, Curitiba, 16 jan. 1987. p. 19.

Portal da Ilha do Mel. Disponível em: <<https://www.ilhadomel.net/reforma-garante-seguranca-no-embarque-para-ilha-do-mel/>>. Acesso em: 10 mar. 2019.

REICHMANN NETO, F. **As inter-relações da energia elétrica com aspectos de conforto e modernidade em pequenas comunidades:** Um estudo de caso na Ilha do Mel — Pr. 224 f. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento) — Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1999.

RIBAS, L. F. O.; BARACHO, J. C. G. Saneamento básico domiciliar e alguns indicadores sócio-econômicos e sanitários da população fixa da Ilha do Mel, Município de Paranaguá – PR (Brasil). In: **PRÊMIO Samuel Pessoa 1983 monografias sobre medicina preventiva e saúde pública:** trabalhos premiados. Curitiba: Editora UFPR, 1985.

RIBEIRA, R. A Guerra Fria: Breves Notas para um Debate. **Novos Rumos**, v. 49, n.1, p.87-106, jan./jul. 2012. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/novosrumos/article/view/2374>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

RIBEIRO, A. Ilha do Mel continua refúgio. **O Estado do Paraná.** Curitiba, 21 jan. 1995. Paginação irregular.

ROCHA, A. R. P.; LEMES, P. H. S. Novas Tecnologias de Informação e um desafio para as agencias de viagens: O sistema global de distribuição, a internet e o agente de viagens. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE TURISMO DO IGUASSU, 5., 2011, Foz do Iguaçu, Paraná. **Anais...** Disponível em: <<http://festivaldeturismodascataratas.com/wp-content/uploads/2014/01/7.-NOVAS-TECNOLOGIAS-DE-INFORMA%C3%87%C3%83O-E-UM-DESAFIO-PARA-AS-AG%C3%84NCIAS-DE-VIAGENS.pdf>>. Acesso em: 30 set. 18.

ROCHA, C. A. S.; YAMANAKA, F.I.; SILVA, E. L. Tecnologias da Informação e Comunicação aplicadas ao Turismo: possibilidades e tendências. **NAVUS – Revista de Gestão e Tecnologia**, Florianópolis, SC, v.6, n. especial, p.13-34, nov. 2016.

Disponível em: <<http://navus.sc.senac.br/index.php/navus/article/viewFile/427/pdf>>.
Acesso em: 25 jul. 2018.

RODRIGUES, R. Ilha do Mel fim de um paraíso. **Jornal o Estado do Paraná**, Curitiba, 19 dez. 1984. p. 9.

SÁ, T. M. Os Estados Unidos e o fim da Guerra Fria. **Relações Internacionais**, Lisboa, n. 43, p. 15-29, set. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-91992014000300002&lng=pt&nrm=iso>.
Acesso em: 21 dez. 2018.

SAMPAIO, C. A. C. **Turismo como fenômeno humano**: Princípios para se pensar a sócio-economia. 1. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização do pensamento único à consciência universal**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. Disponível em: <http://www.geografia.fflch.usp.br/semangeo/pdf/Capitulos_do_livro.pdf>. Acesso em: 13 set. 2018.

_____. **Técnica, Espaço, Tempo**: Globalização e Meio Técnico-científico Informacional. 1. ed. São Paulo: EDUSP, 1994.

SATO, E. E. Copel testa coletor solar na Ilha do Mel. **Folha de Londrina**, Londrina, 12 nov. 1995. Caderno folha do Paraná, Curitiba Sul, p. 6.

SCHENA, F. **Turismo, estado, sociabilidades e mudança**: uma etnografia da vila de Encantadas, Ilha do Mel. 107 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) — Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/24150/Dissertacao%20Mestrado%20-%20Fernando%20Sचना.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

SCLIAR, M. Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/artigos/dois-centenarios>>. Acesso em: 30 jun. 2019.

Secretaria de Estado da Cultura, Coordenação do Patrimônio Cultural.

Disponível em: <<http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=59#main-content>>. Acesso em: 01 ago. 2017.

SECRETARIA DE ESTADO DO TURISMO (SETU). **Passageiros do Paraná – Dados.** Disponível em: <http://www.turismo.pr.gov.br/arquivos/File/estatisticas_2012/Passageiros_no_Parana_2000_2007.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2019.

_____. **Passageiros no Paraná – 2004/2008.** Disponível em: <http://www.turismo.pr.gov.br/arquivos/File/estatisticas_2012/Passageiros_no_Parana_2004_2008.pdf>. Acesso em 15 mai. 2019.

_____. **Passageiros no Paraná – 2007/2011.** Disponível em: <http://www.turismo.pr.gov.br/arquivos/File/estatisticas_2012/Passageiros_no_Parana_2007_a_2011.pdf>. Acesso em 15 mai. 2019.

_____. **Região Turística: Litoral do Paraná em Dados.** Curitiba, Nov. 2008. Disponível em: <http://www.turismo.pr.gov.br/arquivos/File/estatisticas_2012/Litoral_2000_2006.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2019.

SILVA, A. F. **As tecnologias de informação e comunicação na prática pedagógica:** concepções de Professores e Alunos de uma Escola de São Gonçalo, RJ. Dissertação (Mestrado) — Instituto de Educação, Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2016. Disponível em: <<http://recil.ulusofona.pt/bitstream/handle/10437/6997/Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 05 jan. 2019.

SILVA, F. R.; ANGELONI, M. T.; GONÇALO, C. R. As redes sociais digitais em estratégias de marketing: um estudo de caso em uma indústria de alimentos. **Gestão Contemporânea**, Porto Alegre, ano 10, n. 13, n.13, p. 97-121, 2013. Disponível em: <<http://seer4.fapa.com.br/index.php/arquivo/article/viewFile/207/120>>. Acesso em: 30 set. 2018.

SILVA, S. D. A. A.; MAFRA, N. A. C.; OLIVEIRA, F. B. B. As tecnologias de informação e comunicações utilizadas pelo Hotel Quality Suites Natal/RN - Brasil como meio de promoção e comercialização. **Revista Caribeña de Ciencias Sociales**, fev. 2017. Disponível em: <<http://www.eumed.net/rev/caribe/2017/02/natal.html>>. Acesso em: 22 ago. 2018.

SILVEIRA, M. A. Ecoturismo na Ilha do Mel/Paraná. In: Lima, R. E.; Negrelle, R. R. B. (Orgs). **Meio Ambiente e Desenvolvimento no Litoral do Paraná**: Diagnóstico. Curitiba: Editora da UFPR, 1998. p. 223-229.

_____. Infraestrutura de transportes, turismo e desenvolvimento Territorial. Um foco na Região Metropolitana de Curitiba e litoral do Paraná. In: **Transformações Territoriais: Experiências e Desafios**. Firkowski, O. L. C. F. (org). Rio de Janeiro: Letra Capital, 2010, p. 267-280.

SOARES, A.; DIAS, M.; MENDES FILHO, L. A experiência do turista e a hospedagem compartilhada através do uso das novas tecnologias no turismo: O caso Airbnb. **Revista Turismo e Desenvolvimento**, n. 27/28, p.1315-1324, 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/322641384_A_Experiencia_do_turista_e_a_Hospedagem_Compartilhada_atraves_do_uso_das_Novas_Tecnologias_no_turismo_O_caso_do_Airbnb>. Acesso em: 10 out. 2018.

SOARES, R. Amenidades - a imagem do seu hotel. **Hotelier News**, São Paulo, 04 jun. 2010. Disponível em: <<https://hoteliernews.com.br/noticias/artigo-amenidades-a-imagem-do-seu-hotel-16159>>. Acesso em: 25 nov. 2018.

SOUZA SANTOS, B. A crítica da governação neoliberal: O Fórum Social Mundial como política e legalidade cosmopolita subalterna. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 72, p.7-44, 2005. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/rccs/979>>. Acesso em 15 out. 2018.

_____. Os processos da globalização. In: SOUZA SANTOS, B. **A Globalização e as Ciências Sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.p. 25-102.

SPERB, M. P.; TELLES, D. H. Q. Gestão de Resíduos Sólidos e Turismo: O Tratamento Dado por Meios de Hospedagem e pelo Setor Público na Ilha do Mel, PR. **Revista Rosa dos Ventos Turismo e Hospitalidade**, v. 6, n. 4, p. 603-622, out./dez. 2014.

SUANNO, M. V. R. **Novas Tecnologias de Informação e Comunicação: Reflexões a partir da teoria Vygotsyana**. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/seminario2003/texto16.htm>>. Acesso em: 28 dez. 2018.

SUZIN, G. M. Dossiê Internet Espionagem Global. **Guia do Estudante Atualidades Vestibular+Enem**, São Paulo, 19. ed. p. 75-93, 1º semestre de 2014.

TELLES, A. **A revolução das mídias sociais – cases, conceitos, dicas e ferramentas**. São Paulo: M. Books, 2010.

TELLES, D. H. Q. **Análise sobre a situação socioambiental e atividade turística da vila de Encantadas, Ilha do Mel – Paraná**. 96 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/33656/R%20-%20D%20-z%20DANIEL%20HAUER%20QUEIROZ%20TELLES.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

TELLES, D. H. Q.; GANDARA, J. M. G.; Desenvolvimento do turismo e questões socioambientais na Vila de Encantadas, Ilha do Mel – Pr: Uma análise a partir da perspectiva da sociedade local. **Revista Turismo Visão e Ação – Eletrônica**, Itajaí, v. 11, n. 1, p. 23-40, jan./abr. 2009.

THOMAZ, G. M.; BIZ, A. A.; BETTONI, E. M.; MENDES, L. F. Mineração de Conteúdo em Mídias Sociais: análise de conteúdos publicados por usuários sobre atrativos turísticos de Curitiba - Paraná. **Marketing & Tourism Review**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, 2016. DOI. <https://doi.org/10.29149/mtr.v1i2.3846>. Disponível em: <<https://revistas.face.ufmg.br/index.php/mtr/article/view/3846> >. Acesso em: 5 set. 2018.

TRIGO, L. G. G. **Análise regionais e globais do turismo brasileiro**. São Paulo: Roca, 2005.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Um século de eletricidade no Paraná. Curitiba**: Companhia Paranaense de Energia, 1994.

VILANOVA JUNIOR, A. A. **Análise do turismo como vetor do desenvolvimento local**: estudo da cadeia produtiva do turismo na Localidade de Brasília — Ilha do Mel — Paraná — Brasil. Dissertação (Mestrado em Turismo) — Setor Ciências Sociais, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/39874/R%20-%20D%20-%20ARARE%20DE%20AZAMBUJA%20VILANOVA%20JUNIOR.pdf?sequence=2&isAllowed=y>>. Acesso em: 30 dez. 2018.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookmann: 2001.

ANEXO 1 - QUESTIONÁRIO



Universidade Federal do Paraná.
Programa de Pós- Graduação em Turismo

Mestranda Ana Elizabete Muraro Ferreira.
Orientador: Prof. Dr.Luiz Ernesto Brambatti.

O objetivo da presente pesquisa é analisar a evolução das tecnologias na Ilha do Mel –Pr. As entrevistas estão direcionadas aos proprietários ou representantes de empreendimentos ligados ao turismo há mais de dez anos.

1 - Local do empreendimento:

- Nova Brasília
- Farol
- Fortaleza
- Encantadas
- Praia Grande
- Outros: _____

2 - Há quanto tempo o estabelecimento está ativo na Ilha?

- 10 anos
- Entre 11 e 20 anos
- Mais de 20 anos.

3 - Quanto à administração é:

- Familiar
- Empresarial
- Mista

4 - Quais as *amenities* tecnológicas oferecidas no seu estabelecimento?

- Telefone
- Televisão
- Televisão a cabo
- WI-FI
- Leitor de DVD
- Ar condicionado
- Ventilador

- Frigo-bar
- Secador de cabelo
- Outros: _____

5 - Qual a relação do turismo com as tecnologias?

6 - Como é feito o marketing de divulgação? E com era feito antes?

7 - Quais os meios tecnológicos que utilizam para fazer reservas?

7a - Como eram feitas as reservas antes das tecnologias beneficiadas pelo advento da internet?

7b - Como é feito o controle de reservas?

8 - O que está pensando em implantar em termos de tecnologia no empreendimento?

8a - Qual a motivação da para implantar mais tecnologias?

9 - Qual/quais os aspectos negativos do uso das tecnologias de comunicação e informação?

10 - Utiliza cartões de débito/ crédito/outros para pagamentos?

- Sim. Há quanto tempo? _____
- Não. Por quê? _____

11a - Quais os aspectos positivos da utilização dos cartões de débito e crédito?

11b - E os aspectos negativos?

Nome do estabelecimento:

Entrevistado:

Cargo:

ANEXO 2 – DADOS DO FLUXO TURÍSTICO DA ILHA DO MEL FORNECIDOS PELA ABALINE VIA WHATSAPP

13/07/2019

As mensagens e chamadas dessa conversa estão protegidas com criptografia de ponta a ponta.

bom dia 10:56

vou te passar o relatório por aqui,já te enviei ontem mesmo naquele email que vc me deixou.mas acho que vc esteve aqui hoje,acredito que não tenha visto no email 10:57

Na dúvida vou te passar por aqui 10:57

Relatório de visitantes		
Ano	Pontal do Paraná	Paranaguá
2013	111.281	
2014	125.407	
2015	115.957	
2016	111.866	
2017	115.121	3.777
2018	113.509	6.362

10:58



+55 41 9597-5261

~Abaline

Visto por último: Sexta-feira às 17:25

Arquivos de mídia, links e documentos

Relatório de visitantes		
Ano	Pontal do Paraná	Paranaguá
13	111.281	
14	125.407	
15	115.957	
16	111.866	
17	115.121	3.777
18	113.509	6.362